

Francisca Sirleide Pereira



Memória da produção editorial científica da EDUFRN:
1962 - 1980

Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba
PPGCI/ UFPB

João Pessoa
2012

FRANCISCA SIRLEIDE PEREIRA

**Memória da produção editorial científica da EDUFRN:
1962 a 1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), como requisito para obtenção do grau de mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, conhecimento e sociedade. Linha de pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação.

ORIENTADORA: Prof^a Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

João Pessoa
2012

P436m Pereira, Francisca Sirleide.

Memória da produção editorial científica da EDUFRN: 1962 a 1980
/ Francisca Sirleide Pereira. - João Pessoa: [s.n.], 2012.

177f. il.

Orientadora: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCSA.

1. Ciência da Informação. 2. Produção editorial científica. 3.
Divulgação científica. 4. Documentação. 5. Artefato de memória.

UFPB/BC

CDU: 02(043)

FRANCISCA SIRLEIDE PEREIRA

**Memória da produção editorial científica da EDUFRN:
1962 a 1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), como requisito para obtenção do grau de mestre em Ciência da Informação.

Defendida em: 29/03/2012.

Banca Examinadora

Prof^a Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
(PPGCI/UFPB - Orientadora)

Prof^a Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia
(PPGCI/UFPB - Examinadora)

Prof. PhD Pedro Nunes Filho
(DECOM /UFPB – Examinador Externo)

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
(PPGCI/UFPB – Suplente interno)

Prof^a. Dr^a. Olga Maria Tavares
(PPGC/UFPB – Suplente externo)

*A todos que com os seus sonhos e a arte de seus ofícios
fizeram a Editora florescer.*

Dedico!

AGRADECIMENTOS

“[...] a amizade, assim como a poesia, é sobretudo o reino da memória: todas as coisas, uma vez existentes, em ambas permanecem, pois sem a mnemósine as nove musas, e entre elas a da poesia, não conseguiram se salvar da mais completa mudez” (MONTEIRO, Ângelo, Jornal A União, ano LVI, n. 6, p. 28).

a Deus, criador do universo;

aos meus pais, José Demétrio da Silva e Luiza Pereira da Silva, pela vida, valores e educação;

à tia Munitinha, minha orientadora educacional desde minha infância;

Agradeço, especialmente, à Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, pela orientação, luz, criatividade e os novos caminhos que me ensinou a seguir.

aos meus irmãos Demétrio, Sandra e San-clair, núcleo de respeito e confiança; os meus sobrinhos e demais familiares, fontes de afeto e equilíbrio;

aos meus queridos mestres, D. Lídia, professora das primeiras letras; Nádia, pelos estímulos em arquitetar o primeiro pré-projeto; à Isa Freire, pela oportunidade na Oficina de criatividade científica, do PPGCI/UFPB;

aos professores e tradutores, Flávio Teixeira da Silva e Marcleide de Castro;

a Wandir Vilalv, colecionador de autores norte-riograndenses, pelas preciosidades cedidas de seu acervo particular;

à Cristina Tinôco, Diretora da BCZM e demais companheiros da biblioteca, pelo apoio incondicional para pesquisar documentos tão especiais;

ao pessoal do Arquivo Geral da UFRN, do Arquivo do Departamento de Pessoal da Reitoria, do Laboratório de Documentação do Departamento de Historia da UFRN, do acervo do Museu Câmara Cascudo, pela disponibilidade em catar, comigo, informações raras para a pesquisa;

aos companheiros da Editora, Margarida Maria Dias de Oliveira, Alva Medeiros, Helton Rubiano, Erinaldo, Olavo Medeiros, Risoleide Rosa, Wilson Fernandes , Paulo Eduardo de Macedo e demais, parceiros dessa aventura;

aos depoentes Geraldo Batista da Silva, Airton de Castro e Francisco Guilherme de Santana, personagens e vozes dessa história;

à UFRN, que me liberou para estudar e ao PPGCI/UFPB, que me recebeu de braços abertos;

aos os amigos, pelo estímulo e apoio, como Joana Régis, amiga irmã e Lúcia Maranhão (em Natal); Olga Tavares, Cláudio Galvino, Giovanna Farias, Laerte Pereira Júnior e Maria Amélia (Mel) em (João Pessoa);

aos examinadores das bancas de qualificação e de defesa, professores Doutores Carlos Xavier de Azevedo Neto, Joana Coelli Ribeiro Garcia e Pedro Nunes Filho, pelo aprendizado e valorosas contribuições.

Aos autores, pela generosidade em dividir conosco o conhecimento.

A desproporção evidente e muda de nossas existências e desse infinito sem memória se torna rapidamente espécie de medida de nossa fraqueza. Não há, nessa imensidão, um grande evento causal paralisando as coisas e os seres? Bem que se tenta pensar a imensidão para torná-la mais familiar a nós, mas nem esse pensamento fica à altura de tal imensidão (PENA-RUIZ, 2011).

RESUMO

Apresenta os resultados da pesquisa quanti-qualitativa *Memórias da produção editorial científica da EDUFRN: 1962-1980*, realizada no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Analisa a produção editorial científica da EDUFRN, compreendendo-a como artefato de memória. Aplica os métodos da Pesquisa documental, conforme Gil (2006) e da Pesquisa história de história oral temática, de Aróstegui (2006), associando-os às análises documental, de Gil (2006), e de conteúdo, de Bardin (1977). Recorre às teorias de memória coletiva de Halbwachs (2006) e de Ricouer (2007); de divulgação científica, de Targino (1999), Bueno (2009) e outros, e de documentação, de Jardim (1995). Trabalha a concepção de artefatos de memória aplicada ao livro científico a partir da concepção de González de Goméz (2009), Azevedo Neto e Freire (2007). Conclui que as obras científicas publicadas pela Editora, denominadas nesse trabalho de documentos, estão repletas de informação e de memórias. Passa a chamá-las de artefatos memorialísticos e sugere, dentre outras coisas, a preservação, enquanto patrimônio público cultural.

Palavras-Chave: Editora. Produção editorial científica. Divulgação científica. Documentação. Artefato de memória.

ABSTRACT

It unveils the results of the research in quantity and qualitative Memories of EDUFRN scientific editorial production: 1962-1980, carried out in the Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). It analyses the scientific editorial production of EDUFRN, imbracing it as artifact memories. We applied the method of documental research according to Jardin (1998) and the thematic oral history, by Arostegui (2006) adding them to the analyse of contents, and documental analyse, by Bardin (1977). In order to reach our objective we appealed to the theories of collective memory by Halbwachs (2006) and Ricouer (2007); of scientifc divulgation, by Targino (1999) and Bueno (2007); of documantation, by Jardin (1995) and others. We worked with the conception of artifacts of memory, by González de Gomez (2009), Azevedo Neto and Freire (2007) and concluded that the scientific works published by the Publisher, named in this work of documents are plenty of informations and memories. For this reason we called them memory workmanship. We suggest, among other things, that such artifacts could be preserved while cultural public inheritance.

KEYWORDS: Publisher. Scientific editorial production. Divulgation. Artifact of memory.

LISTA DE SIGLAS

ANL -	Academia Norte-rio-grandense de Letras
AC -	Análise de Conteúdo
AIA -	Arquivos do Instituto de Antropologia da UFRN
ABEU -	Associação Brasileira das Editoras Universitárias
BCZM -	Biblioteca Central Zila Mamede
BID	Banco Interamericano para o Desenvolvimento
BU -	Boletim Universitário
CBL -	Câmara Brasileira do Livro
CCHLA -	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CCSA -	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CPATSA -	Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido
COMPERVE -	Comissão Permanente de Vestibular
COSERN -	Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte
CE -	Conselho Editorial
CONSUNI -	Conselho Universitário
CRUTAC -	Programa de Treinamento Rural de Pessoal de Nível Superior e de Ação Comunitária
DP -	Departamento de Pessoal
DA -	Diretório Acadêmico
EDUNP -	Editora da Universidade Potiguar
EDUFBA -	Editora Universitária da Universidade Federal da Bahia
EDUFPE -	Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco
EDUFRN -	Editora Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
EMBRAPA -	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMATER -	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte
EPEN -	Encontros de Pesquisa em Educação do Nordeste
ESAM -	Escola Superior de Agricultura de Mossoró

FUNPEC -	Fundação Norte-rio-grandense de Pesquisa
IU -	Imprensa Universitária
IES -	Instituições de Ensino Superior
IFES -	Instituições Federais de ensino superior
IFES/RN-	Instituto Federal de Ensino Superior do Rio Grande do Norte
INL -	Instituto Nacional do Livro
JK -	Juscelino Kubischek
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MCM -	Meios de Comunicação de Massa
MEC -	Ministério da Educação
MCC -	Museu Câmara Cascudo
NCcen -	Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses
NUTSECA -	Núcleo Temático da Seca
PDI -	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPGL -	Programa de Pós-Graduação em Letras
PREMESU IV-	Programa de Melhoria do Ensino Superior
PPGCI -	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PIDL -	Programa Interuniversitário de Distribuição do Livro Universitário
PROEX -	Pró-Reitoria de Extensão da UFRN
PPPG -	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
R -	Reitoria
RN -	Rio Grande do Norte
SBPC -	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
UNB -	Universidade de Brasília
USP -	Universidade de São Paulo
URN -	Universidade do Rio Grande do Norte
UERN -	Universidade Estadual do RN
UFPB -	Universidade Federal da Paraíba
UFAL -	Universidade Federal de Alagoas
UNG -	Universidade Federal de Goiás
UFPE -	Universidade Federal de Pernambuco

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 -	Reprodução da capa da publicação Portal da Memória: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 50 anos (1958-2008)	21
Foto 2 -	Situação dos livros na Editora	23
Foto 3 -	Situação dos livros na Editora	23
Foto 4 -	Escrita cuneiforme da Suméria. C. 2100 a.C.	44
Foto 5 -	Livro ornamentado	45
Foto 6 -	Editor José Simeão Leal	51
Foto 7 -	Governador Alberto Albuquerque Maranhão, autor da Lei estadual n. 145/1900	54
Foto 8 -	Lei N° 145, de 6 de Agosto de 1900	54
Foto 9 -	Medalha de Mérito “Alberto Maranhão”	55
Foto 10 -	Jerônimo Vingt-un Rosado	57
Foto 11 -	Um aspecto do acervo da Coleção Mossoroense	57
Foto 12 -	Geraldo Batista de Araújo	65
Foto 13 -	Portaria n. 59-R, de 22 de maio de 1963	66
Foto 14 -	Boletim de Boletim Universitário (n. 2, dez. 1963)	69
Foto 15 -	Boletim Universitário (n. 2/3, jun./set. 1965)	72
Foto 16 -	Primeiro endereço da Imprensa Universitária	73
Foto 17 -	Impressora Nebiolo	74
Foto 18 -	Reprodução de outro ângulo da impressora Nebiolo	74
Foto 19 -	Síntese Cronológica da UFRN 1958-1988	77
Foto 20 -	Prof. Edgar Ferreira Barbosa	81
Foto 21 -	Capa do livro Imagens do Tempo, de Edgar Barbosa, a primeira obra lançada pela Editora, em 1966	83
Foto 22 -	Airton de Castro	90
Foto 23 -	Servidores da EDUFERN (1996)	94
Foto 24 -	Dirigentes da EDUFERN (1996)	96
Foto 25 -	Capa da plaquete Universidade Federal do Rio Grande do Norte:	

	Comemorações do Décimo Aniversário de Fundação: 1959-1969	100
Foto 26 -	Capa da obra “A memoria do livro potiguar”	106
Foto 27 -	Portaria n. 107 de 18 de abril de 1973	108
Foto 28 -	Francisco Guilherme de Santana	110
Foto 29 -	Capa e sumário da Revista Tempo Universitário (v. 6, n. 1, 1980)	111
Foto 30 -	Capa da Coleção EPEN	116
Foto 31 -	Volumes da Coleção Pesquisa Auto(biográfica) & Educação	120
Foto 32 -	Letras de França (1969)	134
Foto 33 -	O tempo e Eu (1969)	134
Foto 34 -	Antídio de Azevedo: poeta e trovador (1978)	134
Foto 35 -	Lira de Poti (1971)	134
Foto 36 -	Lua 4 vêzes Sol (1968)	134
Foto 37 -	Antologia do Padre Monte (1979)	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Coleção Editora Mossoroense	57-58
Quadro 2 -	Tipografias do RN (1835-1962)	67-68
Quadro 3 -	Resumo temporal: documentação da EDUFRN (1962-1992)	80
Quadro 4 -	Servidores da Imprensa / EDUFRN (1962-1980)	94-95
Quadro 5 -	Dirigentes da UFRN (1962-2011)	96-97
Quadro 6 -	Produção editorial (1962-1980)	103-107
Quadro 7 -	Coleções da EDUFRN e/ou impressas pela Oficina Gráfica da EDUFRN	113-114
Quadro 8 -	Categorias adotadas pela pesquisa para análise do documento livro da EDUFRN	123
Quadro 9 -	Localização das obras e exemplares por acervo	131-132

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 1 -	Primeira logomarca da Imprensa Universitária	76
Figura 2 -	Segunda logomarca da Editora	76
Figura 3 -	Resolução Autorizando serviços de clicheria	77
Figura 4 -	Resolução de n. 19/73-CONSUNI, de 18 de abril de 1973	88

GRÁFICO

Gráfico 1 -	Quantitativos da pesquisa	123
--------------------	---------------------------	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 CAMINHOS PARA ALGUMAS RESPOSTAS	30
1.2 A EDUFRN: NOSSO CAMPO EMPÍRICO	33
1.3 OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	34
1.4 A ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	36
2 CENÁRIO EDITORIAL CIENTÍFICO E O PIONEIRISMO NO RN	41
2.1 A INDÚSTRIA EDITORIAL, OS PRELOS ACADÊMICOS E OS PRIMEIROS LIVROS CIENTÍFICOS	49
2.2 JOSÉ SIMEÃO LEAL: UM DESBRAVADOR NO CENÁRIO NACIONAL	51
2.3 A VANGUARDA EDITORIAL POTIGUAR	53
2.3.1 A Coleção e Editora Mossoroense	56
2.4 AS PRIMEIRAS EDITORAS PÚBLICAS UNIVERSITÁRIAS DO PAÍS	59
3 A SAGA DA EDUFRN	64
3.1 LEMBRANÇAS DA EDUFRN NAS PÁGINAS DO BOLETIM	67
3.2 FALTAM DOCUMENTOS HISTÓRICOS NESSE CAMINHO	70
3.3 ONDE TUDO COMEÇOU	72
3.4 MUDANÇAS DE NOMES, ENDEREÇOS E MARCAS	75
3.5 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA EDUFRN	79
3.6 A INFLUÊNCIA DE EDGAR BARBOSA NA IU	81
3.7 POLÍTICAS DE PUBLICAÇÃO E OS CONSELHOS EDITORIAIS	85
3.7.1 O primeiro Conselho	88
3.8 MÁQUINAS OFF-SET DESEMBARCAM NA EDUFRN	91
3.8.1 A inovação gráfica amplia o corpo de servidores	93
3.8.2 O gênero feminino nessa história	95
4 EDUFRN (1962-1980): DEZOITO ANOS PUBLICANDO LIVROS, PRODUZINDO SENTIDOS	99

4.1 NOVOS PRODUTOS EDITORIAIS	108
4.1.1 As coleções	113
4.2 PUBLICAÇÕES E AUTORES PIONEIROS	120
4.3 OLHARES E SENTIDOS PARA ESSA PRODUÇÃO	121
4.4 HÁ MEMÓRIAS NAS COLEÇÕES?	127
4.5 ONDE ESTÃO AS MEMÓRIAS DOCUMENTADAS DA EDUFRN	130
4.6 UM NOVO SENTIDO PARA O LIVRO CIENTÍFICO DA EDUFRN	134
 5 CONSIDERAÇÕES	 137
 REFERÊNCIAS	 141
 ANEXO A - Resolução n. 19/73 CONSUNI, de 18 de Abril de 1973 – Assunto: Cria o Conselho Editorial	 156
ANEXO B - Resolução n. 63/66-U, de 26 de Outubro 1966 – Assunto: Autoriza a IU. a prestar serviços gráficos a terceiros	158
ANEXO C - DOU n. 35, 19 de Fevereiro de 1992	159
ANEXO D - Portaria n. 017/97-DAP, de 25 de março de 1997	160
ANEXO E - Listagem da produção editorial da Editora Universitária da UFRN (1962 a março de 2012)	161

1 INTRODUÇÃO

"Valha-me Deus! É preciso explicar tudo" (ASSIS, 1994, p. 211).

“A imagem dos livros editados pela Imprensa Universitária, com o talento de bem fazer, desde a capa ao colofão, [ornamenta] algumas das obras mais significativas da inteligência norte-rio-grandense”. Assim saudava o professor, jurista, escritor e jornalista potiguar, Edgar Ferreira Barbosa, o primeiro lançamento coletivo de livros publicados pela Imprensa Universitária (IU), editora pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (BARBOSA, 1969).

Realizado numa tarde da primavera potiguar, em setembro de 1969, o evento reunia intelectuais e acadêmicos, políticos e talentos artísticos em torno das festividades do décimo aniversário de fundação da primeira universidade do Rio Grande do Norte. Três obras lançadas, vários autores e um só discurso: edificar uma estrutura acadêmica, capaz de assegurar a transmissão de saberes.

O vento norte, vindo do mar de Areia Preta, parecia compartilhar aquela homenagem à “adolescência” da UFRN, no gabinete do primeiro reitor da instituição, professor Onofre Lopes da Silva. Aquele momento histórico acontecia na casa de n. 70, da Avenida Hermes da Fonseca, em Natal (RN) e o professor orador, Edgar Ferreira Barbosa, diretor, à época, do Departamento de Educação e Cultura da UFRN, deu o tom de esperança que a ocasião merecia. Afinal, a data representava um novo limiar para o Estado, um salto para a cultura norte-rio-grandense.

Cinco décadas depois, a UFRN se destaca entre as demais universidades públicas do Nordeste brasileiro. Tornou-se um espaço de geração de ideias, de crítica e de socialização de conhecimento. Com o tempo transformou-se na principal produtora e impulsionadora de ciência e tecnologia (C & T) no âmbito local. Desde a segunda metade do século XX, os principais acontecimentos econômicos, sociais e políticos do Rio Grande do Norte contêm a presença ativa ou passiva dessa instituição. Reitor por três mandatos, o Prof. José Ivonildo do Rêgo costuma dizer que não se exagera quando dividimos essa história em duas fases: “[...] antes e depois da UFRN” (NEWTON JÚNIOR, 2008, p. 13). Ao apresentar o *Portal da Memória*, publicação impressa sobre os 50 anos da Universidade, Rêgo vaticina: “[...] Ninguém,

em sã consciência, poderá negar a alteração da fisionomia sócio-econômica, artística e cultural do nosso Estado, após o advento da Universidade" (NEWTON JÚNIOR, 2008, p. 13).

Não há dúvidas que a UFRN se constitui em uma verdadeira "comunidade do saber," conforme Barichello (2003, p. 99), e, para nós, mais que isso. É, também, um patrimônio cultural da população norte-rio-grandense, visto acumular uma produção simbólica, um "capital cultural" na visão de Bourdieu (2003).¹ Os bens que lhe pertencem, móveis e imóveis, além do seu patrimônio intelectual, como professores, funcionários e alunos, compõem a estética simbólica de Diehl (2002) e referendam o conceito de patrimônio de Abreu e Chagas (2003) e de Jorge (2007, p. 22). Eles não pertencem a um indivíduo ou grupo, mas "à sociedade". Entretanto, o que mais nos convence ser a Universidade Federal do Rio Grande do Norte um patrimônio público cultural é a relação que Santaella (2003, p. 29) faz da cultura com a vida: as duas se expandem, ocupam espaço, se adaptam às exigências do espaço e se desenvolvem continuamente.

Porém, meio século depois de sua fundação, a UFRN defrontou-se com algo que cresceu junto com ela, mas que parece invisível e permanece silenciosa como as vozes dos pioneiros que já se foram: a memória institucional. Daí porque após os festejos do seu cinqücentenário, no ano seguinte, em 2009, entrou em cena o projeto para a criação do Centro de Memória Social², "um fenômeno comum ao ambiente universitário" nas últimas duas décadas, conforme Camargo (1999, p. 47).

Essa recém-inserção da Universidade nas práticas de preservação de acervos reflete a aderência ao movimento memorialista e patrimonialista do país, que vem tomando corpo nas universidades públicas brasileiras desde a década de 80 do século XX, transformando as instituições federais de ensino superior (IFES) em

¹ Em suas reflexões sobre a gênese do Estado e sobre a economia dos bens simbólicos, ao tratar de espaço social e de espaço simbólico Bourdieu (1996, p. 30) nos apresenta três categorizações de capital: o econômico, o político e o capital cultural. E diz que esse último, chamado por ele de o "novo capital," tanto influencia no modo de reprodução cultural como na estrutura do espaço social (BOURDIEU, 1996, p. 35).

² O projeto do Instituto de Memória Social, apresentado à comunidade acadêmica durante seminário, realizado em agosto de 2009, sinaliza um espaço conforme as normas da Arquivística, para concentrar a massa documental da instituição. Será erguido no Centro de Convivência da UFRN, dentro de aproximadamente três anos.

grandes fontes de pesquisa e de informação (CAMARGO, 1999). “Os conjuntos de documentos de valor histórico” (JARDIM, 1995)³, constituídos de registros administrativos, resoluções, portarias, atas, relatórios, formulários, trabalhos monográficos, títulos, prêmios, certificados, monumentos, prédios históricos, museus, mobiliário antigo e demais artefatos memorialísticos, justificam essa aderência.

No entanto, essa “comunidade do saber” se remodela continuamente, se expande física e operacionalmente para atender às novas necessidades sociais, entre elas a ampliação da difusão e do acesso à informação. Para tanto, a UFRN criou, em 1962, a Imprensa Universitária da UFRN (IU) (GURGEL, 2007), tempos depois denominada Editora Universitária da UFRN (EDUFRN).

Desde o início, a IU viveu o dilema entre satisfazer as necessidades gráficas da instituição e cumprir a função editorial pertinente às editoras públicas universitárias. Talvez, por isso, a Editora Universitária da UFRN tenha demorado a ser vista como uma unidade estratégica para a divulgação científica da UFRN e como um dos instrumentos a serviço da missão institucional⁴. Entretanto, entendemos que para a Editora Universitária da UFRN se tornar socialmente responsável precisa mais que produzir veículos divulgadores de C & T. Deve garantir, às gerações futuras, a permanência dos conteúdos publicados; preservar a memória social de sua produção editorial e assegurar, aos que estão por vir, a herança desse patrimônio público sociocultural. Trata-se de cumprir o direito à memória (OLIVEIRA, B., 2010).

Costa (1992) destaca que a cultura de um povo é uma das possibilidades de transmitir informações sobre quem ele é, já foi e poderá vir a ser. Nessa perspectiva, se faz necessário sabermos, inicialmente, que produção editorial foi publicada pela

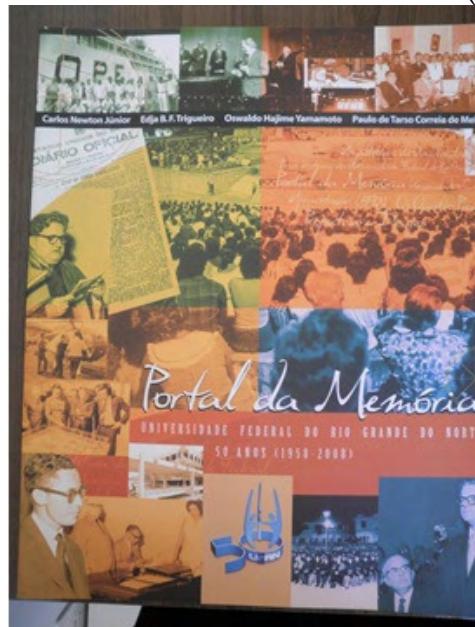
³ O Anteprojeto de criação do Sistema Nacional de Arquivos, define em seu art. 1º, parágrafo único: “consideram-se documentos históricos e de valor permanente, todos os livros, papéis, mapas, fotografias, ou qualquer espécie de elemento informativo, independentemente de sua forma ou características físicas, produzidos, elaborados ou recebidos por instituições públicas ou privadas, em conformidade com suas atribuições legais ou em virtude de suas transações e conservados, ou adequados a tal fim, por essas instituições ou seus legítimos sucessores, seja como prova de suas funções, diretrizes, normas, realizações ou atividades, sejam em atenção ao valor informativo dos dados que nos mesmos se contenham”.

⁴ A missão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como instituição pública, é educar, produzir e disseminar o saber universal, contribuir para o desenvolvimento humano, comprometendo-se com a justiça social e a democracia e a cidadania” (UFRN, 2010, p. 11).

IU/Editora Universitária, ou seja, quais foram os títulos, autores e quando foram publicados. Enfim, conhecermos sobre a existência desses registros, termos acesso às informações a respeito e, a partir delas, fazermos leituras, tirarmos conclusões sobre a produção editorial da IU e sua subsequente, a Editora Universitária. Mas, as respostas para perguntas, como: as obras publicadas no período de origem da Editora ainda existem? Onde estão? Se existem? Em que condições se encontra essa memória.

Convém citar que a nossa empreitada investigativa sobre essas questões advem de várias motivações. Em 2008, por ocasião dos festejos do Jubileu de Prata da instituição, a UFRN lançou a historiografia dos seus 50 anos. Organizado pelo Prof. Carlos Newton Júnior, do Departamento de Arquitetura da UFRN, o *Portal da Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 1958-1998*, se revelou uma publicação cuidadosamente editada, impressa em papel couchê e em policromia, a altura de representar a instituição (Foto 1).

Foto 1 – Reprodução da capa da publicação Portal da Memória: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 50 anos (1958-2008)



Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Fruto de um minucioso trabalho de pesquisa, o detalhamento dos fatos e o esmero do texto torna-o um marco editorial da história da UFRN. E, como poucas historiografias sobre a UFRN foram publicadas até então, tem-se a idéia de que os

fatos marcantes da Universidade constam desse documento. Entretanto, o discurso memorialístico da Universidade comete ‘omissões’, ‘deslizes’ com o seu passado. Não cita, por exemplo, a existência da editora. Para nós, condenável, pois assim como Favier (1974, p. 81), admitimos a memória como um dos fundamentos dos direitos dos cidadãos. Oliveira (2010), por exemplo, realça esse [...] como um direito que caminha lado a lado com a conquista dos demais direitos.

A narrativa historiográfica do Portal da Memória da UFRN não faz nenhuma alusão à Editora Universitária, que há 50 anos publica obras científicas e culturais da Universidade. Em suas 241 páginas, a Imprensa Universitária (denominação até 1972) e Editora Universitária (a partir de 1972), somente aparece nas citações de obras em nota de pé de página e nas referências da publicação. No melhor estilo de Ricouer (2007) pratica-se, na UFRN, o “abuso de memória” em relação à própria história da instituição. Mesmo que nas comemorações do cinquentenário da UFRN tenham sido lançadas três coleções, totalizando 15 títulos e que o ex-reitor, Prof. José Ivonildo do Rêgo (2008, p. 8) tenha reconhecido a contribuição que a Editora vem dando às atividades acadêmicas e à cultura do estado, ainda assim consideramos haver um “esquecimento oficial” da história da Editora. Primeiro, porque encontramos poucas referências sobre essa experiência editorial de cinco décadas. Uma delas, o trabalho monográfico, *Produção universitária do livro: cultura de elite ou indústria cultural?*, de Costa (1992). Trata-se de uma dissertação de mestrado em ciência da comunicação, realizada há 20 anos na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), sobre a produção de livros de editoras públicas universitárias, enquanto produto cultural no contexto brasileiro. Nele, encontram-se elementos históricos sobre a estrutura organizacional, as atribuições da direção e a política editorial da EDUFRN, à época.

O trabalho, *A comunidade universitária: proposta de integração através do marketing aplicado em organizações sem fins lucrativos*, de Lima (2011), também funcionário da Editora, aborda essa unidade editorial sob o olhar do público interno e mostra não ser não tão conhecida pela comunidade da universitária. Diante de tão pouca historiografia sobre a IU/EDUFRN, deduzimos que as memórias referentes à atividade editorial da UFRN são um farto material a ser pesquisado.

Particularmente, o nosso interesse pelo assunto nos mobiliza desde que estivemos à frente de sua gestão, entre 1996 a 1998. À época, nos deparamos com algumas situações limite. O acondicionamento da produção editorial foi uma delas. Encontramos, por exemplo, publicações destinadas à distribuição prensadas em caixas de papelão e essas enfileiradas no chão, coladas às paredes. A umidade e outros desconfortos deterioravam a produção livresca, de tal modo que muitas das obras afetadas pelo mofo estavam com as páginas coladas e capas aderentes ao piso (Foto 2 e 3).



Fonte: Dados da Pesquisa (2011)



Fonte: Dados da Pesquisa (2011)

A ausência de documentação da Editora, de dados, de registros e provas materiais do que foi publicado e a dispersão bibliográfica foi outra situação crítica. Isso impossibilitou, inclusive, o êxito de Costa (1992, p. 12) no levantamento memorialístico a que se propôs em 1992.

Por isso caímos em campo em busca de informações, seguimos qualquer “rastro de memória” que nos aparecesse, começando pela *Síntese Cronológica da UFRN*, uma edição de 280 páginas comemorativa aos 30 anos da Universidade, organizada por Melo (1991) e impressa pela Editora Universitária da UFRN, em 1991.⁵ Nos valemos, também, da obra de Manoel Rodrigues de Melo, *Memória do livro*

⁵ Essa publicação sob cuidadosamente tratada por Zélia Maria Lustosa da Nóbrega, a primeira revisora da IU. Sua impressão ficou sob os cuidados de José Gilberto Dias Xavier, de reconhecida

potiguar, também editada pela Editora, em 1994. Mas, a maior concentração de dados a respeito, consta do Boletim Universitário, publicado pela UFRN desde 1963. Nessa publicação histórica encontramos subsídios para construirmos uma trajetória editorial para a Imprensa Universitária.

Outros rastros foram os dados anotados pelo servidor Paulo Eduardo de Macedo, responsável pela produção editorial destinada à vendas. Seu acompanhamento das obras publicadas e comercializadas se restringia a rascunhos manuais e poucas anotações digitadas no computador. Inicialmente, seus dados prenunciam cerca de 800 títulos pertencentes à EDUFRN. Porém, não achamos como comprovar⁶. A desorganização dos registros e do armazenamento da produção editorial, descredibiliza qualquer conjectura a respeito dessa informação. Isso não só retardou o levantamento de dados para a nossa pesquisa, como a apresentação de um resultado confiável a esse respeito. Vale destacar que o máximo a que chegamos foi um cálculo, no primeiro semestre de 2012, a partir das anotações, também manuscritas, de Francisco Guilherme de Santana, de haver 64 mil e 800 exemplares nas prateleiras, sem que possamos, ainda, nominar como segurança títulos, autores e ano dessas obras⁷.

Tais fatos nos levam a refletir como a EDUFRN ainda não é compreendida como um daqueles “lugares de memória” descritos por Nora (1993); como as obras

competência em seu trabalho na Gráfica na Editora. A criação da capa é do designer Carlos Lima, que durante 18 anos integrou a equipe de arte e criação da EDUFRN.

⁶ Servidor terceirizado, contratado há nove anos pela Fundação Norte-rio-grandense de Pesquisa (FUNPEC), desempenhando atividades na área de distribuição e circulação da produção da Editora. Paulo Eduardo de Macedo disponibilizou os seus manuscritos e as listagens armazenadas no computador em que trabalha. Porém, por falta de critérios técnicos na organização dos dados, os registros informacionais estão incompletos (ANEXO E). Os dados se mostraram frágeis na checagem e no confronto de informações. A fonte não soube explicar, por exemplo, a duplicidade e ou a ausência de informações. E, como desconhece as obras publicadas no início da IU/Editora Universitária, ou onde as mesmas se encontram, não as incluiu em seu sistema de controle. Portanto, do ponto de vista da ciência, as informações dessa fonte aqui expostas exigem cautela em seu uso, trato e interpretação.

⁷ A ‘arrumação’ da produção editorial no Setor de Estoque foi desenvolvida por uma equipe de profissionais da Editora, no primeiro semestre de 2012, na gestão da diretora, Profa. Maria Margarida Dias de Oliveira. Sob a supervisão do Coordenador da Gráfica, Francisco Guilherme de Santana, a equipe multidisciplinar contou com a participação de servidores que atuam nas operações da Gráfica; que atuam no Setor de Distribuição e vendas, como Paulo Eduardo de Macêdo e, também, de alunos do Curso de Biblioteconomia da UFRN, bolsistas na Editora. Francisco Guilherme de Santana é um dos mais antigos servidores da Editora em plena atividade. Entrou em 1974, quando já era denominada Editora, ver DOU n. 53, 19 de Fevereiro de 1992 (ANEXO C). Há três décadas gerencia a Gráfica da Editora.

publicadas pela EDUFRN não são consideradas ainda suportes de memória, mesmo Halbwachs (2006) sinalizando a memória como o resultado de um ato cultural aprendido, construído, representado por meio de linguagem e que só pode ser re(constituído) para servir e reconstruir a história. Inferimos que tais incompreensões condicionam a Editora a permanecer escondida, esquecida. Mas, de qualquer modo, não devemos perder de vista as lições de Descartes (2011, p. 15), vindas dos séculos XVI e XVII, mas perfeitamente cabíveis ao ambiente acadêmico dos dias atuais, presumidamente local do saber universal. Para o filósofo, três qualidades aperfeiçoam o espírito: o pensamento rápido, a imaginação nítida e distinta e a memória ampla.

Se focarmos apenas a “memória ampla,” conforme Descartes (2011), perceberemos que as ações relativas à guarda da memória da Universidade denotam uma espécie de cegueira em relação à atividade editorial científica institucional, porque ainda não vê, como Britto (2000) e Mueller (2007), que os produtos editoriais da EDUFRN para além de objetos livros e periódicos são, também, documentos, fiéis depositários de memórias não só do conteúdo publicado, mas, sobretudo, daquilo que foi vivido e realizado no universo editorial científico dessa Editora. Em cada livro reside “[...] a memória do vivido,” como coloca Britto (2000), ou seja, a memória da atividade editorial e da própria EDUFRN.

Acrescente-se, também, ao nosso interesse na realização dessa pesquisa, a vivência profissional acumulada em editoração jornalística e científica, em atividade gráfica e em gestão de editoras pública e privada. Começamos a “popularizar a C & T”, Albagli (1996), durante nosso trabalho na Assessoria de Imprensa da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RN), entre 1980 e 1984; continuamos nessa mesma linha na difusão científica exercida no Setor de Difusão e Assessoria de Imprensa, do Centro de Pesquisa do Trópico Semi-Árido da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (CPTSA/EMBRAPA), na cidade de Petrolina (PE). Implantamos e dirigimos, entre 2006 e 2008, a Editora da Universidade Potiguar (Edunp), no Rio Grande do Norte.

Se toda essa motivação não fosse suficiente para nos mobilizar em torno dessa procura, vale a pena lembrar que ao realizar essa pesquisa, atendemos, também, ao

apelo de um potiguar preocupado com a memória da instituição: o Prof. Edgar Ferreira Barbosa, colaborador dos dois primeiros reitorados da Universidade, primeiro jornalista dos quadros da instituição, pioneiro na divulgação da UFRN. Criou o *Boletim Universitário*, primeiro veículo de comunicação institucional da Universidade e expressou em um dos editoriais do Boletim, o desejo que um dia, “no futuro, algum jovem continuasse os seus escritos memorialísticos” (UFRN, 1969, p. 16).

Tal apelo, feito há 43 anos e os problemas que envolvem esse *lócus* da pesquisa, compeliu-nos a dar continuidade aos registros documentais, senão da instituição como um todo, pelo menos no que se refere à Editora. Assim, ajudamos a concretizar, também, a tarefa que Costa (1992) alertara, desde 1992, ser difícil de realizar.

Como se vê, tantos problemas envolvendo esse *lócus* de pesquisa não nos permitiam mais adiar o desafio de pesquisar as *Memórias da produção editorial científica da EDUFRN: 1962 a 198*. Como Saussure (1975) adverte, o nosso ponto de vista criou esse objeto de investigação científica (as memórias da produção editorial científica). Porém, investigamos apenas uma parte dele, aquela integra a realidade da EDUFRN entre 1962 e 1980.

Cumprimos esse propósito na Ciência da Informação (CI) uma vez que Aquino (2002) vê a informação e o conhecimento como o eixo central desse novo ambiente global em que vivemos. E, também, porque enquanto campo do saber humano, a Ciência da Informação (CI) busca dar conta dos registros que transportam a informação e o conhecimento, do fluxo da comunicação e dos sujeitos envolvidos nesses processos. Mesmo Barreto (2007, p. 14-15) separando a sociedade da informação, para quem [...] é uma utopia da realização tecnológica, da sociedade do conhecimento, [...] uma esperança da realização do saber, nos associamos ao seu pensamento no momento em que o autor acredita que [...] a sociedade do conhecimento contribui para que o indivíduo se realize na sua realidade vivencial.

Trabalhamos, sobretudo, nesse campo do conhecimento científico, porque ao nos apresentar informação e conhecimento como [...] os bens primordiais do ponto de vista econômico, com características próprias e diferenciadas dos outros bens,

Borges (2004, p. 58) atenua um pouco a visão dicotômica de Barreto (2007). As diferenças entre as sociedades “industrial”, “da informação” e “do conhecimento”, diz a autora, são, dentre outras [...] quanto ao enfoque global, macro e holístico.

Objetivamente, estudamos fatos sociais referentes a dois fenômenos coletivos, específicos da cultura humana - informação e memória - porque consideramos a produção editorial científica da EDUFRN entre 1962 e 1980 um fato social. Tal fenômeno ocorreu em um determinado espaço social, numa temporalidade definida, a partir das formas de agir, de pensar e de existir de pessoas e de instituições civilmente organizadas. Igualmente, consideramos a memória dessa produção um fato social, uma vez que foi tecida por um ser cultural (o homem) com os mesmos elementos do pensamento objetivo: espaço e tempo (PAÍN, 2009). E, em virtude desses fatos sociais - informação e memória - serem criações simbólicas da “cultura humana,” como prefere Wagner (2010, p. 27), atribui-se a eles a condição de fenômenos culturais.

Enquanto fato sociocultural, a produção editorial científica da EDUFRN passou a ser o objeto da problemática investigada porque concordamos com Aróstegui (2006) e Boaventura Santos (1988). Os dois autores sustentam que o conhecimento desenvolvido pela ciência pós-moderna deve tentar resolver as questões da localidade, da comunidade; que os problemas do presente incitam a pesquisa histórica. Por fim, desenvolvemos esse estudo na CI, uma ciência social, por entendermos, a partir de Weber (2010), que ambos os fatos são acontecimentos históricos da vida cotidiana das pessoas e sofrem influências dos demais fenômenos culturais.

O nosso objetivo geral, **Analizar a produção editorial científica da EDUFRN nos primeiros 18 anos, compreendendo-a enquanto artefato memorialístico**, está amparado no pensamento de González de Gómez (2009), de Azevedo Netto (2010) e de Oliveira (2009), no que tange à abordagem desses objetos enquanto artefatos constituídos de informação, de uma história e de uma identidade. González de Goméz (2009) nos ajuda a ver que os enunciados (a informação) e os enunciadores (objetos informacionais) inscrevem a informação em saberes, ações e artefatos, e que os artefatos estão amparados no tempo e no espaço, Azevedo Netto (2010) evidencia

que o objeto livro, enquanto [...] bem tangível, móvel [] constitui o patrimônio cultural e Oliveira (2009) ressalta que esse patrimônio também se alimenta de memórias. Isso nos autoriza a demonstrar que o livro científico publicado pela Editora - um suporte informacional que expressa à materialidade da cultura humana - é um artefato cultural impregnado de memórias porque as informações nele contidas podem nos ajudar a criar uma visão de mundo. E, somente a partir dessa visão, estenderemos nosso olhar e compreensão à Editora e à sua produção editorial (BOURDIEU, 1996).

Entretanto, para tornar possível nossa investigação tivemos de ‘mitigar’ o nosso objetivo geral, recorrendo a objetivos bem específicos, como: a) Identificar onde se encontra a produção editorial científica referente ao período 1962-1980; b) Mapear essa produção, em quadro específico, por título, autor, ano de publicação, tema ou assunto; c) Sinalizar, na medida do possível, quantitativamente, o montante de obras científicas correspondente aos 18 anos iniciais da Editora Universitária da UFRN, e d) Evidenciar a relação produção editorial científica e memória, no contexto da EDUFRN.

O recorte temporal estabelecido para este estudo, compreendendo o ano de 1962 até 1980, se deveu a alguns fatores. O primeiro é que a IU da UFRN começou a funcionar paralelo ao desbravamento da atividade editorial científica nacional, mesmo que o país estivesse vivendo, à época, sob um regime político militar, impedutivo à liberdade de expressão.⁸ Outro fator foi a ausência de uma historiografia dessa Editora, limitante, por si só, a qualquer estudo a respeito desse passado editorial. A inexistência de um catálogo editorial com o registro de todas obras publicadas nesse período histórico também nos guiou nessa direção.

⁸ Consideramos o regime político militar, que imperou durante 21 anos no país, um período conturbado para a divulgação da informação científica nacional, posto que ao mesmo tempo em que o Estado “permitia” a abertura de editoras universitárias nas instituições públicas de ensino superior (IES) censurava o direito à liberdade de expressão, essa, entendida aqui, como o sentido exposto na Declaração universal do Direito do Homem, de 1948. Em seu art. XIX está expresso: “Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Esse direito inclui a liberdade de receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, sem interferências e independentemente de fronteiras”. O mesmo sentido está ratificado no art. 5, parágrafo IX, da Constituição Brasileira: “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Portanto, a difusão da informação científica, que tem a divulgação/popularização da C&T como uma de suas ações, não contava com um espaço político favorável à essa liberdade.

Trabalhamos, então, o nosso objeto de pesquisa - **as memórias da produção editorial científica da EDUFRN dos primeiros dezoito anos** - sob o enfoque da memória individual e coletiva de Halbwachs (2006) e o *lócus* da pesquisa sob a visão de “lugar de memória” de Nora (1993). É pertinente, haja vista ser a Editora Universitária o espaço onde foi gerado o objeto pesquisado. Investigamos os dois, objeto e lugar de memória, a partir da percepção de “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais, de Weber (2010). Esse sociólogo alemão demonstra que é o nosso interesse particular quem nos mobiliza a procurar conhecer e estudar o objeto em questão e a decifrar a problemática que o envolve. Diz Weber (2010, p. 79):

O caráter de fenômeno “socioeconômico” de um evento não é algo que lhe seja “objetivamente” inerente. Pelo contrário, ele está condicionado pela orientação do nosso interesse de conhecimento, e essa orientação define-se conforme o significado cultural que atribuímos ao evento em questão em cada caso particular.

Cientes disso, procuramos, então, sistematicamente, associar objeto e *lócus* da pesquisa, relacionando-os aos interesses sociais da ciência e memorialísticos da CI. Ocupamo-nos, pois, em identificar, mapear e apresentar os produtos editoriais científicos da IU/Editora referentes ao período delimitado neste estudo, a partir das memórias adormecidas em diversos registros documentais, evidenciando-os sempre como objetos-livros portadores de informações. Vasculhando portarias, relatórios, fichas funcionais, boletins, jornais impressos de circulação interna da UFRN e obras científicas publicadas à época, adentramos em uma parte do passado da EDUFRN. Vimos que nesses objetos/suportes estão assentadas impressões de um passado, às vezes de forma não tão clara, noutras vezes como se de cada documento as memórias quisessem saltar aos nossos olhos, como que pretendessem falar.

Há de se ressaltar os depoimentos e relatos que aqui aparecem são sempre no sentido de ilustrar, elucidar, esclarecer ou realçar o que achamos documentado. Por isso, atribuímos aos livros e periódicos científicos o papel de ‘documentos’ e aos que foram mapeados, a função de ‘artefato de memórias’. Assim, trouxemos à tona algumas memórias da IU/Editora e, a partir delas, uma versão sobre o que foi publicado na Universidade, na época, sobre a ciência, a cultura e a tecnologia produzidas institucionalmente.

Observe-se que não confundimos a Editora Universitária da UFRN com o livro que ela publica, pois os percebemos diferentes. A Editora é o local do fazer; o objeto livro é o resultado do ‘fazer editorial’ da EDUFRN. A Editora organiza e gerencia os processos de produção, enquanto o produto pronto (o livro impresso, a revista e a coleção científica), media a informação científica gerada na UFRN. De acordo com o conceito de categorias de Aristóteles (2010, p. 15-17), é como se a Editora fosse a “matéria” e o livro fosse o “predicado da matéria”.

Chamamos a atenção para tal enfoque porque Paín (2009) alerta ser impossível pensar o universo sem categorizar o pensamento objetivo, sem colocá-lo nos parâmetros de objeto, espaço, tempo, número e causalidade. Isso explica porque tratamos a Editora, enquanto órgão público, um espaço de memória social. É que o espaço (Editora) assume a responsabilidade em ampliar o acesso à informação científica. Para tanto, trata as informações e as repassa formatadas, seja no suporte livro, periódico ou coleção científica. Esse objeto acaba, portanto, ultrapassando a razão do existir da Editora porque leva a informação ao leitor. Quaisquer desses objetos passam a salvaguardar, também, em suas páginas, em seu formato e no seu volume, informações que têm função cognitiva e social, conforme antevê Capurro e Hjorland (2007). Desse ponto de vista estamos mais convictos que a informação, enquanto “criação humana”, como a denominou Certeau (2008), ao adquirir a forma de registro documental ganha, também, o significado de artefato memorialístico.

1.1 CAMINHOS PARA ALGUMAS RESPOSTAS

Para elucidar a problemática do nosso objeto contamos com aquilo que alumia qualquer pesquisa científica: o método de fazê-la. Usamos um conjunto de regras estabelecidas para um processo metodológico, como entende Aróstegui (2006), porque somente as teorias nos fornecem as concepções mais abrangentes para compreendermos o nosso objeto e explicarmos a nossa problemática do ponto de vista sócio-histórico. Um marco teórico, diz Aróstegui (2006), nos conduz às respostas mesmo que as perguntas não tenham sido tão simples [como Rousseau e

Einstein as faziam]; clareia as conjecturas levantadas; ajuda-nos, inclusive, a formularmos novas indagações.

Para tanto, lançamos mão da pesquisa descritiva quanti-qualitativa, de Minayo e Sanches (1993), abordagens pertinentes para lidar com fenômenos sociais infimamente ligados, como a informação e a memória. Usamos a pesquisa quantitativa quando apresentamos o montante que nos foi possível descobrir, de obras científicas da EDUFRN publicadas entre 1962-1980. Porém, recorremos quase sempre ao método qualitativo, uma vez que Minayo (2004) considera esses fenômenos intangíveis, informação e memória, [...] essencialmente qualitativos no campo das ciências sociais [...], no qual o sujeito e o objeto se identificam. Por outro lado, esse método [...] responde a questões muito particulares (MINAYO, 2004, p. 21). Isso ocorreu quando decodificamos e ou interpretamos os registros documentais e as falas dos depoentes. Sobre esse tipo de pesquisa, Denzin e Lincoln (2006, p. 17) prescrevem o seguinte:

[...] envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos de significados que as pessoas a eles conferem, envolvendo o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos [...] que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos.

Priorizamos, também, a Abordagem da Pesquisa documental (GIL, 2006), posto que a nossa coleta concentrou-se, basicamente, na procura de registros, "provas" de um passado recente. Algumas delas achamos nos diferentes arquivos da Universidade. Outras, na secretaria da Editora, no Setor Coleções Especiais da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM/UFRN), em bibliotecas setoriais, Laboratório de documentos históricos do Departamento de História da UFRN, nos acervos do Museu Câmara Cascudo (MCC/UFRN) e, até, em acervos particulares do editor e escritor, Wandyr Villar e do ex-diretor da Editora, Prof. Geraldo Batista de Araújo.

Já que o recorte temporal estabelecido nos levou a três sujeitos históricos, Geraldo Batista de Araújo, Airton de Castro e Francisco Guilherme de Santana, no decorrer da investigação fomos levados, mesmo com menor incidência, à Abordagem da Pesquisa História, por meio da história oral temática, porque como Aróstegui

(2006, p. 456) diz, “tudo é histórico, tudo está afetado pelo tempo”. Os relatos desses sujeitos, colhidos de forma espontânea, a partir da exposição de documentos, os quais alguns nunca tinham sido vistos por eles. Ao se posicionaram sobre as memórias documentadas, os três depoentes acrescentaram elementos e suas visões às versões sobre o que ocorreu. Isso nos ajudou não só a decifrarmos alguns fatos, como, também, a recriarmos essa nossa versão.

Associando a Abordagem Histórica de história oral temática à Análise de conteúdo (AC), de Bardin (1977), pudemos relacionar o passado com o presente, redesenhamos os “estados sociais” [da época], verificando as mudanças, conforme orienta Aróstegui (2006). Por fim, essas duas abordagens metodológicas nos permitiram reconstituir, simbolicamente, algumas decisões políticas referentes à publicação científica, assim como comportamentos adotados na editoração científica da IU/Editora Universitária da UFRN.

Reconhecidamente, a Análise de Conteúdo (AC) na perspectiva bardaniana, restrita nesse trabalho ao enunciado das capas de obras publicadas, como título, autor, ano e temática do assunto, se tornou um ponto de vista deliberadamente privilegiado sobre os acontecimentos afetos à produção editorial científica da Editora, à época. A AC nos permitiu enxergar, como Espíndola (2004), que os sentidos dos enunciados também são importantes para a argumentação e a justificativa dos fatos.

Porém, enxergar o que há por traz e além das narrativas documentadas, ou o que ficou ausente dos registros, sobretudo os porquês, só nos foi possível a partir da Análise documental de Gil (2006). Esse método permeou a reconstituição simbólica desse processo histórico editorial da IU/Editora Universitária da UFRN, trazido aqui por meio de resoluções e portarias, capas de livros, de revistas e de coleções publicadas, principalmente. Interpretar as narrativas documentadas ampliou a nossa visão sobre o objeto estudado; fez-nos vê-lo como uma dimensão da sociedade e, consequentemente, a sua complexidade. Não é demais lembrar que a Editora integra, concomitantemente, um sistema de ensino superior brasileiro, e, particularmente, uma Universidade referência no contexto regional, além de integrar o patrimônio cultural do povo potiguar.

A propósito das metodologias, todas as abordagens empregadas no processo investigativo foram úteis para o cumprimento do nosso objetivo. Contribuíram para compreendermos, ao final da pesquisa, o livro científico para além de um suporte físico de mediação de informação. Passamos a vê-lo, daqui por diante, como um artefato de memória.

1.2 A EDUFRN: NOSSO CAMPO EMPÍRICO

O senso comum diz que dois corpos não habitam o mesmo lugar, os estudos da física comprovam essa máxima com hipóteses e as ciências sociais corroboram esse fundamento, cientificamente, mostrando que espaço e lugar têm significados diferentes. Na obra *A invenção do cotidiano*, Certeau (2008, p. 201) diz que um lugar “[...] é a ordem [que] distribui [os] elementos [co-existentes].” Nas palavras desse autor, em um mesmo lugar “[...] os elementos estão uns ao lado dos outros” (CERTEAU, 2008, p. 201). Um lugar indica as posições dos elementos e passa a idéia de estabilidade para eles. O espaço é o cruzamento dos elementos móveis que co-habitam o lugar. “Espaço é o lugar praticado,” diz Certeau (2008, p. 202).

Essa distinção nos ajudou a entender a Editora Universitária da UFRN como o nosso referencial espacial de pesquisa, ao qual sempre recorremos durante grande parte da investigação. Voltamos inúmeras vezes àquele “cimento,” conforme chamou Thiesen (2006), porque lá ocorreram e ocorrem os movimentos sociais relativos ao objeto estudado. A EDUFRN é o espaço social, real, no qual foram produzidos seus livros científicos, entre 1962 e 1980.

Conhecê-lo, portanto, como campo de pesquisa foi indispensável, como alertara Bourdieu (2010), para que situássemos o nosso objeto de estudo, soubéssemos que forças, movimentos e ou pressões coabitaram o mesmo espaço e influenciaram os problemas relativos ao objeto estudado. Inicialmente, nos dirigimos àquele “lugar praticado”, desencavando detalhes do seu passado, pois naquele espaço se cruzaram e entrecruzam várias histórias ligadas à experiência investigada. Ao mesmo tempo, vimos que o objeto desse estudo (as memórias da atividade editorial científica) e o espaço da pesquisa (a EDUFRN), mantêm uma ação relacional

como anunciara o autor. Essa relação entre os dois (objeto e espaço estudados) acabou sinalizando o que devíamos saber, fazer e ou verificar. Daí, porque em todo o processo investigativo, interpretativo, criativo, a nossa igual atenção às relações entre o livro científico produzido pela EDUFRN e a Editora que o publicara.

Diante da clareza desse espaço praticado e da convicção da relação dos sujeitos que ali interagiram e interagem, como os editores, revisores, diagramadores, capistas, arte-finalistas e impressores com o produto que eles criam, produzem (o livro, a revista, a coleção) como se fosse um objeto artesanal, ficou mais fácil rememorar fatos relacionados ao objeto, como previa Ricouer (2007).

1.3 OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Os instrumentos de investigação adotados, como a *Caderneta de campo* (BARBIER, 2004), e a *Pesquisa documental* (GIL, 2006), nos conduziram, aos poucos, para o túnel do tempo daquilo que investigamos, ora trazendo fatos referentes ao nosso objeto (produção editorial científica da EDUFRN), ora trazendo lembranças dos lugares da nossa pesquisa (os livros científicos publicados pela Editora). Muitas das vezes nos apresentando dados e indicadores de algo ou, em alguns instantes, nos dando indícios sobre os dois - objeto e lugar da pesquisa.

Sabe-se, que em pesquisa científica nas ciências sociais, os dados e as informações clareiam a compreensão do investigador sobre a problemática que envolve o seu objeto de estudo. Por isso, aplicados ao modo adequado, cada instrumento ou técnica auxiliou para a execução desse trabalho.

Elemento essencial ao método etnográfico,⁹ a *Caderneta de campo* (BARBIER, 2004) nos auxiliou nas anotações durante as visitas ao campo da investigação e aos demais locais onde procuramos por informações e provas documentais das

⁹ Criada pelo antropólogo polonês, Bronislaw Malinowski, a “etnografia moderna” consiste na observação participante do pesquisador. Aplicado pelas mais diversas áreas de conhecimento, esse método “[...] continua a orientar o rol de possibilidades de investigação: etnografia de documentos, etnografia da memória, etnografia do pensamento etc” (PUGLIESE, 2012, p. 13).

publicações da EDUFRN, como bibliotecas, arquivos, museus e acervos particulares.¹⁰

A *Pesquisa documental* (GIL, 2006), abordagem utilizada nas ciências sociais desde o século XIX, quando o documento passou a ser considerado uma “prova histórica”, orientou as consultas à documentação e demais registros. Considerada uma variação da pesquisa bibliográfica, por alguns autores, a pesquisa documental nos levou às fontes “de primeira mão” ou seja, papéis ainda pouco utilizados como fontes informacionais, mas significantes para o nosso objeto de pesquisa (GIL, 2006, p. 45-46). Por meio desse método acessamos atas, relatórios, boletins, portarias, resoluções, fotografias e o próprio objeto livro como documento, como “prova histórica”, um testemunho escrito do passado editorial da EDUFRN. Todos, verdadeiros “objetos memorialísticos”, como indica Le Goff (1996).

Descobrimos, então, datas, denominações, correções de nomenclaturas, decisões político-administrativas, fichas de funcionários, designações de pessoas para cargos; aquisições de equipamentos, lançamentos de livros e outras informações. Submetidos à pesquisa documental, as informações inerentes ao objeto livro, da Editora, como as capas, as fichas técnicas, as fichas catalográficas e os colofões¹¹ se tornaram alvo de interpretações.

Essa abordagem documental deu robustez à nossa investigação, pois, segundo Gil (2006, p. 46), os documentos são “uma fonte rica e estável de dados.” Ao mesmo tempo, a pesquisa documental trouxe para o presente alguns fatos há muito esquecidos, porém importantes para o processo de re(constituição) de memórias e reconstrução histórica. Do subterfúgio dos papéis surgiu uma lei estadual histórica, a Lei n. 145, de 6 de agosto de 1900, do governo Alberto Maranhão, no RN, apontada aqui como a primeira política estadual para publicação científica no Rio Grande do

¹⁰ De caráter “quase pessoal,” sobre ela imprimimos as nossas observações a respeito do objeto e local de estudo; fizemos dela um instrumento de memória do que coletamos para a nossa pesquisa, como os detalhes sobre datas, locais, denominações, identificação de autores que aparecem nos documentos, ou mesmo sobre objetos memorialísticos descobertos no desenrolar das investigações. Outras vezes, esse instrumento serviu como ordenador das atividades diárias. De um jeito ou de outro, a *Caderneta de campo* nos deu suporte do início ao final da pesquisa.

¹¹ O colofão é um registro que consta no final das obras impressas desde que esse suporte informacional apareceu. Atém-se a registrar em que oficina gráfica a obra foi impressa, em que ano e qual a tiragem. No princípio do livro impresso trazia, inclusive, o nome do impressor.

Norte (1963). Fez-nos chegar, também, ao primeiro documentarista da IU/Editora, o Prof. Edgar Ferreira Barbosa e a alguns outros pioneiros na área editorial do RN.

Enfim, por meio da pesquisa documental usamos os documentos como Miranda e Simeão (2003) aconselha: analisando os indícios, subtraindo-lhes informações com as quais reconstituímos parte das memórias da Editora.

1.4 A ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Os desdobramentos das perguntas formuladas na origem de nossa investigação dependeram, muito, da conferência e análise da documentação pesquisada e da checagem e confronto das narrativas orais com os dados anotados na caderneta de campo. Para tanto, contamos, nessa fase, com o auxílio de duas técnicas analíticas: a *Análise documental* e a *Análise de conteúdo* (AC).

Inicialmente adotada no campo da história e valorizada pela pesquisa qualitativa, a *Análise documental* (GIL, 2006) trouxe-nos as informações aprisionadas na documentação pesquisada e auxiliou-nos na reconstituição de aspectos do passado do objeto estudado (GUIMARÃES, 2005). Desde os externos, que se referem à localização, aos aspectos internos, que incluem o conteúdo. Esse recurso metodológico nos mostrou que independente do suporte sobre o qual o documento se estabeleça, ele, o documento de arquivo, é um produto social. Como tal, há que se entendê-lo como uma representação da realidade, com signos, símbolos, ícones, índices, significantes e significados. E, somente das leituras de seus enunciados é que podemos chegar “às intenções do seu autor e reações suscitadas em seu destinatário” (BELLOTTO, 2010, p. 161-162).

Mesmo que tenhamos trabalhado não só apenas com documentos de arquivo, aquele que, segundo Bellotto (2010, p. 162), “tanto resulta como registro de uma determinada ação, como registra ações que provocam outras ações”, nos asseguramos da origem dos que nos serviram de fonte ou de indícios. Só, então, os tomamos como ponto de partida para esclarecer facetas da problemática investigada e para nos ajudar a cumprir os objetivos estabelecidos. A Análise documental nos

mostrou, por exemplo, que a partir do conteúdo de um documento, podemos estabelecer “a veracidade (prova)” dos fatos (VALENTIM, 2005, p. 121).

Aliando a *Análise documental*, de Gil (2006), à *Análise de conteúdo (AC)* na perspectiva bardaniana,¹² adotamos alguns pressupostos, como a observação cuidadosa e a “intuição carismática,” como chama Bardin (1977). Assim, quando se tratava da memória documentada vimos o que há por trás, o que se esconde ou o que também não dito nos enunciados simbólicos e polissêmicos dos títulos das obras, dos registros das fichas técnicas e das catalográficas. Quando se tratou do material colhido por meio da oralidade, isto é, por meio do *Método da história oral do tipo história oral temática*, procuramos contextualizar as declarações dos depoentes, personagens e vozes dessa investigação científica, para entendermos o que de fato se passou.

Quase sempre, as narrativas apresentaram novos sentidos a serem descobertos, decifrados. Por isso, comparamos os registros documentados das obras a que tivemos acesso, contextualizando-os com as notícias impressas, com as decisões tomadas por meio das resoluções e as ações implementadas a partir das portarias, documentos de decisão e execução de políticas institucionais. Analisamos, também, o que os documentadores quiseram dizer e ou expressar por meio de outras linguagens, como a gestual. Enfim, procuramos interpretar as mensagens expressas sob qualquer simbologia.

A AC ajudou-nos a construir significações para mensagens turvas, incompletas, de duplo sentido, expressas pelos depoentes, principalmente para os conteúdos ditos e os “subentendidos”. Nos fez “ultrapassar as incertezas” das nossas fontes documentais porque garimpamos as memórias da EDUFRN em um campo científico interdisciplinar, como é a Ciência da Informação (CI), conforme reconhecem Saracevic (1995) e outros autores. Nesse caso, recorremos a abordagens aplicadas em outras ciências, com a História.

¹² Técnica de análise de conteúdo desenvolvida pela francesa Bardan, nos Estados Unidos, no início do século XX, aplicada à pesquisa em jornalismo e na propaganda, e adotada com mais intensidade nos estudos empíricos, sobretudo nas ciências sociais, desde a segunda grande guerra. Para aprofundar os aspectos teóricos da Análise de Conteúdo (AC), ler Bardin (1977).

Para fugirmos de eventual dúvida da não-representatividade e da subjetividade dos documentos, o *Método da história oral do tipo história oral temática* (ARÓSTEGUI, 2006) foi providencial. Quando necessário e sem nenhum recurso técnico, como a entrevista ou o questionário, abordamos três sujeitos conforme nos apareceram suas participações históricas na trajetória da IU/Editora. Geraldo Batista de Araújo, primeiro diretor da Imprensa Universitária; Airton de Castro, o segundo diretor, responsável pela ampliação dos produtos editoriais científicos e Francisco Guilherme de Santana, um dos servidores mais antigos, ainda no exercício de suas funções na Gráfica da EDUFRN. Cada um, a seu modo, com vivências singulares e olhares diferenciados, esclareceram fatos controversos nos documentos ou nos ajudaram a entender a incompletude das situações.

Para tanto, colocamos os depoentes diante dos escritos documentados e, aos poucos, deliberadamente, as rememorações deles foram chegando aos súbitos. As lembranças clarearam os fatos, facilitaram a nossa compreensão a respeito desse passado, de tal modo que pareceu-nos estar encaixando os dados perdidos num jogo de quebra-cabeças. Todavia, houve momentos em que esses sujeitos não lembavam mais sobre determinados fatos. Natural, quando se trata de lembrar, já que a função da memória é lembrar e esquecer (HALBWACHS, 2006). Na maioria dos casos, os interlocutores desconheciam a existência dos documentos; por vezes discordaram, acrescentando novas versões. Não se omitiram em criticar aquilo que, para eles, “não correspondia à realidade do que se passou”. De qualquer forma, romperam silêncios diante de provas documentais de um passado pouco revisitado.

Por isso, mesmo a *Abordagem da Pesquisa histórica oral temática* não sendo o nosso principal método nos auxiliou a compreender o “estado conflitivo” do nosso objeto de estudo porque, em algumas situações, era como se tivéssemos uma contestação de memórias, ou uma “[...] competição entre memórias concorrentes” como diria Pollak (1989, p. 4). E, a nós, coube-nos analisar esse material coletado sob os rigores dos procedimentos técnicos e científicos, para poder explicar como os fatos protagonizados no campo editorial científico da EDUFRN se tornaram eventos, ganharam solidez, duração e estabilidade. Sentimo-nos plenamente confortável com o método da Pesquisa documental, uma vez que Halbwachs (2006, p. 31) assegura

que “[...] para confirmar ou recordar uma lembrança não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”.

Combinando, então, a representação documental dos fatos com as rememorações de quem os releu, interpretando as intencionalidades subjacentes, características muito presentes nos fenômenos sociais informação e memória, elucidamos as interrogações iniciais de nossa pesquisa sobre a IU/Editora Universitária da UFRN. Usando as palavras de Pena-Ruiz (2011, p. 9), “[...] vindos das profundezas das eras, imagens e relatos nos [ajudaram] na tarefa” de construir essa dissertação.

A mesma está composta pelos seguintes capítulos: **O Capítulo 1**, denominado ***INTRODUÇÃO***, apresenta a temática da pesquisa, objetivos, métodos utilizados em seu desenvolvimento e teorias aplicadas para a compreensão do objeto e dos fenômenos informação e memória. **No Capítulo 2, *CENÁRIO EDITORIAL CIENTÍFICO E O PIONEIRISMO NO RN***, consta o histórico da atividade editorial científica brasileira, destacando as particularidades do Rio Grande do Norte. **O Capítulo 3, *A SAGA DA EDUFRN***, traz aspectos da trajetória da Imprensa Universitária (IU) / Editora Universitária da UFRN, desde o surgimento até o ano de 1980, quando completou 18 anos de funcionamento. **O Capítulo 4, *EDUFRN (1962-1980): dezoito anos publicando livros, produzindo sentidos***, mapeia as primeiras publicações da EDUFRN; identifica as obras científicas dos primeiros 18 anos, evidenciando-a enquanto artefato de memória. **O 5 e último Capítulo**, comporta as ***CONSIDERAÇÕES*** acerca desse estudo, e propõe sugestões para a problemática abordada, além das referências que fundamentaram o nosso estudo.

Nessa incursão pelo ainda desconhecido mundo editorial científico, da EDUFRN, quisemos concretizar o que Zuin, Pucci e Ramos-de-Oliveira, (1999, p. 46) defendem: [...] esclarecer [para] libertar os homens do medo, para ajudar a transformá-los, [posto que] a essência do conhecimento seriam [...] a utilidade e a calculabilidade.

Por fim, desse enfronhamento no passado editorial da IU/EDUFRN saímos com a clareza que as informações construídas aqui expostas estão associadas à memorial documentada e às lembranças dos partícipes desse processo histórico.

2 CENÁRIO EDITORIAL CIENTÍFICO E O PIONEIRISMO NO RN

Se imaginarmos toda a história da comunicação textual como um ano, considerando o início da escrita na Suméria como o primeiro de janeiro, o códice foi inventado em setembro, Gutenberg produziu o tipo móvel em fins de novembro, a internet, a mudança mais fundamental de todas, foi inventada por volta do meio-dia de 31 de dezembro, e os livros eletrônicos surgiram perto do pôr do sol. Nossa sociedade é a primeira “sociedade da informação” sobre a Terra e certamente não será a última (LYONS, 2011, p. 10-11).

O cenário editorial universitário brasileiro faz parte de um período muito recente da difusão da informação científica no Brasil e está vinculado, historicamente, à trajetória do livro. Desde o surgimento das primeiras editoras públicas universitárias, no país, no final da primeira metade do século XX, passaram-se pouco mais de sessenta anos. Isso explica porque falar sobre o assunto requer nos reportarmos, senão primeiro, mas com frequência, à criação da linguagem, à origem da escrita, à invenção do tipo e ao surgimento do suporte livro no âmbito nacional. Direta ou indiretamente, esses são fatos determinantes para o pioneirismo da atividade editorial no Rio Grande do Norte, particularmente a experiência da Editora Universitária da UFRN (EDUFRN) em publicação científica.

Criação do homem, a linguagem permite-o representar o mundo conforme ele o vê. Para Cassirer (1975, p. 23), a linguagem [...] é o mediador por excelência, o instrumento mais importante e mais preciso para a conquista e para a construção de um verdadeiro mundo de objetos. Por meio da “linguagem total,” de todas as formas de expressão humanas - *kinésica*¹³, oral e escrita – o homem exprime sua existência no ser, segundo Gutierrez (1978, p. 49). Faz dos sentidos humanos (audição, fala, visão, paladar, olfato e tato) meios para captar informação e, de alguns desses, veículo de recepção e emissão de informação. Poeticamente, Buzzi (1986, p. 207) sintetiza a linguagem assim: “Moramos na casa da linguagem e a todo instante convidamos as coisas a entrar e morar em nossa companhia”.

Mais que um código de sinais, um conjunto de regras e de convenções, a linguagem produz e reproduz imagens e sons sobre o que se vê o que não vemos, o

¹³ Termo atribuído aos seguidores da teoria econômica liberal de John Maynard Keynes, economista inglês, professor da Universidade de Cambridge, e que contribuiu para o desenvolvimento da teoria da probabilidade. Para Keynes, a probabilidade deve ser aplicada a proposições e não a fatos ou eventos (JAPIASSU; MARCONDES, 2001).

que sentimos, prevemos. A partir dela o homem cria para si a idéia de proximidade (o que está perto, junto, com) e de distância (passado, o que foi, aconteceu), pois tanto representa o que está próximo, aquilo que está diante de si ou em seu entorno, quanto os objetos distantes, o que já foi, existiu, experimentou, passou. Reflexo da previsão na linguagem, o prolongamento da referência pode levar a humanidade a olhar para trás, rever o passado e fazer o homem adiantar-se, ou seja, vislumbrar o que está por vir (BRONOWSKI, 1997, p. 21-25).

Ferramenta exclusiva da espécie humana, inclusive para auxílio à sobrevivência, a linguagem é múltipla, segundo o mesmo autor. Expressamo-nos pelo gesto, desenho, gravuras; pela fala, escrita, sons e imagens. Por todas essas formas de linguagem transmitimos uma infinidade de informações. A escrita, por exemplo, é “um procedimento” ou “arranjo de objetos simbólicos,” “sinais materiais” segundo Higounet (2003, p. 9), usados pelo homem para [...] fixar a linguagem articulada, por essência fugidia.

A escrita cuneiforme foi criada pelo homem na Mesopotâmia, denominada atualmente de Iraque, área fértil do continente asiático, localizada entre os rios Tigre e Eufrates. A cerâmica produzida a partir da argila dos vales dessa área tornou-se um dos primeiros suportes e artefatos dessa escrita. Para os arqueólogos, esse tipo de criação humana é um dos elementos essenciais para a classificação de desenvolvimento dos povos antigos (CHILDE, citado por CAMILO; NICOLIELO, 2011, p. 62-64). Adiante, esse tipo de registro viabilizou, assinalam Camilo e Nicolielo (2011, p. 64), [...] a criação de um código de lei, [...] fundamental para reger a sociedade.

Afora isso, a escrita é uma espécie da reprodução e realização do pensamento humano. Ambígua, fixa as ideias, mas, ao mesmo tempo, dá mobilidade ao pensamento do homem. Por meio da escrita as idéias andam, percorrem estradas, cruzam fronteiras, atravessam o espaço, resiste ao tempo. Tem-se a sensação de permanência das coisas, da história e de pertencimento à cultura. Por isso, a escrita gera memórias. As histórias recolhidas por Galeano (2007), em culturas pertencentes a diferentes espaços geográficos são um exemplo. Por meio do livro elas circulam por entre os povos e cada vez que as lemos lhes damos diferentes interpretações. Borges,

(2008, p. 22) nos diz que toda vez que lemos um livro “[...] el libro ha cambiado, la connotación de las palabras es outra.” Higounet (2003) atesta que a escrita tem o dom de imobilizar e renovar a linguagem, de disciplinar e organizar o pensamento. Para nós, serve de marco para a historiografia.

Fenômeno essencialmente sócio-cultural do homem, temos no discurso de Fedro¹⁴, integrante dos Diálogos de Platão (2009), registrados nos séculos IV e V a.C., um dos primeiros legados da escrita para o mundo ocidental (OLIVEIRA R., 2010). Independente da controvérsia da época a respeito da dupla natureza platônica da escrita - boa ou má / positiva ou negativa -, o filósofo grego enxergava a escrita como uma forma de tornar os homens esquecidos e, ao mesmo tempo, um recurso de ampliação da memória social, conforme a vemos nessa dicotomia platônica destacada pela autora:

Para Tamus, a escrita tornaria os homens mais esquecidos, pois eles deixariam de cultivar a memória e passariam a confiar apenas nos livros escritos, daí ele considerá-la um veneno, e não um remédio. Teut, defendendo sua invenção, argumenta que a escrita poderia aumentar a possibilidade de armazenamento de informações muito além da capacidade da memória humana convencional, ao proporcionar o registro e a preservação da fala e do pensamento, ampliando, assim, a memória social e cultural (OLIVEIRA, R., 2010, p. 8).

Mediadora de diálogos, fomentadora de conflitos, reveladora de informações, a escrita está sempre a serviço da construção da cultura, do acúmulo e preservação da memória, porque sob esse conjunto de códigos que representa o modo dos humanos pensarem e de agirem há rastros do modo da espécie ser, vestígios de como a espécie foi, onde e em que condições viveu.

E, se toda escrita é inscrita sobre algo, chamado de suporte ou objeto, o ato cultural da escrita é chamado pelos estudiosos de “registro material subjetivo”.

Pedra, tijolo, caco de cerâmica, mármore, vidro, couro, osso, ferro, bronze, tabuletas de argila frescas, casco de tartaruga e até materiais perecíveis, como madeira, casca de árvore (papiro), folhas, tela, seda, pele de animal (pergaminho) e

¹⁴ Um dos convidados participantes do banquete ofertado por Agaton, no Porto de Falero, distante três quilômetros de Atenas. Rapaz delicado, cheio de ternura, Fedro era filho de Pitocles. Gabava-se da sua capacidade de falar fácil (PLATÃO, 2009, p. 21).

tabuletas de cera serviram e servem para o homem registrar o que pensa, cravar a sua história (Foto 4).

Foto 4 - Escrita cuneiforme da Suméria. C. 2100 a.C.



Fonte: Revista História Viva, especial Idade Média, n. 32, São Paulo: Ediouro Duetto Editorial, 2011.

São, portanto, suportes informacionais de épocas distintas, estudados sob diversas perspectivas, inclusive a memorialística, conforme lhes atribuímos função, como detalha Oliveira, R. (2010, p. 29),

Formas rudimentares de escrita foram sendo desenvolvidas a fim de suprir [a carência humana], tornando-se, pouco a pouco, um meio cada vez mais eficaz de comunicação, divulgação e preservação das conquistas socioculturais do homem séculos afora. Por possibilitar ao indivíduo interagir com outrem, confrontando, informando, transmitindo ideias, sentimentos e intenções, a escrita se firmou como um dos principais canais de comunicação, seja para dar conta de um simples aviso, de um convite ou cumprimento de aniversário, seja para informar com segurança detalhes sobre as variações climáticas, um confronto étnico ou uma grande descoberta científica.

Os registros do conhecimento permitiram ao homem criar outro marco para a cultura humana: o livro. Martins (1996) nos conta que o “pergaminho,” feito com

pele de carneiro, foi decisivo para o surgimento do livro manuscrito, tendo a sua primeira edição no ano 301. No início, escrito de um lado só. Depois, nas duas faces, e enrolado como papiro, para dar a idéia de volume. De tão resistente, mesmo com a chegada do papel, o suporte pergaminho foi mantido até o século XIII para a escritura de livros e de atas. Quando escasso, raspavam-se os pergaminhos antigos para sobre eles escrever novos textos. Mais adiante, em plena idade média, a escrita reta na folha de papiro fez surgir o códex¹⁵, o formato mais próximo do livro impresso que se conhece hoje (MARTINS, 1996).

De acordo com Febvre e Martin (2000), por muitos séculos a difusão do conhecimento ocorreu exclusivamente por meio do livro manuscrito, ornamentados com imagens, as chamadas “iluminuras” (Foto 5).

Foto 5 - Livro ornamentado



Fonte: Revista História Viva, especial Idade Média, n. 32, São Paulo: Ediouro Duetto Editorial, 2011.

E como no período medieval o poder monárquico incorporou aos seus castelos as bibliotecas, restritas aos monastérios, os escritos mais raros passaram a ser copiados pelos monges, a mando dos nobres, e a constar, também, de inventários da nobreza (CASSAGNES-BROUQUET, 2011, p. 35-39). Pelo teor, naquela época o livro tinha a aura do “sagrado,” era objeto de arte. E é Gracián (2011, p. 35), um filósofo

¹⁵ Códices são manuscritos cujas folhas eram reunidas entre si pelo dorso e recobertas de uma capa semelhante à das encadernações modernas.

espanhol, quem nos dá a dimensão desse objeto: [...] alguns elogiavam os livros por seu volume, como se fossem escritos para exercitar os braços, e não a cabeça.

Somente depois do surgimento da arte tipográfica, na Alemanha, em 1450, tida como “profissão maldita,” “arte do diabo” por permitir a ampla circulação de idéias, é que a imprensa se espalha pelo mundo. Por volta do ano de 1480 já havia chegado a 110 cidades, segundo Lyons (2011), e em 1500 era mais que o dobro. Assim, o suporte livro ganhou ares de objeto de consumo, entrou, finalmente, em circulação na Europa e chegou ao novo mundo, conforme o seguinte relato:

No século XVI a imprensa se estabeleceu na Europa oriental e nos países nórdicos. Moscou conseguiu a sua nos anos 1560, e Liubliana, nos anos 1570. Em Constantinopla ela chegou em 1727. A Imprensa chegou à América do Norte através da Inglaterra, em 1638. Os conquistadores estabeleceram a Imprensa no México em 1539, mas ela nunca teve permissão para competir com os livros importados da Espanha; as imprensas locais do Novo Mundo eram fundadas apenas para assistir os missionários na conversão dos povos locais (LYONS, 2011. p. 63).

No Brasil, o primeiro prelo nacional é fruto da arte jesuítica. Foi instalado às escondidas da coroa portuguesa no Recife, no governo de Francisco de Castro Moraes, 60 anos depois que os holandeses foram expulsos. Única cidade além da capital, Salvador, Recife se mostrava rebelde em relação às autoridades portuguesas. Porém, logo que soube, Portugal ordenou ao governador, por meio de carta, sequestrar as “letras impressas.” Hallewell (2005, p. 88) relata que um alvará, de 20 de março de 1720, proibia qualquer publicação em todo o Brasil.

Presume-se que tal decisão tenha contribuído para o atraso cultural do país em relação à Europa, onde uma efervescência das idéias iluministas viria a mudar a forma do homem ver o mundo. Mas, Carvalho (1999, p. 17) nos dá as razões do nosso colonizador para esse modo de agir. Portugal estava sob domínio da coroa espanhola, a santa inquisição avançava para as colônias subjugadas pela Europa, a imprensa sofria censura ferrenha por parte da igreja e dos impérios, o livro, até então “sagrado,” adquiria o sentido de objeto de consumo e a demanda pelo impresso fez surgir a crise do papel.

Depois do “sequestro das letras” dos pernambucanos que tentaram instaurar a impressão gráfica, o tipógrafo português, Antônio Isidoro, instalou em 1747, no Rio de Janeiro, uma prensa de impressão. Segundo Carvalho (1999, p. 37), Isidoro chegou a imprimir entre cinco e seis exemplares do livro *Relação da entrada que fez d. Antônio do Desterro Malneyro bispo do Rio de Janeiro*. Para a autora, foram impressos mais um ou dois folhetos pelo português. Contudo, por falta de prova documental da aventura editorial gráfica pernambucana, a iniciativa do português Isidoro acabou por consagrar o Rio de Janeiro como o pioneiro nas artes tipográficas do Brasil.

Em meio à repressão à publicação de livros no Brasil colônia, não é de se estranhar que a primeira edição de uma obra nacional, *Cultura e Opulência do Brasil*, de Antonil, em 1711, fosse impressa fora do país. Outra obra, Marília de Dirceo, de Tomáz Antônio Gonzaga, impressa inicialmente em Portugal, tornou-se mais tarde, como observou Mindlin (1997), o primeiro *best-seller* brasileiro. Essa obra alcançou 34 edições portuguesa e nacional e a primeira edição brasileira, de 1810, vendeu, de acordo com Hallewell (2005, p. 8), 2 mil exemplares em seis meses. O bibliófilo Mindlin (1997, p. 50) mantinha um em sua biblioteca e costumava dizer que “[...] a idade do livro em si não tinha tanta importância. Para ele, importava [...] o conteúdo da obra, o valor histórico ou gráfico da edição”.

Voltando o nosso olhar para esse passado, indagamos, então: - Sem autorização para publicar, como se tinha acesso à informação no país? Aos motivos expostos em Carvalho (1999), acrescentamos que Portugal impedira às suas colônias o acesso à informação por enxergar o poder de transformação da informação. E a coroa portuguesa não se equivocara. Séculos depois, a UNESCO expressa visão parecida no Manifesto da Biblioteca Pública, aprovado em 29 de novembro de 1994, em Paris:

Liberdade, prosperidade e desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Eles serão alcançados somente através da capacidade de cidadãos, bem informados, para exercerem seus direitos democráticos, e terem papel ativo na sociedade. Participação construtiva e desenvolvimento da democracia dependem tanto de educação adequada, como do livre e irrestrito acesso ao conhecimento, pensamento, cultura e informação (UNESCO, 1994, p. 1).

Na década de 70 do século XX, em um de seus encontros acadêmicos, Borges (2008, p. 12) esclarecia para os ouvintes que no mundo oriental [...] existe aún el concepto de que un libro no debe revelar las cosas. Um livro, diz o autor, [...] debe simplemente ayudarnos a descobrirlas. E foi ajudando ao homem fazer descobertas que o livro impresso contribuiu para revolucionar a história cultural do ocidente, a começar pela religião. Para a época, ler significava ter acesso a “Deus” e liberdade de pensar. Então, esse objeto acabou diabolizado não só porque era feito no silêncio da noite, por pessoas estranhas que adotaram o símbolo da serpente para o ofício de impressor gráfico, mas porque o livro era visto e ainda é em séculos mais recentes, inclusive pelo próprio Borges (2008, p. 9), como um instrumento humano assombroso, [perigoso], [...] uma extensión de la memoria y de la imaginacion.

Assim, os primeiros séculos de colonização portuguesa no Brasil só não foram de “total escuridão” devido a formação da biblioteca dos jesuítas, na Bahia. As raras exceções de circulação de obras no país ficaram por conta dos abastados letrados “autorizados a ler.” Carvalho (1999) registra que ao regressarem da Europa eles traziam obras relacionadas à atividade vocacional, religiosa, de orações, didáticas e as gramáticas. Nessa leva chegavam, também, os “livros proibidos” sob a forma de contrabando ou escondidos nas bagagens.

Ao prefaciar a edição americana *Books in Brazil: A history of the publishing trade*, de 1982, o editor londrino, Cape (HALLEWELL, 2005, p. 41-43), diz que o livro [...] existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Faz sentido. Na sua constelação de valores, o teólogo Mondin (2005, p. 117) inclui a cultura como um valor primário, além de outros feitos humanos, como [...] linguagem, tradição, palavra, sinal, símbolo, escrita, sentido, significado, inculturação, costumes, civilização, evolução, progresso, tecnologia, escola, universidade, livros, editoras, jornais, bibliotecas, imprensa, teatro, cinema, utopia, ideologia, modernidade, educação, etc. Ele via a cultura como [...] um valor instrumental a serviço do indivíduo e da sociedade, subordinado direto e intrinsecamente às suas exigências [...] A cultura é produzida pelo homem e para o homem, completa Mondin (2005, p. 118).

Verifica-se que a posição de Hallewell (2005, p. 43) caminha na contramão do valor primário de Modin (2005), quando ele, Hallewell (2005), expõe que o retardamento da produção desse suporte, no Brasil, não foi tão prejudicial à cultura brasileira. O autor da obra *O livro no Brasil* (2005) argumenta que uma vez instalada, a indústria editorial nacional cresceu de forma acelerada e [...] nenhum país do terceiro mundo possui hoje uma indústria editorial, em uma única língua, tão grande.

2.1 A INDÚSTRIA EDITORIAL, OS PRELOS ACADÊMICOS E OS PRIMEIROS LIVROS CIENTÍFICOS

Os primeiros passos da atividade editorial privada ocorreram em 1836, com a obra *Questões sobre Presas Marítimas*, de José Maria de Avelar Barreto, publicada pela Gráfica de Costa Silveira, em São Paulo (HALLEWELL L, 2005). No entanto, para um país jovem, como o Brasil, o pioneirismo nacional em divulgação da informação científica é considerado um fato um tanto novo. Tem pouco mais de 150 anos.

Hallewell (2005) revela que de 1860 a 1909 os livros práticos, técnicos, médicos e didáticos giravam em torno de ciência popular e história, agricultura, economia doméstica e etiqueta, incluindo os manuais. Tudo pelas mãos de dois editores estrangeiros que aportaram no Brasil: Guarnier e Laemmert. Os manuais de culinária alcançaram, por exemplo, 10 edições em 50 anos, um grande sucesso editorial à época, registra o autor. Guarnier chegou a publicar o Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Acessórias para o Uso das Famílias, em dois volumes, com tiragem de três mil exemplares. Esse tipo de publicação dependia exclusivamente do setor privado que, segundo apurou o autor, [...] adotava a linha editorial do “pistolão,” “bom senso comercial” e “cautela” em relação a novos autores.

A trajetória do livro científico do Brasil, também chamado de acadêmico ou universitário, está atrelada ao desenvolvimento educacional do país. Depois da independência de Portugal, o Brasil precisou desenvolver uma formação jurídica própria. O Imperador Dom Pedro I criou, simultaneamente, em 11 de agosto de 1827,

em Olinda e em São Paulo, as duas primeiras faculdades de Direito¹⁶. A impressão de livros científicos passou, então, a se dividir entre os prelos acadêmicos, livrarias e typographias. O ensino superior brasileiro se organizou a partir da metade do século XX e o livro científico adquiriu, desde essa fase, perfil de produto cultural porque além do valor sociocultural, o objeto apresentava potencial econômico (BRANT, 2002).

Precoce na publicação de periódico científico, o Rio de Janeiro, capital do país à época, despontou nessa área em plena década de 30 do século XX. Conta Martins Filho (1997, p. 29-30) que editoras privadas, como a Guanabara, começavam a publicar textos das áreas de medicina, farmácia e engenharia e nas duas décadas seguintes a Guayra, de Curitiba, e a Progresso Editorial, da Bahia, publicavam obras de filosofia. Era uma forma, ainda que incipiente, de prover a camada universitária de informação científica.

Porém, o Estado de São Paulo vivenciou visceralmente a saga do livro universitário nacional. O primeiro prelo acadêmico foi instalado na Faculdade de Direito, na capital do Estado, e em 1855, dos 15 mil habitantes da cidade 600 eram acadêmicos de Direito. Esses dados e mais três livrarias e três typographias¹⁷ davam à cidade de São Paulo “um ar mais intelectual que comercial,” segundo Hallewell (2005, p. 301), devido [...] ao sólido aprendizado e à cultura liberal dos formandos de Direito. Naquele início, das três gráficas da época a mais próxima do que viria a ser uma editora, hoje, era a Typographia Literária, cujo nome prenunciava sua especialidade: livros. Já em 1860, as três livrarias publicavam catálogos dos livros à venda, muitos deles “um verdadeiro luxo” nas palavras de Hallewell (2005), nos quais predominavam os títulos da área do Direito, devido essa ligação da atividade editorial com o nascedouro da Faculdade de Direito, no Largo de São Francisco, na capital paulista.

A partir de 1920, a indústria editorial brasileira teve um forte impulso e o Estado de São Paulo andava a passos largos para se tornar uma metrópole. Queria ultrapassar a hegemonia intelectual da capital federal, o Rio de Janeiro. Surgiram,

¹⁶ Informação disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

¹⁷ As três primeiras gráficas da cidade de São Paulo, segundo Laurence Hallewell (2005), foram a Typographia Imperial, a Typographia Duos de Dezembro e a Typographia Literária.

então, as três primeiras editoras paulistanas: as Edições da Revista do Brasil, de Monteiro Lobato; a Casa Editora “O Livro” e a Rede Latina Editora. O movimento nacionalista artístico cultural, conhecido como “modernismo,” deflagrado em setembro de 1922, também em São Paulo, impulsionou a publicação de livros no país. A editora de Monteiro Lobato, o criador do personagem Jeca Tatu, chegou a publicar num determinado ano, 15 títulos, totalizando 60 mil exemplares. De 1921 a 1970, a Companhia Editora Nacional, sucessora da editora de Monteiro Lobato, “ocupou o primeiro lugar entre as firmas brasileiras dedicadas exclusivamente à edição de livros.” Hallewell (2005, p. 330) chama a atenção para um catálogo dessa editora, publicado em 1925, com quase 200 títulos.

Comparando-se esses resultados com os números de hoje e guardadas as devidas proporções, sem as ferramentas das modernas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e do marketing, o livro brasileiro alcançou em pouco menos de 80 anos o seu *boom* editorial.

2.2 JOSÉ SIMEÃO LEAL: UM DESBRAVADOR NO CENÁRIO NACIONAL

Bem antes do que hoje conhecemos por editoras públicas universitárias públicas aparecerem houve uma experiência editorial pública singular, no país. Apesar do Instituto Nacional do Livro (INL) incentivar, também, desde 1937, as atividades editoriais, José Simeão Leal (Foto 6), um paraibano nascido no início do século XX, em Areia (PB), assumiu a vanguarda da editoração pública brasileira.

Foto 6 - Editor José Simeão Leal



Fonte: José Simeão Leal: escritos de uma trajetória. Tese de doutorado, UFPB, 2009

Sua trajetória de editor público nacional começa em 1947, no Rio de Janeiro, quando o mesmo se encontrava à frente do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde e “transformou a antiga gráfica ministerial na editora oficial brasileira da política cultural” (OLIVEIRA, 2009, p. 132). Tratava-se de um local e espaço para publicar documentos históricos institucionais, mas, também, obras literárias de autores renomados e revelar nomes da cultura nacional.

Ao pesquisar o acervo de gravuras, fotografias, documentos históricos, publicações e registros sobre a vida pessoal desse médico, professor, adido e produtor cultural, além de artista plástico, Oliveira (2009, p. 48) descobriu que o mesmo não foi só o primeiro editor público brasileiro que se tem notícia, mas “um defensor do acesso ao livro por meio de política pública.” Assim, durante dezenove anos à frente do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, Simeão cumpriu com o dever e a responsabilidade do Estado “por disponibilizar ao país e ao mundo uma produção editorial de qualidade”, conforme constata a autora em sua tese:

[] o trabalho que ele desempenhou à frente do processo editorial reflete tanto um novo tipo de escrita, quanto a emergência de novas formas da dinâmica editorial, para valorizar um novo modo de produção literária, cujo processo de leitura se estabelecia desde o aspecto físico rigidamente moderno até o conteúdo das obras (OLIVEIRA, 2009, p. 158).

À frente de seu tempo, esse vanguardista nacional da atividade editorial pública criou, inclusive, livros no formato “de bolso”, como os cadernos de cultura. Mas, a ausência de seu nome nas bibliografias sobre a temática sinaliza que o trabalho de Simeão, como editor e fomentador da cultura nacional, ainda não recebeu o devido reconhecimento.

2.3 A VANGUARDA EDITORIAL POTIGUAR

O Rio Grande do Norte sempre teve tendência para as letras. O seu primeiro donatário, o cronista João de Barros, nem chegou a por os olhos sobre as terras que lhes “pertenciam” por ordens do rei. Mas, é como se esse fato tivesse selado o destino literário do povo potiguar. Para o historiador Soares Filho (1978, p. 9), parece que as primeiras divulgações de escritos norte-rio-grandenses já apareciam por volta de 1645. O autor detalha:

São as cartas dos índios potiguares Pedro Poti e Dom Antônio Felipe Camarão, vertidas do tupi para o holandês pelo Ministro protestante Johannes Eduards. Acrescente-se a famosa proclamação do Capitão-mor dos índios, datada de 28 de março de 1646, dirigida aos indígenas que apoavam o domínio batávico. Pedro Souto Maior traduziu, para o português, as versões flamengas de Eduards (SOARES FILHO, 1978, p. 9).

Do século XIX tem-se notícia dos seguintes norte-riograndenses que se destacaram nas letras: Francisco de Brito Guerra, em 1800, que além de padre e jornalista é considerado o primeiro literato do Estado; Tomás Xavier Garcia de Almeida, o primeiro potiguar a conquistar o diploma pela Universidade de Coimbra, em 1818, e Nísia Augusta Brasileira Floresta, a primeira mulher do Rio Grande do Norte a ser reconhecida pela inteligência e produção literária (SOARES FILHO, 1978, p. 10) fora do território nacional.

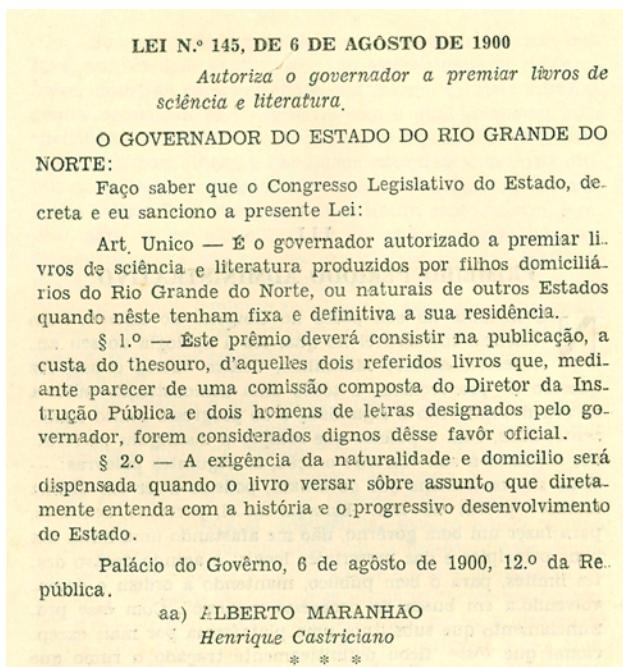
No ano de 1900, essa tendência do povo potiguar para a escrita é confirmada, mais uma vez. Uma decisão política, do primeiro governo de Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão (Foto 7), adotada por meio da Lei estadual n.º 145, de 6 de agosto de 1900 (Foto 8), corroborava esse destino.

Foto 7 - Governador Alberto Albuquerque Maranhão, autor da Lei estadual n. 145/1900



Fonte: Pires (1963).

Foto 8 – Lei N° 145, de 6 de Agosto de 1900



Fonte: Pires (1963)

Garantia a publicação de obras literárias e científicas “de reconhecido interesse” pelo poder público estadual. Publicada em 26 de agosto do mesmo ano, no jornal local, *A República*, a lei iniciava, segundo Edgar Barbosa (FARIAS, 2011), o “ciclo de ouro das letras e das artes no estado”.

Sua longa vigência garantiu nas décadas de 50 e 60 do século XX que pesquisadores consagrados, como Câmara Cascudo, ensaístas, como Othoniel Menezes, poetas, como Zila Mamede, reconhecidos pelo valor literário, publicassem por meio dessa lei. Para tanto, existia o Departamento de Imprensa do Rio Grande do Norte (DI), no governo de Sylvio Pedroza (CASTRO, 2011) estendendo-se em outras administrações do RN. Dirigido pelo jornalista e poeta amazonense, Antônio Pinto de Medeiros, o DI publicou, no ano de 1954, o primeiro volume do Anuário da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, redigido pelos professores das duas faculdades, Ascendino Henriques de Almeida Júnior (1954) e Alberto Moreira Campos (1954) (MÉLO, 1991, p. 28).

Esses dois últimos casos mostram que bem antes da IU/Editora Universitária e da própria Universidade do Rio Grande do Norte existirem, já se publicava textos

acadêmicos e informações científicas no Estado. A cidade de Mossoró, no interior do RN, é outro exemplo. Data de 1949 as primeiras publicações da Coleção e Editora Mossoroense, como veremos mais amiúde, neste trabalho.

No entanto, é inegável o impacto dessa lei para a ciência do Estado. Já em dois de outubro de 1959, o governador Dinarte de Medeiros Mariz instituiu a Medalha de Mérito “Alberto Maranhão” (Foto 9), um [...] prêmio simbólico pela produção artística, literária, educacional e científica, relativa ao Rio Grande do Norte ou para quem tenha contribuído eficazmente para o enriquecimento ou defesa do patrimônio artístico e cultural do Estado (PIRES, 1963, p. 52-53).

Foto 9 - Medalha de Mérito “Alberto Maranhão”



Fonte: Pires (1963, p. 52-53).

Além de reconhecimento e de estímulo, a distinção da medalha atraia a atenção da mídia para os autores publicados. Adiante, em 1966, o discurso de posse do ex-governador Sylvio Pedroza (1996), na Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL/RN), revelava que somente em seu governo a Lei estadual n. 145/1900

publicou 50 autores norte-rio-grandenses (CASTRO, 2011, p. 78). Independente do julgamento a respeito dos resultados dessa lei, não se pode obscurecer o compromisso histórico do poder público estadual do Rio Grande do Norte em fazer a informação científica circular, no começo do século XX, quando a pesquisa científica ainda era incipiente no Brasil.

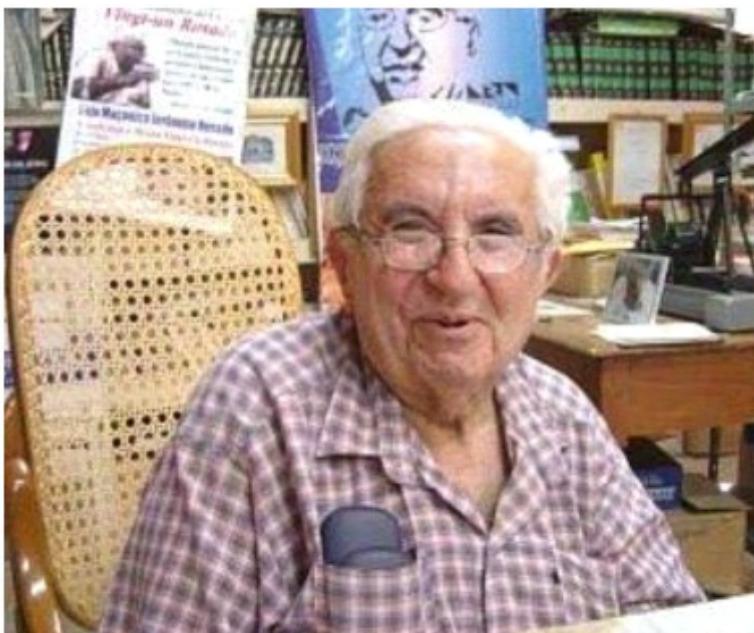
Tais informações mostram que Edgar Ferreira Barbosa (FARIAS, 2011) não exagerou ao vaticinar uma nova vida para as letras e as artes do RN. Evidenciam, inclusive, prenúncios de uma atividade editorial que viria se intensificar mais adiante, tanto na capital como na região Oeste do Estado.

2.3.1 A Coleção e Editora Mossoroense

Um mossoroense da família Rosado provou, na região Oeste do RN, que a Lei estadual n. 145, de 06.08.1900 não fora em vão. Na cidade onde o petróleo jorra da terra, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia resolveu, muito cedo, que livros podem ser germinados como sementes em editoras e colhidos, como frutos, em prateleiras de bibliotecas e ou de livrarias. Começava, ali, a 280 km da capital, Natal, uma história pioneira na editoração de livros científicos no Estado.

O vigésimo primeiro filho do farmacêutico paraibano, Jerônimo Ribeiro Rosado e de Dona Isaura Rosado Maia tornou-se agrônomo, intelectual e político; defendeu causas sociais, como a água, o petróleo e a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), atualmente Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Mas Jerônimo Vingt-un Rosado Maia adquirira um ‘defeito’ para alguns, um diferencial para a cidade de Mossoró e uma ‘virtude’ para os norte-rio-grandenses: a paixão por livros, a missão de editá-los.

Nascido em setembro de 1920, Vingt-un Rosado (Foto 10), como se tornou conhecido, criou na segunda metade da década de 40 a Coleção Mossoroense (Foto 11), a qual presume-se 4.433 títulos publicados, conforme Farias (2011).

Foto 10 - Jerônimo Vingt-un Rosado

Professor e editor da Coleção e editora Mossoroense, Jerônimo Vingt
Rosado Maia

Fonte: Farias (2011)

Foto 11 - Um aspecto do acervo da Coleção Mossoroense

Um aspecto do acervo da Coleção e
editora Mossoroense

Fonte: Farias (2011)

Divididos em livros, folhetos, periódicos, cordéis, plaquetes e outros formatos, sob a forma de séries, que vão da letra A até a J, segundo Oliveira e Santana (2011), a coleção é editada desde 1949.

Transitando pelas séries, o leitor encontrará uma variedade de assuntos que vão desde a geologia, geografia oestana, minerais, petróleo, sal, recursos hídricos. Acha, também, temas históricos relativos às memórias do cangaço, às cidades do semi-árido brasileiro, obras literárias e socioculturais, sobressaindo-se o folclore nordestino. Catálogos, bibliografias e cartas se somam ao acervo da coleção, conforme quadro a seguir.

Quadro 1 - Coleção Editora Mossoroense

Série	Formato do documento	Assunto
A	Plaquetes (formato grande)	Cultura popular
B		Pesquisas sobre Mossoró
C	Livros, monografias, jornais	Diversos
D	Folhetos	Cordel
E	Periódicos	Diversos
F		Coleção Memorial dos Mossoroenses
G	Relatórios	Falas de presidentes da Província do RRN – 1835-

		1938
H e I	Cadernos	Areia Branca e Carnaúba dos Dantas (municípios do RN)
J		Ruas e patronos de Mossoró

Fonte: Oliveira e Santana (2011.)

Esse farto material deu margem às pesquisadoras Oliveira e Santana (2011) reconhecerem que a coleção compõe um legado do conhecimento referente às mais variadas temáticas, com registros, por excelência, de uma cultura regional. É considerada [...] a mais importante bibliografia sobre a seca no país (OLIVEIRA; SANTANA, 2011).

No princípio, abrigada na Fundação Duque Guimarães, fundada, também, por Vingt-un Rosado e pertencente à ESAM, a Coleção Mossoroense tornou-se, de acordo com Farias (2011), “a maior editora não comercial do país,” ainda em plena atividade. Quem se dedica a estudar a saga dos Rosados, em Mossoró, como o pesquisador Felipe (2000, p. 4), se refere a Vingt-un como o homem que por meios dos livros que publicou ajudou a construir um país imaginário, “o País de Mossoró”, a partir dos livros que editou.

A paixão de Vingt-un Rosado Maia pelos livros apareceu logo no início de sua juventude, quando escolhido para trabalhar, aos 13 anos, na Biblioteca Estevão Dantas, do Colégio Santa Luzia. Daí em diante virou obsessão e, anos mais tarde, o jovem Vingt-un publicaria o primeiro título de sua editora. Não importava o tema, a área, o assunto e nem o autor. Presume-se que o que foi escrito em Mossoró, nos últimos 50 anos, pouco está fora da Coleção, principalmente a produção acadêmica da antiga (ESAM). Estudosas dessa temática, Oliveira e Santana (2011) destacam que um dos critérios para Ving-un Rosado publicar era [...] a contribuição que a literatura científica traria para o Estado do RN.

Em 1990 foi criada a Fundação Vingt-un Rosado em substituição à Fundação Duque Guimarães. Essa nova entidade jurídica, de caráter privado, assegura em seu estatuto a prioridade às atividades culturais, técnico-científicas, artísticas e afins, e a manutenção da Coleção e editora Mossoroense. À frente dela, o “incansável editor de livros” (FARIAS, 2011). Nos dias atuais, sabe-se por meio das pesquisadoras Oliveira e Santana (2011), a iniciativa de se preservar esse acervo memorialístico. Títulos da

Coleção e Editora, sobretudo os referentes à seca e ao semi-árido nacional, estão sendo digitalizados para disponibilização em ambiente virtual.¹⁸ Trata-se não só de ampliar o acesso à coleção, mas garantir à sociedade a permanência da memória coletiva de saberes do povo nordestino brasileiro. Assim, torna-se real o sonho de Vingt-un Rosado, quando ainda jovem: o desejo do homem continuar, por meio da memória escrita, registrada, impressa.

Em 1981, Vingt-un Rosado teve seu mérito de editor, produtor cultural e cidadão dedicado às grandes causas do Estado reconhecido pelo Conselho Superior Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Recebeu o título de professor *Honoris Causa* da UFRN (UFRN, 1981).

Em suma, o pioneirismo editorial de três nordestinos, José Simeão Leal, no Rio de Janeiro, Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão e Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, ambos no Rio Grande do Norte, parece concretizar a profética salvação humana de Emmanuel Swedenborg, trazida por Borges, (2008, p. 53). Dizia o súdito de Carlos XII que a salvação do homem está “na ética, no intelecto e na arte”.

2.4 AS PRIMEIRAS EDITORAS PÚBLICAS UNIVERSITÁRIAS DO PAÍS

Germinada em solo grego, sob a forma de academia, as primeiras *universitas*, ou seja, pólo, foco, centro, *unus e versus*, datam do século XII. Bolonha, Sagres, Parma, Modena, Perugia, Pádua, Nápolis, Sienna, Roma, Macerata, Pira, Florênci, Urbino, Gênova, Messina, Paris, são cidades onde surgiram escolas superiores, universidades e ou faculdades. Autores, como Navarro (1980, p. 195), arriscam a dizer que a universidade foi criada pelo homem “para elevá-lo acima de si mesmo.” Porém, mesmo subjugados aos domínios de papas, reis e imperadores, esses templos do saber foram os locais mais apropriados à difusão do livro, segundo Bufrem (2001).

No Brasil, o surgimento da atividade editorial universitária está vinculado a quatro movimentos históricos ocorridos entre as décadas de 50 e 60 do século XX, não, necessariamente, numa escala cronológica: a) À organização do ensino superior

¹⁸ Um dos materiais da Coleção e Editora Mossoroense será contemplado no projeto de digitalização do acervo do Núcleo Temático da SECA (NUTSECA/UFRN), em processo de digitalização dos conteúdos.

e o seu impulso a partir da década de 60; b) Ao estabelecimento do mercado de bens culturais para consumo em massa a partir da industrialização nacional, no governo Juscelino Kubischek (JK); c) À implementação de políticas governamentais de importação de equipamentos e insumos básicos, em 1966, e de estímulo à produção nacional de papel, em 1967 e d) À obrigatoriedade dos professores universitários em relatar, escrever, comunicar e publicar pesquisas.

Quando o historiador inglês Burke (2003) conta que em 1550 um escritor italiano já reclamava de haver mais livros que tempo para lê-los, o Brasil contabilizava apenas 50 anos de descoberta pelos colonizadores. E, as editoras públicas universitárias só apareceram no cenário nacional quatro séculos depois, ou seja, já na metade do século XX, no final do período desenvolvimentista do Presidente JK, após a segunda grande guerra mundial. A primeira, em 1955, no Estado de Pernambuco, sob o manto da Universidade do Recife, denominada, inicialmente, Gráfica Universitária do Recife. Segundo Rezende, Denis e Araújo (2006, p. 14), voltada para as “necessidades burocráticas acadêmicas” e a “difusão do saber”. Mais uma vez Pernambuco assumira a vanguarda no que diz respeito à publicação de impressos, pois outrora, no Brasil colônia, o mesmo Estado transgredira as ordens do rei de Portugal, instalando uma prensa às escondidas¹⁹.

No mesmo ano de sua criação, a Gráfica Universitária do Recife publicou as cinco primeiras obras com o seu selo, as quais constam do Catálogo de Publicações da Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco: 1955- 2005 (UFPE, 2006), lançado em 2007, por ocasião dos 50 anos de fundação. Consolidada como a mais antiga editora universitária do Brasil, somente em 1968, de acordo com o Decreto nº 62.493, a Editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), passou a ser um órgão suplementar da instituição, apoiando as unidades universitárias quanto às atividades editoriais e gráficas (BRASIL, 1968).

No seu esteio vieram, em 1959, o Departamento de Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), criado para editar a Revista *Universitas* e o Jornal da

¹⁹ Para mais informações sobre a Editora da Universidade Federal de Pernambuco (EDUFPE) ver informações disponíveis em <www.ufpe.br/edufpe>. Acesso em: 11 fev. 2011.

Universidade²⁰ e, depois, a Imprensa Universitária da Paraíba, denominada na atualidade Editora Universitária da UFPB (EDUFPB). A memória da Universidade Federal da Paraíba registra que em 1964, o golpe militar, fato político ocorrido no país, afastou o Chefe da Imprensa Universitária, Luiz Gonzaga Rodrigues (FERREIRA; FERNANDES, 2006, p. 55). Mesmo assim, no ano seguinte, 1965, circularam algumas obras impressas pela gráfica da UFPB, como “Cravina Alsfaltada,” obra literária de contos, com 45 páginas, das Edições Caravela (MELO, 1994, p. 127).

No caso da Universidade Federal da Bahia, o Departamento de Cultura foi extinto em 1968 e a atividade editorial da UFBA somente retornou em 1970, com a missão de publicar textos acadêmicos encaminhados pelos departamentos de ensino, visando auxiliar aos estudantes universitários. Em 1971, com a criação do Centro Editorial e Didático, mudou novamente o seu perfil editorial, passando a englobar as atividades do extinto Departamento Cultural, o Programa de Textos Didáticos e o Núcleo de Recursos Audiovisuais. Em 1974 agregou a pequena Gráfica Universitária da UFBA e finalmente, em 1991, por decisão do Conselho Universitário (CONSUNI/UFBA) foi transformado em Editora Universitária da UFBA (EDUFBA).

Em abril de 1961 foi criada a Editora da Universidade de Brasília (Editora UNB). Seu acervo contabiliza mais de dois mil títulos e o catálogo editorial ultrapassa 700 obras.²¹ No início do ano seguinte, em seis de fevereiro de 1962, a Resolução n. 51/61 do Conselho Universitário da UFRN criava, oficialmente, a Imprensa Universitária da UFRN, dez anos depois denominada Editora Universitária da UFRN (EDUFRN). Nessa sequência histórica nacional surge, em 1963, a Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). Seu catálogo contempla, até o ano de 2011, mais de mil títulos distribuídos entre as séries e as coleções que abarcam desde textos dos grandes filósofos às mais recentes teorias científicas²².

²⁰ Para mais informações sobre a Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) ver informações disponíveis em <www.edufba.ufba.br>. Acesso em 11 fev. 2011.

²¹ Mais informações sobre a Editora da Universidade de Brasília (EDUNB) ver em <www.editora.unb.br>. Acesso em 11.02.2011.

²² Mais informações sobre a Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) ver em <www.edusp.com.br>. Acesso em 11.02.2011.

Essa linha do tempo das editoras públicas universitárias, traçada em nossa pesquisa, não exclui outras interpretações à cronologia apresentada. Indiscutível é o fato da Imprensa/Editora Universitária da UFRN constar entre as seis primeiras editoras públicas universitárias públicas do país, conforme data e a função para a qual cada uma foi criada. A partir desse estudo temos, portanto, a seguinte sequência: Editora da UFPE; Editora da UFBA; Editora da UPPB; Editora da UnB; Editora da UFRN; Editora da USP. Entretanto, mais importante é que “as editoras públicas universitárias cumprem papel único e todos os projetos seriamente idealizados e cumpridos são fundamentais independente do tamanho e alcance deles” (MARQUES NETO, 2011, p. 15).

Contudo, um fato comum marca o início de quase todas as editoras públicas universitárias brasileiras: a variação de denominação. Com exceção da Editora UNB, a maioria das que apareceram nesse período histórico foi chamada de “gráfica”, de “serviço gráfico” ou de “imprensa universitária”.

Não se pode afirmar que faltava discernimento ao meio acadêmico para distinguir a atividade gráfica da editorial, mesmo sabendo-se que essa não era uma atividade-fim das universidades. Todavia, como já dissemos, a atividade gráfica, voltada para fins de impressão de qualquer material, precedeu a editorial científica dentro das universidades, essa última para fins de editar obras que divulguem o conhecimento gerado pela pesquisa. Talvez, devido ao “erro” histórico documental que Geraldo Batista de Araújo atribui ao autor Mélo (1991), tal associação entre gráfica e editora tenha sido quase inevitável na Editora Universitária da UFRN.

Infelizmente, de 1963 em diante teve-se, no país, um jejum forçado em relação à abertura de outras editoras públicas universitárias. A instauração do regime militar no Brasil, em 1964, só permitiu a retomada da criação de novas editoras públicas universitárias em 1971, com a instalação de mais seis delas, quais foram: em 1977, a Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul²³ e a Central Editorial e Gráfica da Universidade de Goiás;²⁴ em 1980, a Editora da Universidade Federal do

²³ Mais informações sobre a Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EDUFRGS) ver em <www.editora.ufrgs.br>. Acesso em: 10 jan. 2011.

²⁴ Mais informações sobre a Editora da Universidade Federal de Goiás (EDUFGO) ver em <www.editora.ufg.br>. Acesso em: 10 jan. 2011.

Ceará,²⁵ em 1986, a Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro²⁶ e, em 1987, a Editora da Universidade Federal do Paraná²⁷.

Mesmo assim, os ares eram contrários ao que uma editora precisa respirar. Bufrem (2001, p. 23) diz que igualmente a qualquer outra instituição “[...] uma editora universitária se estrutura a partir da representação concreta de uma determinada ideologia e a sua vocação depende do contexto social e cultural em que está inserida.” Por isso, argumentamos que independente da nomenclatura que as mesmas tenham recebido no nascedouro, as finalidades, os objetivos e as práticas editoriais é que as definem enquanto editoras públicas universitárias. Não é demais lembrar que naqueles anos estava em marcha a reforma universitária arquitetada pelo militarismo, inspirada no modelo americano de educação, a qual limitava a autonomia das instituições federais de ensino superior (IFES). O foco era a produtividade e a racionalidade da produção acadêmica, excluindo a reflexão científica.

Como podemos ver, a atividade editorial científica pública nacional surgiu num contexto paradoxal à sua própria natureza: sem poder de decisão e sem liberdade de expressão. E tudo que produtores de saberes e inventores de tecnologias não precisam é de censura e tutela, pois a obra do pesquisador só se completa quando sua contribuição para a ciência é disseminada.

Entretanto, assim como em outros países, esse movimento editorial nacional se beneficiou de algo positivo que restou da segunda guerra, um pouco atrás: a explosão informacional que impulsionou no Brasil o desenvolvimento da C & T. Prova disso é que depois de 1945, “a ciência brasileira entrou definitivamente na agenda do governo e da sociedade” (OLIVEIRA, 2002, p. 19), tendo como marco a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948. Na década de 60 do século XX, por exemplo, quase todas as áreas do conhecimento eram alvo do mundo editorial privado nacional.

²⁵ Mais informações sobre a Editora da Universidade Federal do Ceará (EDUFC) ver em <www.editora.ufc.br>. Acesso em: 10 jan. 2011.

²⁶ Mais informações sobre a Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EDUFRJ) ver em <www.editora.ufrj.br>. Acesso em: 10 jan. 2011.

²⁷ Mais informações sobre a Editora da Universidade Federal do Paraná, ver em <www.editora.ufpr.br>. Acesso em: 10 jan. 2011.

3 A SAGA DA EDUFRN

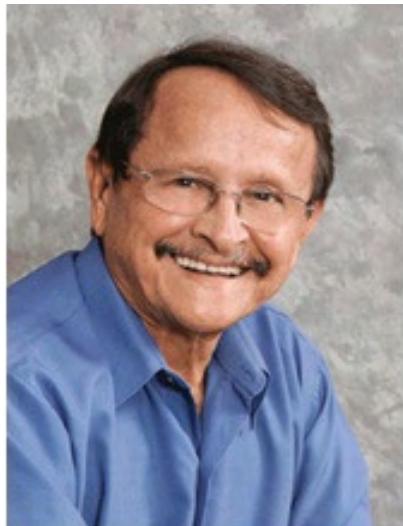
Há séculos os homens procuram as coisas simples (BARBOSA apud PEREIRA, 1978, p. 188).

Pelo que se tem notícia, a primeira solenidade de lançamento de livro da Imprensa Universitária (IU) ocorreu nos primeiros dias de março de 1966, no próprio espaço físico da Imprensa. Trata-se de *Imagens do Tempo*, obra memorialística do Prof. Edgar Ferreira Barbosa, publicada naquele ano. Lançá-la publicamente foi a maneira encontrada pelo Reitor Onofre Lopes da Silva para reconhecer, de público, a colaboração do autor à Universidade (BOLETIM..., 1966, p. 57-58). O dia não é citado no noticiário, mas se deduz que o fato ocorreu antes do dia 12 de março, uma vez que nessa data houve outra atividade de autógrafos da mesma obra, no salão nobre da Faculdade de Direito, promovido pelo Diretório Acadêmico (DA) “Amaro Cavalcanti” (BOLETIM..., 1966, p. 57-58).

As reminiscências da Imprensa/Editora Universitária podem vir a tona de várias maneiras, por vários caminhos. Muitas nos apareceram em narrativas jornalísticas, outras em documentos administrativos e algumas a partir da conferência de dados/informações junto a quem viveu essa história. Convidado a falar publicamente sobre o assunto, o primeiro diretor, Geraldo Batista de Araújo (foto 12) lembrou, diante de uma plateia na qual estavam cinco ex-reitores da UFRN, os pormenores da decisão de se criar há cinco décadas, a Imprensa Universitária (IU) no âmbito da UFRN:

Certo dia, ao saber de um artigo meu veiculado no Jornal do Diretório Central dos Estudantes (DCE/UFRN), o então Reitor, Onofre Lopes da Silva, resolveu me convidar para eu ir à sua própria residência, conversar sobre o assunto. Eu havia escrito um artigo, no jornal dos estudantes, propondo a criação de uma editora universitária. Era jovem demais, estava empolgado com a idéia, pois já trabalhava na gráfica do Abrigo Melo Matos, aqui em Natal, e também tinha botado na cabeça que ia conhecer locais onde funcionassem gráficas de universidades.

Foto 12 - Geraldo Batista de Araújo



Fonte: acervo do professor

Na voz embargada de Geraldo Batista de Araújo, tudo se deu dessa forma:

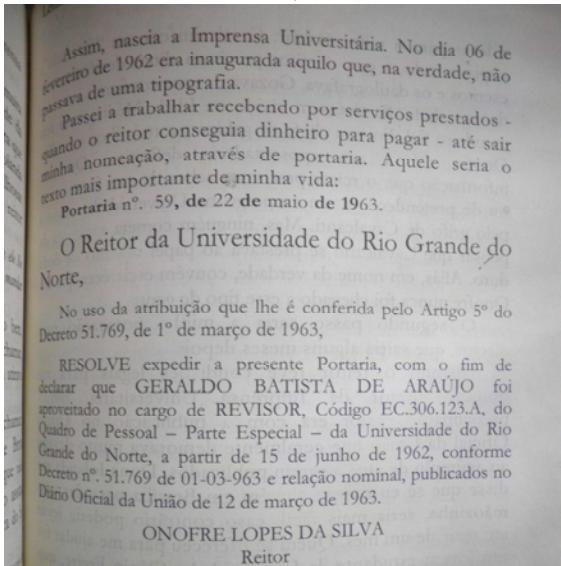
A história da Imprensa Universitária começou com um rapaz jovem, vindo do interior, que foi morar no Abrigo Melo Matos e fez vestibular para Faculdade de Filosofia e passou. Ainda morava lá e nessa época já trabalhava lá na Tipografia do abrigo. Esse moleque... ele tinha vontade de entrar para a Universidade para trabalhar e ganhar decentemente, porque lá ele ganhava muito mal. E ele foi fazer uma visita a Universidade do Ceará, juntamente com outros estudantes daqui e lá eu fui apresentado à Imprensa Universitária do Ceará; a mesma coisa na Paraíba.

Então eu voltei e escrevi um artigo no jornal do diretório [DCE], dizendo ao reitor que ele precisava criar uma Imprensa Universitária aqui e fui parar na casa dele. Ele tinha lido o artigo e me recebeu em sua casa para conversar comigo e disse: - Menino você entende disso? Eu disse: entendo. Então vou criar! Ele teve a coragem de confiar no moleque do Abrigo Melo Matos, esse moleque que ora fala pra vocês. E nós criamos (ARAÚJO, 2011)²⁸.

A Portaria n. 59-R, de 22 de maio de 1963, publicada no Diário Oficial da União, de 12 de março de 1963 (Foto 13), aproveitando Geraldo Batista de Araújo no cargo de Revisor, do Quadro de Pessoal – Parte Especial - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, só saiu em 1963, mas tinha efeito retroativo, pois o considerava funcionário desde 15 de junho de 1962 (ARAÚJO, 2006, p. 327).

²⁸ Relato oral da Mesa Redonda “50 anos da EDUFRN”.

Foto 13 - Portaria n. 59-R, de 22 de maio de 1963



Fonte: Araújo, 2006

Porém, antes do término do ano de 1961, as Portarias de n. 24 e 25, do Reitor, datadas de 14 de novembro de 1961, autorizavam a abertura de crédito suplementar para a aquisição de uma tipografia para a UFRN e a respectiva instalação.

Em seguida, a Comissão criada pela Reitoria, composta pelos professores Otton de Brito Guerra, Paulo de Tarso Correia de Melo e o jovem, Geraldo Batista de Araújo, tinha a incumbência de avaliar as condições e o preço da tipografia de seu Pedro Silva, que funcionava no bairro da Ribeira. Geraldo não faz alusão ao valor pago, mas conjectura que naquele tempo se comprava as coisas abaixo do preço: “Ela valia muito mais do que foi cobrado”. Porém, quando se trata de lembrar detalhes dos equipamentos e a quem pertenceram, sua memória vem à tona:

A Imprensa [Universitária da UFRN] foi criada a partir da gráfica do Senhor Pedro Silva, muito amigo do Dr. Onofre Lopes, que vendeu a gráfica, praticamente de graça. Ele vendeu realmente uma impressora Mercedes, que era uma grande impressora, de muita qualidade, Alemã, fabricada na Holanda, pois a fábrica se mudou para Holanda na época da guerra. É uma máquina que inclusive imprimiu o livro “Tempo e Eu”, de Câmara Cascudo [...] uma máquina de excelentíssima qualidade (ARAÚJO, 2011).

Vale salientar que as atividades de gráfica e de imprensa fazem parte da história do Rio Grande do Norte, antes mesmo da instauração da República no país. Essa relação quase visceral das letras com a imprensa e com as artes gráficas remonta

ao período das capitâncias hereditárias, como explanamos no item 2.3 deste trabalho e chega ao século XIX com a presença de tipografias na capital do Estado. Tanto que o aniversário da imprensa norte-riograndense está associado à data da instalação da Tipografia Natalense, a primeira da capital da Província, em dois de setembro de 1832 (Cascudo, 2002, p. 80). Esse mesmo autor registra que anterior à chegada dessa tipografia nas terras do índio Poty, o jornal *O Natalense* já circulava pelas pacatas ruas de Natal, ora impresso no Estado do Maranhão, outras vezes em Pernambuco, e em alguns momentos no Ceará (CASCUDO, 2002, p. 80).

Na obra *Memória do livro potiguar* (1994) o pesquisador Manoel Rodrigues de Melo cita que em 1899, o volume 1 e número 1 da *Revista do Rio Grande do Norte* foi impressa pela tipografia do jornal *A República*, em Natal. Em 1904, a mesma fonte cita que a revista mensal *Oásis*, órgão do Grêmio Literário Le Monde Marche, era impressa pela *Tipografia d' O Século*²⁹. Em 1905 existiam o *Atelier Escóssia* e a *Tipografia Potiguar*, em Mossoró (RN), e, nessa mesma cidade, em 1906, a *Tipografia Comércio de Mossoró*. Nesse mesmo ano aparece a *Tipografia d' O Trabalho*, em Natal, e em 1909 a *Tipografia d' A Capital*.

Enfim, o Rio Grande do Norte parece mesmo ter uma vocação natural para a atividade editorial, tendo em vista a quantidade de tipografias desde o século XIX, com maior concentração na capital potiguar, conforme Quadro 2 e, consequentemente, de veículos impressos, como jornais e revistas.

Quadro 2 - Tipografias do RN (1835-1962)

Ano	Denominação	Proprietário	Cidade do RN
1832	Tipografia Natalense		Natal
1889	Tipografia do Jornal A República	Pedro Velho	Natal
1897	Empresa Gráfica		
1904	Tipografia d' O Século		Natal
1904	Atelier Tipográfico Palmério		Assu
1905	Atelier Escóssia e		Mossoró
1905	Tipografia Potiguar		Mossoró
1906	Tipografia Comércio		Mossoró
1906	Tipografia d' O		Natal

²⁹ Impressos pela mesma tipografia, o autor cita o volume 11 da Revista *Oásis*, com os seguintes números: 1, 4, 6 e 9.

	Trabalho		
1909	Tipografia d' A Capital.		Natal
1909	Tipografia Comercial		Macau
1914	Tipografia Comercial,	J. Pinto e Cia	Natal
1915	Tipografia M. Victorino	Manoel Victorino	Natal
1915	Tipografia Martins		Mossoró
1916	Tipografia Macaibense		Macaíba
1918	Tipografia de A. Leite	Augusto Leite	Natal
1923	Tipografia d' O Progresso		Currais Novos
1927	Imprensa Diocesana		
1928	Tipografia Popular		Natal
1928	Atelier Otávio		Mossoró
1932	Tipografia Lebarre		Cació
1935	Tipografia Santo Antônio		Natal
1936	Tipografia O Trahiry		Santa Cruz
1944	Tipografia Medeiros		Caicó
1946	Tipografia Galvanópolis		Currais Novos
1952	Tipografia J.M. Navarro		Natal
1952	Tipografia Nacional		Natal

Fonte: Melo (2002).

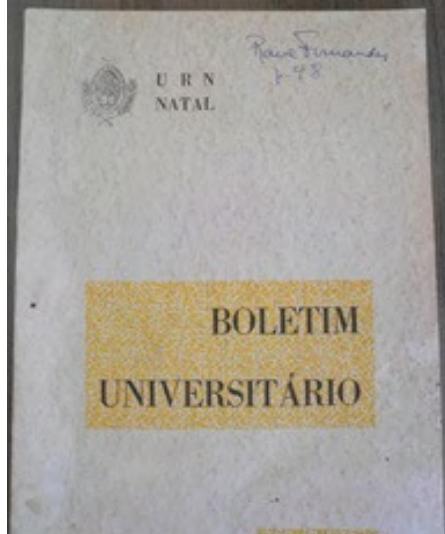
Câmara Cascudo (2002, p. 40) conta que as tipografias *J.M. Navarro* e *Nacional* “aceitaram o serviço de divulgar os anseios literários dos rapazes,” de Natal, mas ressalta no mesmo texto que a segunda atendia aos serviços de impressos de maior envergadura, como imprimir os jornais políticos do Partido Liberal (PL). De acordo com Melo (1994), até a década de 60 do século XX já eram mais de 50 tipografias no RN, apesar de que no período entre 1889 a 1930, muitas tenham sido incendiadas, como retaliação do Governo de Pedro Velho aos seus opositores (SOUZA, 2008, p. 237).

3.1 LEMBRANÇAS DA EDUFRN NAS PÁGINAS DO BOLETIM

As páginas desbotadas dos inúmeros boletins universitários, primeiro veículo de comunicação impressa, editado pela UFRN, guardam o passo a passo da história da IU/Editora da UFRN. Editado pelo Prof. Edgar Ferreira Barbosa, o Boletim era constituído de três partes. A primeira continha artigos e editoriais sobre a

Universidade; a segunda por notas jornalísticas sobre os fatos da UFRN, denominada de “Jornal Universitário” e a última era o “Boletim de Serviço,” registrando os atos administrativos da Reitoria da UFRN (Foto 14).

Foto 14 - Boletim de Boletim Universitário (n. 2, dez. 1963)



Fonte: acervo particular de Wandyr Villar

A edição de dezembro de 1963 informa os últimos acontecimentos para a instalação da Imprensa Universitária:

Já se encontram bastante adiantadas as obras de construção e aparelhamento da Imprensa Universitária. A seção gráfica, destinada à confecção de material de expediente para as diversas unidades que integram a Universidade, acha-se em pleno funcionamento (BOLETIM..., 1963, p. 7)

Enquanto as máquinas não chegavam e o espaço era preparado para recebê-las, o funcionário recém contratado, Geraldo Batista de Araújo, ficou “[...] [ajudando] no setor de compras, datilografando relação de material que era encaminhado para diversos setores” (ARAÚJO, 2006, p. 104). Já o editor do Boletim, Edgar Ferreira Barbosa, mantinha a comunidade universitária sintonizada com as providências da Reitoria:

Magnífico Reitor: O grupo da Imprensa Universitária agradece a Vossa Excelência as providencias que tomou para melhor confecção deste primeiro número do Boletim. Dentro em breve, o pavilhão da

imprensa, as máquinas, o equipamento de um serviço indispensável ao desenvolvimento da Universidade estarão em funcionamento e mais esse traço inapagável da Reitoria fecunda de Vossa Excelência dará aos que vivem a vida universitária novo impulso ao trabalho, nova confiança em nossa missão (BOLETIM..., 1963, p. 7-8, 1963a).

3.2 FALTAM DOCUMENTOS HISTÓRICOS NESSE CAMINHO

É pertinente ressaltar que para muitos autores, entre eles Murguía (2010, p. 128), durante séculos a assinatura se apresentava como “o melhor sistema de identificação e autenticação da vontade de alguma pessoa realizar, ou querer realizar, um ato institucional [...]. Daí porque, mesmo que outras formas de veracidade tenham validade, lamentamos que o documento histórico que cria a Imprensa Universitária, ou seja, a Resolução de n. 51/61, de 6 de fevereiro de 1962, do Conselho Universitário da UFRN, não conste dos arquivos da Universidade. Apesar de intensas buscas de nossa parte, ainda não há vestígios desse registro histórico.

Por meio de Jardim (1995, p. 5), Couture e Rousseau (1994, p. 13) deixa claro que os documentos de arquivo são um “valor de prova”, “[...] testemunhos privilegiados e objetivos de todos os componentes da vida da pessoa física ou jurídica que os constituiu”. Procuramos, então, essa “prova” junto aos que vivenciaram os primeiros anos da IU/Editora. Indagamos Pró-reitores a respeito do assunto, batemos em várias portas, cruzamos salas, conversamos com servidores de diferentes setores, remexemos caixas empoeiradas e procuramos em velhas prateleiras do Arquivo Geral da UFRN, onde se encontra parte da documentação oficial da Universidade. Munidos de luvas e máscaras enfrentarmos a poeira de caixas, prateleiras sem organização, salas sem nenhum preparo para conservação de documentos. Tentamos identificar rótulos, numerações de caixas, pastas com sinais ilegíveis. Retornamos aos documentos do Arquivo do Departamento de Pessoal da UFRN, onde se encontram arquivadas as resoluções da Reitoria e recorremos ao Arquivo da Secretaria dos Colegiados Superiores, no qual estão as resoluções dos Colegiados. Até porque Mathieu e Cardin (1990, p. 110) frisam que

[...] a memória registrada não é um resultado estático. É um processo que serve às exigências das organizações. Ela procura um sentido nos conhecimentos aos quais se refere uma organização e a partir dos quais ela se constitui. A memória registrada mediatiza a reflexão derivada do pensamento organizacional para analisar uma situação, ela assegura decisões que sustentam a ação e orienta o desenvolvimento das operações.

Muitos dos locais em que rastreamos o documento encontram-se no estado em que Bodei (2004) chama de “rastros, [] sinais desbotados e indecifráveis” de memórias. E, no rastro dessa “prova” da criação da Editora, dividimos a angústia do “não aparecimento” com alguns dirigentes, na tentativa de localizá-la sob a guarda pessoal de algum deles. Não o fizemos por capricho, mas porque os documentos textuais, acredita Murguía (2010, p. 135), provam algumas coisa. “Eles atuam e têm serventia porque são verdadeiros no sentido da sua indicialidade enquanto vestígios”. A razão da existência de um documento, arremata o autor, é a verdade. “A prova, a demonstração e a autoridade são os critérios que definem a veracidade do documento” (MURGUÍA, 2010, p. 138). Nesse mesmo sentido, González (2005, p. 45-46) acentua que um discurso documental o diferencia de um discurso informativo e do linguístico. O autor não tem dúvidas que para se difundir os discursos humanos além do tempo e da distância, precisa-se ter as informações previamente gravadas.

Entretanto, nossa saga à procura desse documento apenas comprovou o que já diziam Karnal e Tastch (2004): rastrear documentos raros é investigar dias, semanas, anos a fio, como fazem o detetive e ou o médico diante de um caso raro. Mesmo que aqui, acolá, pistas fossem aparecendo, essa ‘perseguição’ ao marco da criação da Editora teve idas e vindas e todas sem sucesso. Essa fase de nossa investigação ilustra o “esquecimento” relegado ao principal documento histórico da Editora Universitária da UFRN; o descaso com que o mesmo foi tratado, pois nem a Editora e nem a UFRN o tem sob sua custódia. Tal experiência referenda, sem dúvida, o comentário de Carlo Ginzburg (citado por KARNAL; TASTCH, 2004, p. 51): o documento histórico é raramente “dócil”, “aberto” ou “fácil”.

Entretanto, várias fontes documentais, como a Síntese Cronológica da UFRN: 1958-1988 (MELO, 1991), Lembranças (ARAÚJO, 2006) e A memória viva de Onofre Lopes (GURGEL, 2007), registram o dia 6 de fevereiro de 1962 como a inauguração

da Imprensa Universitária (IU). Mais adiante, em 1965, conferimos a fé dos que acreditavam no papel que a IU viria a cumprir dentro da UFRN. Em solenidade da instituição, o Desembargador Floriano Cavalcanti considerou a criação da Imprensa Universitária, dentro daquele contexto acadêmico, uma forma de [...] fazer de nossa Universidade o centro intensivo e ativo de ensino, pesquisa e extensão (BOLETIM..., 1965, p. 47) (Foto 15).

Foto 15 - Boletim Universitário (n. 2/3, jun./set. 1965)



Fonte: acervo particular de Wandyr Villar

3.3 ONDE TUDO COMEÇOU

No nascedouro, a Imprensa Universitária (IU) funcionava “nos fundos” do prédio da primeira Reitoria da Universidade (ARAÚJO, 2006). A Universidade fora federalizada desde dezembro de 1960 e a Reitoria ocupava uma casa antiga, de n. 780, da Avenida Hermes da Fonseca, defronte à Escola Doméstica de Natal, bairro antigo do Tirol, onde hoje é a sede do 3º Distrito Naval da Marinha (Foto 16), conforme lembranças do Prof. Onofre Lopes da Silva, primeiro reitor da UFRN:

Foto 16 - Primeiro endereço da Imprensa Universitária



Fonte: Portal da memória da UFRN, 2008.

[...] ao deixar o reitorado, em maior de 1971, deixei com 18 unidades. Cada uma tendo a sua instalação, cada uma tendo o seu prédio. A começar, por exemplo, pela reitoria, onde foi concentrada toda a administração. Foi alargado o prédio adquirido inicialmente e foram construídos dois pavilhões, aí instalando toda a administração, inclusive serviço de radiocomunicação, chamado 'retemec;' a imprensa universitária; departamento de educação e cultura, planejamento e obras, serviço de pessoal, serviço de material, contabilidade, tesouraria, vice-reitoria, conselho universitário, etc. etc. (MARTINS, 1985, p. 71-72).

O ano de 1962 foi de preparo para as condições de funcionamento da Imprensa Universitária. As portarias da Reitoria, a de n. 393, de 24 de dezembro de 1962, autorizava o pagamento de gratificações para os servidores da IU/UFRN, e a de n. 403, de 31 de dezembro de 1962, autoriza a criação de um fundo especial para manutenção física da Imprensa Universitária (IU). Porém, quatro anos depois, o maquinário gráfico 'rodando' em ritmo frenético e a demanda crescente da UFRN por material de expediente e por publicações desgastaram o equipamento, adquirido em 1961. Outra vez, a seção Jornal Universitário de uma das edições do Boletim Universitário, anunciava uma boa nova para a Imprensa Universitária, em 1965:

No corrente ano, a Imprensa Universitária será grandemente ampliada, já estando iniciadas as obras que, concluídas, permitirão a instalação de novas máquinas. Suas atividades, entretanto, não estacionaram, estando atualmente em preparo diversos livros e publicações da Universidade, além da confecção do material de expediente dos órgãos que integram a URN (BOLETIM..., 1965, p. 43).

Por mais de três meses, a IU parou suas atividades para que houvesse a ampliação do espaço físico que ocupava na parte posterior do prédio da Reitoria, na

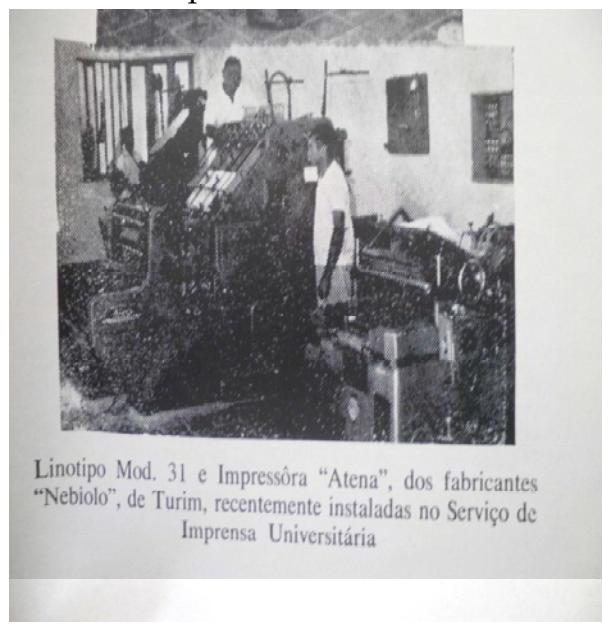
Av. Hermes da Fonseca. Enquanto os homens trabalhavam na reforma, a seção Jornal Universitário (1965, p. 41) noticiava “a melhoria das condições de conforto para os operários”. Três meses depois, ou seja, no dia 2 de março de 1966, ao apresentar o programa de trabalho para o exercício que se iniciava, o reitor, Prof. Onofre Lopes da Silva comprometia-se, perante a Assembléia Universitária, a efetivar a melhoria prometida à Imprensa Universitária. Declarou o reitor para os presentes: “[...] será devidamente equipada de máquinas linotipo e de serviço de clicheria, de modo a atender publicações de jornais, revistas e livros de professores estudantes” (BOLETIM..., 1966, p. 12). De fato, pelo Boletim Universitário ano 3, n. 1, de março de 1965, o planejado acontecera. Segundo Costa (1992, p. 29), duas máquinas, a impressora Nebiolo (foto 17) e a impressora Mercedez, uma máquina menor (foto 18), foram adquiridas em 13 de novembro desse mesmo ano e, três dias depois, mais uma máquina, uma Linotipo, e outros equipamentos.

Foto 17 - Impressora Nebiolo³⁰



Fonte: Boletim universitário (1996, ano 4, n. 1, p. 85).

Foto 18 - Reprodução de outro ângulo da impressora Nebiolo.



Fonte: Boletim Universitário (1966, ano 4, n. 1, p. 85).

³⁰ A moderna máquina italiana a que se refere a notícia da p. 21 do Boletim. O funcionário sentado à máquina é Manoel Geraldo de Araújo, que fez parte do quadro de pessoal da Imprensa Universitária desde junho de 1962, conforme Ficha funcional da Secretaria da EDUFRN. Em pé, junto à máquina, o linotipista Adércio Câmara, contratado em março de 1967, conforme Ficha funcional.

Máquinas instaladas e promessa cumprida, a IU tornou-se uma das “mais modernas [gráficas] do Estado,” segundo o Boletim Universitário (ano IV, n. 1, 1966, p. 61), passando a cumprir, “satisfatoriamente” os seus deveres. O mesmo Boletim cita, na página 57, que nos primeiros meses do referido ano, [...] a Imprensa Universitária editou livros e revistas, que bem exprimem o aperfeiçoamento dos seus trabalhos gráficos e o dinamismo desse setor cultural da Universidade. Plaquetes referentes ao CRUTAC (Programa de Treinamento Rural de Pessoal de Nível Superior e de Ação Comunitária), de autoria do reitor; o segundo número da “Revista de Medicina da Faculdade de Medicina,” editada pelo prof. Celso Caldas resultam desse esforço.

3.4 MUDANÇAS DE NOMES, ENDEREÇOS E MARCAS

Desde o surgimento, em 1962, até 1980, quando completou 18 anos, além de mudar de endereço a IU sofreu alterações no nome, na marca e em políticas editoriais, mesmo que sutilmente. Caracterizada no Estatuto da UFRN, de 19 de janeiro de 1968, como órgão especializado, o Serviço de Imprensa Universitária integrava a estrutura da Reitoria (UFRN, 1968, p. 36-37), pois, alguns dos fins da Universidade era [...] cooperar com o Sistema de educação do povo, promovendo a participação formativa e informativa da comunidade (Título I, Cap II, Parágrafo VI) e difundir a cultura em todos os níveis (Título I, Cap II, Parágrafo VIII).

A primeira logomarca, em preto e branco, criada pelo diretor, Geraldo Batista de Araújo, possuía elementos que representavam as letras alfabéticas I e U, numa referência aos três pilares da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Entre esses dois elementos gráficos a figura de um livro, como se fosse um elo, com a sigla URN no dorso, alusiva à Universidade do Rio Grande do Norte (Figura 1).

Figura 1 - Primeira logomarca da Imprensa Universitária



Fonte: Escaneada a partir das capas de livros publicados na época (2011).

De 1972 em diante passou a ser denominada Editora Universitária da UFRN (EDUFRN). Mudou, pela primeira vez, de endereço, passando a funcionar na rua Mipibu, no mesmo bairro, dividindo a vizinhança com o Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA/UFRN), e adotou uma nova marca (Figura 2).

Figura 2 - Segunda logomarca da Editora



Fonte: Escaneada a partir das capas de livros publicados na época.

A Síntese Cronológica da UFRN: 1958-1988 (MELO, 1991, p. 47-60) a cita como tipografia, mas em uma mesa redonda sobre os 50 anos da EDUFRN, Geraldo Batista de Araújo, primeiro diretor da IU, esclareceu que a denominação Tipografia Universitária nunca existiu, “foi um erro” documental.

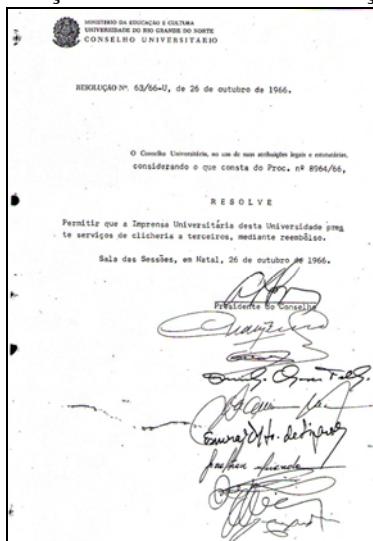
Foto 19 - Síntese Cronológica da UFRN 1958-1988



Fonte: Melo (1991, p. 47-60).

"Veríssimo de Melo cometeu um pequeno erro em um dos seus livros, chamando-a de Tipografia, mas o nome era Imprensa. Foi assim que fui nomeado: Diretor da Imprensa Universitária, pelo reitor Onofre Lopes," declarou Geraldo para a plateia. Tudo leva a crer que Geraldo Batista de Araújo tem razão, pois durante a pesquisa não encontramos, nas obras mapeadas, a marca Tipografia Universitária. Em contrapartida, identificamos o mesmo "erro documental" em outro registro, como a Resolução n. 63/66-U, de 26 de outubro de 1966 (ANEXO B), do Conselho Universitário (UFRN, 1966), documento que autoriza a unidade suplementar editorial a prestar "serviços de clicheria" ao mercado, desde que remunerado.

Figura 3 - Resolução Autorizando serviços de clicheria



Fonte: UFRN (1966).

Igualmente, o erro se repetiu no Relatório das Atividades 1975 - reitor: Domingos Gomes de Lima, no qual está implícito um prenúncio de “missão” da Editora Universitária da UFRN (1976, p. 142-143), mas inclui trabalhos gráficos como função de Editora, conforme a transcrição:

A Editora Universitária é o órgão que tem sob a sua responsabilidade a execução de todos os trabalhos gráficos da Universidade, incluindo a impressão de material de expediente, cartazes, apostilas, catálogos, relatórios, projetos etc., concorrendo para a redução dos custos operacionais da Instituição (UFRN, 1976, p. 142).

Analizando relatórios e diagnósticos das gestões mais recentes da Editora, verificamos que, mesmo condenado, esse conflito conceitual ainda permeia a história da EDUFRN. Vejamos o que dizem três documentos mais recentes sobre esse fato:

[...] em que pese os papéis e as atividades diferenciadas, a Editora comporta em sua estrutura administrativa a Gráfica da UFRN, sob uma mesma política e direção [...]. Aliás, faz-se necessário lembrar que nenhuma editora opera em função de uma gráfica, daí sermos obrigados a fazer a distinção de papéis desses dois setores (PEREIRA, 1996, p. 3).

Na Editora, não há distinção formal entre gráfica e editora – exerce ambas funções sem aparente distinção organizacional. Isso é um desvio que deve ser corrigido desde a recepção dos trabalhos, até estarem prontos para a impressão. A natureza dessas duas produções é profundamente distinta, mesmo sendo comum o objetivo final (COSTA SOBRINHO, 2003, p. 8).

Durante toda sua trajetória de existência, que totaliza 41 anos, cumpriu essencialmente o papel de gráfica, dando conta da demanda por impressos da UFRN, inclusive revistas e livros acadêmicos, que também foram atendidos como produtos decorrentes de suas atividades como Imprensa Universitária. É significativo, por isso, que o nome do órgão tenha ficado associado, ao longo desse período, à condição de gráfica, e não de editora (COSTA SOBRINHO, 2003, p. 3).

E, com o passar dos anos, o que era um conflito a ser resolvido acabou assimilado pelas administrações da UFRN como ‘algo da natureza’ da editoração de livros e revistas. Daí nos depararmos com registros, nos quais a instituição lamenta

não atender aos trabalhos gráficos com presteza, devido às demandas de obras científicas:

Bastante limitada, entretanto, pelo reduzido e obsoleto equipamento de que dispõe, e com o aumento da demanda de pedidos de impressos burocráticos, determinado pelo crescimento da estrutura universitária, a sua capacidade de atendimento, a curto prazo ficará seriamente comprometida, em detrimento das publicações de caráter técnico-científico e de pesquisas, de fundamental importância (UFRN, 1976, p. 142-143).

Talvez, tudo isso tenha contribuído para essa unidade editorial ser considerada, durante muito tempo, no âmbito interno da UFRN, como uma gráfica. Afinal, clicheria e impressão gráfica são atividades gráficas e não editorial. Na tentativa de entender esse conflito conceitual entre editora e gráfica, há vinte anos Costa (1992, p. 36-37) ponderou:

A primeira coisa que aparece é a falta de uma compreensão conceitual que possa servir de suporte ao trabalho que ali é desenvolvido. Outro ponto falho é a apropriação do funcionamento da gráfica universitária para a Editora Universitária, quando de fato, o que lá existe é uma gráfica que edita. Talvez esse segundo aspecto exista porque, historicamente falando, houve uma imposição do antigo DASP, determinando uma mudança na sua denominação. Falta, por conseguinte, uma política e uma linha editorial, havendo apenas uma priorização na diversidade de publicações.

Para nós, fica a idéia de que a Editora sempre atendeu a duas áreas diferentes, mas complementares no âmbito institucional: a editorial, responsável pela editoração de conteúdos técnicos e científicos, e a área gráfica, eminentemente técnica e operacional, voltada para a impressão de qualquer conteúdo, desde material de expediente, documentação e folheteria da Universidade, incluindo, inclusive, a impressão de livros, periódicos e coleções científicas.

3.5 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA EDUFRN

Leituras dos boletins universitários, do Jornal Universitário e Boletim de Serviços, assim como dos atos administrativos da Reitoria (portarias e resoluções),

nos fizeram constatar que muitas das decisões relativas à estrutura e à organização dessa unidade suplementar foram tomadas esporadicamente, às vezes com intervalos de até 12 meses. E, quase sempre, aprovadas nos últimos meses do ano, principalmente no mês de dezembro, conforme resumo temporal da documentação arquivada no Departamento de Pessoal da UFRN, expressa no Quadro 3.

Quadro 3 – Resumo temporal: documentação da EDUFRN (1962-1992)

Década de 60	Ano	Decisão organizacional	Fato
	1961	Portaria n. 24/61-R, de 14.11.61	Abre crédito especial para as despesas com instalação de uma tipografia da UFRN
	1961	Portaria n. 25/61-R, de 14.11.61	Abre crédito suplementar para a aquisição de uma tipografia para a UFRN
	1962	Resolução n. 51/61-CONSUNI, de 6.02.1962	Cria a Imprensa Universitária da UFRN
	1962	Portaria n. 393/62-R, de 24.12.62	Autoriza pagamento de gratificações para aos servidores da Imprensa Universitária
		Portaria n. 403/62-R, de 31.12.62	Autoriza a criação de um Fundo Especial para manter a Imprensa Universitária
		Portaria n. 405/62-R, de 31.12.62	Cria Fundo Especial para manutenção física da Imprensa Universitária
	1963	Portaria n. 296/63-R, de 11.12.63	Designa o Prof. Dr. Edgar Ferreira Barbosa, da Faculdade de Direito, para visitar os centros universitários do MEC e ver como se organizava a Imprensa Universitária
		Portaria n. 298/63-R, de 17.12.63	Designa Manoel Geraldo de Araújo para exercer a função de Chefe do serviço gráfico da Imprensa Universitária
		Portaria n. 302/63-R, de 27.12.63	Declara o aproveitamento de Manoel Geraldo de Araújo, no cargo de tipógrafo do Quadro de Pessoal da UFRN
		Portaria n. 265/65-R, de 15.03.1965	Instruções normativas para a EDUFRN
	1966	Portaria n. 63/66-R, de 26.10.1966	Autoriza prestar serviços gráficos a terceiros
Década de 70	1973	Portaria n. 19/73-CONSUNI, de 18.04.73	Instituí o primeiro Conselho Editorial da Editora e as primeiras diretrizes para critérios de publicação na pela Editora.
Década de 80	1983	Resolução n. 104/83-CONSUNI, de 17.11.1983	Aprovado o Regimento Interno do Conselho Editorial

Fonte: Resoluções e portarias da Reitoria e dos colegiados superiores da UFRN. Arquivo do Departamento de Pessoal/UFRN. Natal, jan./fev. 2011.

Essas decisões, tomadas nas décadas de 60 e até a metade da década de 70, do século XX, são dos reitorados do Prof. Onofre Lopes da Silva, que esteve à frente da UFRN durante três mandatos, ou seja, por 12 anos.

3.6 A INFLUÊNCIA DE EDGAR BARBOSA NA IU

Entre esse conjunto de documentos manuseados pela pesquisa, conseguimos levantar que a partir de 1965, a decisão sobre o que devia ser publicado pela IU começara a ser partilhada com outras instâncias. Primeiro, os registros do Boletim n. 1, do ano 3, do ano de 1965, denotam que a política de publicação viria a ser acompanhada pelo Diretor do Departamento de Educação e Cultura, professor da Faculdade de Direito, Edgar Ferreira Barbosa.

Respeitado pela intelectualidade potiguar e homem de prestígio no meio acadêmico, o professor de Direito Constitucional, escritor e jornalista, Edgar Ferreira Barbosa (foto 20), acompanhou as atividades artísticas e culturais, de divulgação científica e de comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos dois primeiros reitorados da instituição.

Foto 20 – Prof. Edgar Ferreira Barbosa



Fonte: Farias (2011).

Preocupado com a divulgação da Universidade e com a memória institucional, criou, logo que assumiu, em 1964, a direção do Departamento de Educação e Cultura (equivalente à atual Pró-reitoria de extensão), os primeiros veículos de comunicação

da UFRN. Editou, inclusive, o primeiro Boletim e o primeiro Jornal da UFRN, em suporte impresso, encartado no Boletim.

Dos relatórios que deixou, discursos que proferiu e noticiários que editou, percebe-se que ele participou ativamente da história da Editora, pois os noticiários sobre a Universidade sequenciam os fatos do princípio da IU. Seus escritos jornalísticos e editoriais representaram verdadeiros “rastros” nos quais achamos muito das memórias aqui reconstituídas sobre essa unidade editorial. Em documentos ainda legíveis, outros nem tanto, espalhados por vários setores dentro e fora da Universidade, encontramos informações raras. As duas primeiras listas sobre o que foi publicado naquela época, os discursos proferidos no primeiro lançamento de livros que a IU patrocinou, em 1966, e o primeiro lançamento coletivo de suas obras, registrado em 1969. As principais decisões administrativas e acadêmicas da Reitoria e as repercussões em nível local e nacional sobre alguns desses fatos são algumas dessas informações que nos ajudaram a construir esse painel sobre o passado da Editora.

Nesse aspecto, afirmamos que antes de Salim Miguel (1998) pensar a esse respeito, Edgar Ferreira Barbosa já desenvolvia mecanismos para que a EDUFRN preservasse a memória da produção acadêmica. E, mesmo na condição de narrador do factual, Edgar Ferreira Barbosa tinha a noção de que estava construindo memórias para futuras historiografias a respeito da UFRN:

[...] Este Boletim não limitará, certamente, a ser um registro e um documento dos fatos de que participamos. Será, também, um testemunho que deporá no juízo da História, e tanto mais alta e mais nobre será a sua voz, quanto mais fizermos para que êle escreva gloriosas e perenes verdades. O que agora registra, de modo objetivo e singelo, como convém a uma publicação universitária, é apenas a súmula dos acontecimentos em sua pureza original. É o esforço da colméia silenciosa. A humildade do operário que prossegue em sua faina sem exibir o suor e o cansaço, sem cobrar dos passantes elogios ao seu esforço (BARBOSA, 1963, p. 7-8).

Expectador privilegiado desses fatos, Edgar Ferreira Barbosa consta, também, entre os autores publicados historicamente pela casa. *Imagens do Tempo* (foto 21), uma de suas obras com o selo da Editora Universitária, é constituída de 33 crônicas

de sua autoria, que circularam nos jornais do Rio Grande do Norte *A República* e *Diário de Natal*, entre 1947 e 1957, além de conferências e discursos.

Foto 21 - Capa do livro *Imagens do Tempo*, de Edgar Barbosa, a primeira obra lançada pela Editora, em 1966



Fonte: Dados da Pesquisa
(2012)

Segundo o próprio autor, o livro homenageia algumas das figuras mais expressivas do Estado, em uma determinada época. Aborda, desde a experiência literária de Proust aos nomes que despontavam nas artes, na política e na cultura potiguar, conforme sumário da obra. Sob uma capa criada pelo ícone das artes plásticas do Rio Grande do Norte, Newton Navarro, os artigos que ocupam as 136 páginas são costurados por um ideal do modo de produção jornalística e forte apelo sentimental aos jornais no qual o autor trabalhou. Sobre isso, Edgar Ferreira Barbosa é explícito na apresentação:

Este livro, enfeixando vários encontros com o cotidiano, em jornais e em tempos diferentes, não teria maior sentido se não representasse uma laboriosa e sentimental recapitulações das lições recebidas pelo autor. [...] Quedas e ascenções, governos e regimes, bafejos ou vendavais que formam a história de um jornal numa democracia, tudo é esquecido no dia em que outro entusiasmo aparece e deseja renovar, como na ressurreição de um velho amor, a casa fechada, a lareira adormecida (BARBOSA, 1966, p. 7-8).

Porém, algo o distingue das demais obras da IU. A única edição desse livro de Edgar Barbosa teve uma tiragem de mil exemplares e, não se sabe com que intenção, o autor numerou, sequencialmente, cada exemplar com um carimbo, rubricando um a um, com a sua assinatura, conforme se vê na folha de rosto. Naturalmente, um estudo mais acurado sobre esse aspecto, deverá apontar as razões pelas quais ele agiu assim. Porém, quem o conheceu não hesita em afirmar que além de “altamente exigente,” o autor “sempre inovava”, o que denotava a sua singularidade.

Seja como jornalista institucional ou como um dos dirigentes da administração central da UFRN, o Prof. Edgar Ferreira Barbosa marcou presença nos momentos históricos da IU/Editora Universitária. No primeiro lançamento coletivo de livros publicados pela Imprensa Universitária, no ano de 1969, no gabinete do reitor, ele saudou os autores em nome da instituição (UFRN, 1969, p. 11). As obras lançadas foram o Pequeno Manual do aprendiz, de Câmara Cascudo (1969), Imagens do Ceará-Mirim, de Nilo Pereira (1969) e Comemorações do décimo aniversário de fundação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo o Prof. Onofre Lopes da Silva como o apresentador da obra.

Ainda é cedo para dizermos se as ideias do Prof. Edgar Ferreira Barbosa influenciaram a IU/Editora Universitária a ponto de mudar os rumos de seus propósitos e processos editoriais. Entretanto, fica claro pelo compromisso em publicar os vencedores do prêmio anual de poesia e de pintura da UFRN (BOLETIM..., 1966) e pela presença da Editora na II Exposição Universitária, em 1966, a aproximação dessa unidade pública editorial da sociedade potiguar. O próprio professor narra que durante a exposição, pela primeira vez o povo de Natal viu, olhou, pegou, folheou e conheceu os livros e as revistas produzidas pelas oficinas da IU. A arte gráfica dos trabalhos acabou elogiada, conforme ele destaca na página 52 do Boletim Universitário, ano 4, n. 1, que publicou em 1966.

Portanto, sua larga atuação jornalística na UFRN proporcionou um legado documental institucional. O professor se tornou mais que um divulgador da Universidade. Temos, em Edgar Ferreira Barbosa, o primeiro memorialista da Editora Universitária da UFRN.

3.7 POLÍTICAS DE PUBLICAÇÃO E OS CONSELHOS EDITORIAIS

Quando, há 180 anos, o primeiro livro científico brasileiro foi publicado, talvez a pergunta “publicar o que, para quem?” não fosse estratégica o quanto é na realidade das editoras públicas universitárias brasileiras, hoje. Apesar de Marques Neto (2011, p. 14) frisar que “as editoras universitárias produzem significativa quantidade de títulos para o mercado e para a divulgação da ciência brasileira”, a demanda informacional gerada pela pesquisa exige, no momento atual, critérios paritários e de domínio público para se escolher entre centenas de originais aqueles que devem ser publicados. Esses critérios devem estar, portanto, explícitos por meio de políticas públicas de divulgação científica e acessíveis à população.

Em princípio, entendemos por política editorial um conjunto de critérios previamente estabelecidos, visando selecionar os originais a serem publicados por uma editora. Entretanto, o conceito é mais complexo, abrangente, quando a mediação da informação científica é uma atividade de caráter público, realizada por meio de instituição pública. Ratificamos, então, Bufren (2001): uma política editorial de uma unidade dessa natureza deve estabelecer critérios sobre o que publicar, mas também fundamentá-los filosoficamente, nas finalidades institucionais. Assim, uma editora universitária pública não deve subestimar o papel social do que vai ser publicado, mesmo que Bourdieu (2009, p. 100) reconheça que na sociedade contemporânea “as editoras continuam subordinadas a obrigações econômicas e sociais que influenciam a vida intelectual”.

Veiculada no Boletim ano 3, n. 2 e 3, de junho a setembro (BOLETIM..., 1965, p. 91-92), a primeira política editorial da Imprensa Universitária, estabelecida pelo reitorado do Prof. Onofre Lopez da Silva, por meio da Portaria n. 265, de 15 de março de 1965, consistia em um conjunto de instruções normativas para a IU. A essência, conforme o documento, era garantir o poder decisório do reitor sobre o que podia ou devia ser publicado. Determinava, *a priori*, tudo que se referisse aos aspectos técnicos

das publicações, como quantidade, modelo, formato, caracteres gráficos, assim como qualidade do material a ser empregado e prazo de entrega.

O parágrafo III da Portaria referia-se mais às requisições de trabalhos gráficos. Nesse caso, os solicitantes deveriam considerar a necessidade e urgência do pedido, a quantidade indispensável, principalmente quando fosse o caso de material de consumo perecível; a padronização do formato e a qualidade do papel a ser usado. O mesmo parágrafo estabelecia ao Chefe da Oficina gráfica registrar os pedidos em livro próprio. A urgência e a ordem de entrada dos pedidos ditavam o ordenamento dos trabalhos (vistos mais como gráficos que editoriais), e eles deveriam ser acompanhados, segundo a mesma portaria, por alguém da Unidade solicitante, além de entregues mediante “recibo”.

Já o parágrafo VIII tratava da competência do Chefe das Oficinas, conforme transcrição da Portaria n. 265, de 15-03/65 (BOLETIM..., 1965, p. 91-92):

- a) zelar pelas guarda, segurança e conservação das máquinas, dos móveis e utensílios da Imprensa;
- b) levar ao conhecimento do Reitor quaisquer irregularidades, omissões ou indisciplina que prejudiquem a boa ordem dos serviços;
- c) verificar periodicamente as condições de limpeza, funcionamento e o funcionamento regular das máquinas e dos instrumentos pertencentes à Oficina da Imprensa;
- d) proibir a presença, nas Oficinas, de pessoas estranhas ao serviço ou que não estejam credenciadas a acompanhar a confecção das encomendas

Pelo exposto, tratava-se, evidentemente, mais de normatizar ou regulamentar a atividade gráfica do que propriamente de uma política editorial. Mesmo assim, deixava claro nos parágrafos II e VII, quem decidia o conteúdo a ser publicado: “[...] as encomendas e ou trabalhos gráficos de qualquer natureza só poderão ser executados mediante autorização escrita do Reitor” (UFRN, 1965). Reproduzido em Costa (1992, p. 30-31), o diálogo de Geraldo Batista de Araújo confirma obediência total: Imperava “a linha editorial [...] reitorável, sim.” Em suas palavras

[...] havia um Conselho Editorial, mas os pareceres nem sempre - a verdade é essa - eram cumpridos pela Universidade [...] era

constituído pela escolha direta do Reitor. [...] O Presidente do Conselho Editorial [...] era indicação do Reitor. Posteriormente, com a criação das Pró-reitorias, o Pró-Reitor de Extensão [...] passou a ser o Presidente do Conselho Editorial.

Se houver dúvidas sobre essa política as provas documentais, como o Boletim Universitário v. I, n. 2 (BOLETIM..., 1963b, p. 69-70), onde se vê a execução desse “controle” do reitor, são incontestes. Publicações, como o Grupo isolado de Caraúbas: Os caboclos, de José Nunes Cabral de Carvalho (diretor, à época, do Museu Câmara Cascudo/UFRN), Terezinha Wanderley de Sá Leitão e José Crispim; Devocão popular de José Leão, de Veríssimo Pinheiro de Melo, e O período quaternário no Rio Grande do Norte, de Antônio Campos e Silva, todas de 1964, receberam o aval para serem publicadas já em 1962, pelo próprio punho do reitor, ano em que a IU foi criada.

Entendemos que se tratando de editoras e publicações viabilizadas com recursos públicos, provenientes das arrecadações sociais obrigatórias, o que deve prevalecer é o conteúdo científico. Tal procedimento atende a necessidade dos pesquisadores de divulgar os resultados de suas pesquisas e leva, à sociedade, o conhecimento produzido nas instituições públicas. É uma das formas da Editora praticar o ideal de bem servir ao público, chamado, na história das ideias, de “ideologia moderna do serviço público” (BOURDIEU, 1996, p. 40).

Mesmo que algumas obras escolhidas pelo reitor tenham atendido a esses requisitos, ou seja, resultem de trabalhos que se submeteram aos ditames da ciência, nem assim os procedimentos de seleção para publicação se coadunavam com o espírito de universalização do saber e de pluralidade de pensamentos de uma instituição pública universitária. Uma decisão unilateral exclui o debate entre os pares, desconsidera critérios técnicos científicos e a relevância da obra. Cessa, assim, o direito de todos a concorrer aos arranjos de publicação custeados pelo poder público.

Olhando para o final da década de 70 e início da década de 80 do século XX, se verifica que o planejamento editorial da IU ainda se mantinha descolado da orientação dos programas de pós-graduação da UFRN aos pesquisadores, quanto à divulgação da produção científica. Paradoxalmente, era como se a publicação

editorial não fosse uma atividade associada à pesquisa. Com essa visão, os critérios para publicar priorizavam quem primeiro entregasse os originais à Editora. Prevalecia a ordem de chegada e não a relevância da descoberta científica, da informação estratégica. Esse modelo de política editorial contraria, consideravelmente, o perfil das editoras públicas universitárias, pois, a “[...] a produção editorial é a vitrina mais nobre da Universidade e uma das formas mais eficazes de uma instituição acadêmica repassar, para a sociedade, uma de suas mais representativas contribuições em termos de geração de conhecimentos científicos, tecnológicos e promoção da cultura em geral” (UFC, 2011).³¹

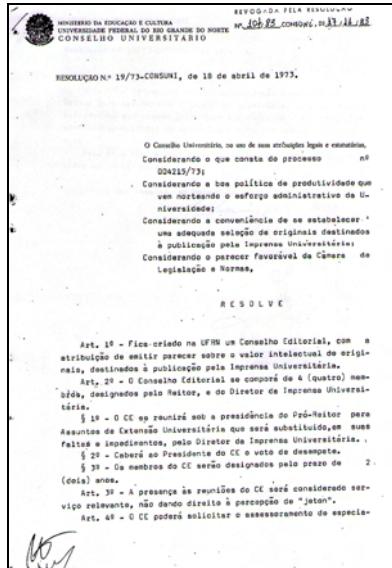
3.7.1 O primeiro Conselho

O Conselho Editorial a que Geraldo Batista de Araújo se referiu na Mesa redonda *50 anos da EDUFRN*, em setembro de 2011, no auditório da Reitoria da UFRN, supera a primeira política editorial. Criado por meio da Resolução de n. 19/73-CONSUNI, de 18 de abril de 1973 (UFRN, 1973) (figura 4) toma para si a exclusividade de “[...] emitir parecer sobre o valor intelectual de originais, destinados à publicação pela Editora Universitária”³².

Figura 4 - Resolução de n. 19/73-CONSUNI, de 18 de abril de 1973

³¹ Posição assumida conforme texto da apresentação da Editora Universitária da UFC na sua página no ambiente virtual. Disponível em <www.editoraufc.ufc.br>. Acesso em: 10 nov. 2011.

³² Artigo 1º da Resolução n. 19/73-CONSUNI, de 18 de abril de 1973 (ANEXO A).



Fonte: UFRN (1973)

Historicamente, esse primeiro Conselho Editorial (CE) da Editora entrou em cena perto do final da administração de Geraldo Batista de Araújo. A época, a EDUFRN começava a se distanciar da pessoa do reitor e a aproximar-se da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX), haja vista a publicação e divulgação científica serem entendidas, na Universidade, como uma ação extensionista. Tanto que um dos cinco componentes do Conselho passou a ser (e continua sendo) o Pró-reitor de Extensão, nome pertencente ao *staff* do reitor. Além de presidir o Conselho Editorial, esse integrante desempatava as votações e recebia os pedidos de publicação. Mesmo assim, o reitor ainda preservava parte do seu poder sobre a EDUFRN e continuava a referendar o que podia ser publicado³³.

Sobre o assunto, Geraldo Batista de Araújo confessou, sob o tom de crítica, para Costa (1992, p. 68):

[...] às vezes, o Conselho Editorial desaconselhava a publicação de um trabalho e vinha uma ordem superior; lá do Reitor, e se publicava. (...) O que se gastou de papel e tinta para imprimir discursos! [...] se fez muita coisa por amizade. Isso, demais. E se deixou de publicar muita coisa boa.

Airton de Castro (foto 22), funcionário do quadro de servidores da Universidade, ex-Chefe de Gabinete do segundo reitor, Prof. Genálio Alves da

³³ Artigo 6º da Resolução n. 19/73-CONSUNI, de 18 de abril de 1973.

Fonseca e o sucessor de Geraldo Batista de Araújo na direção da Editora, olha essa questão de forma muito subjetiva. Para ele, isso dependia de quem sentasse na “cadeira” de diretor da Editora.

Foto 22 - Airton de Castro



Fonte: Acervo de Francisco
Guilherme de Santana. 1974-1976

Além de julgar os originais submetidos à publicação e de referendar diretrizes para a editoração científica, o primeiro Conselho Editorial (CE) devia, segundo o Relatório 1975, da administração do Reitor Domingos Gomes de Lima, colaborar com informações para o Conselho de Ensino e Pesquisa (CONSEPE), definir a política cultural da Universidade. O relatório diz, textualmente (UFRN, 1976, p. 142-143):

Desta forma, o Conselho Editorial assume o significado de um órgão de expressiva importância no atendimento às necessidades da Instituição, no sentido de projetar no meio social uma imagem capaz de melhor conduzí-la, de forma permanente a contínua, ao alcance dos seus elevados objetivos.

A regulamentação desse primeiro Conselho Editorial só aconteceu dez anos depois de ter sido criado, prorrogando, ao máximo, o poder do reitor sobre esse serviço. Em novembro de 1983, a Resolução n. 104/83-CONSUNI, que tratava do Regimento, estabelecia no cap. I, como finalidade do Conselho Editorial “[...] assessorar o Reitor na fixação e cumprimento da política editorial da Universidade, orientando e supervisionando os programas estabelecidos para o setor.” O art. 2º prescrevia: “[...] promover a seleção dos trabalhos a serem publicados dentro do Plano Editorial da Universidade” e o cap. IV, do Regimento, estabelecia os critérios técnicos e políticos para publicação pela EDUFRN (UFRN, 1983).

Contudo, o art. 12 deu margem para muitas interpretações, posto não priorizar a produção docente e nem impedir publicação de autores externos à UFRN. De acordo com o parágrafo único do Anexo da Resolução n. 104/83-CONSUNI, de 17 de 11 de 1983, apenas estabelecia: “[...] Sendo o autor professor da Universidade e seu trabalho relacionado à área de estudo do Departamento a que pertence, o trabalho será acompanhado de parecer de uma comissão do mesmo Departamento” (UFRN, 1983).

Mesmo assim, pelo teor das resoluções que criaram o primeiro Conselho Editorial e o primeiro Regimento do Conselho, observamos que os princípios editoriais da EDUFRN sinalizavam para atender algumas das finalidades da educação superior vigentes, estabelecidas por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB n. 9.394/96. Uma delas é “[...] promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação” (BRASIL, 1996).

3.8 MÁQUINAS OFF-SET DESEMBARCAM NA EDUFRN

Em outubro de 1978, ao chegar ao Campus Universitário, passando a funcionar no endereço onde se conhece como Departamento de Recursos Humanos (DDRH/Pró-reitoria de Pessoa), aquela “moderna gráfica,” de 1966, já não respondia mais às demandas da instituição, com precisão. Os equipamentos estavam superados e em quantidade aquém de acompanhar o volume de trabalho devido ao crescimento da Universidade. A Editora chegara ao seu limite operacional.

Dentro do Campus, a derrubada de matas para dar lugar às construções de centros acadêmicos, laboratórios, setores de aula e prédios administrativos se sucediam sem parar. Os departamentos em efervescência e outros cursos em implantação davam um ar de “movimento sem fim” à UFRN. Era um ambiente propício às inovações. E a chegada do segundo diretor, em 1974, inaugurara uma fase de mudanças na Editora.

Familiarizado com os trâmites institucionais, pois já exercera cargo de confiança, Airton de Castro gozava de uma relativa autonomia na gestão do reitor que o convidara, Prof. Domingos Gomes de Lima. As novas necessidades da Universidade e o espírito empreendedor ajudaram Airton a promover a primeira grande revolução tecnológica da Editora. Sem segredos, ele confessou num encontro cordial em sua residência, três dias antes da Editora completar 50 anos, que “fazia muita coisa sem pedir licença a ninguém”.

A saída para superar a obsolescência técnica-operacional da Gráfica da Editora foi um projeto enviado ao Programa de Melhoria do Ensino Superior (PREMESU IV), do Ministério da Educação e Banco Interamericano para o Desenvolvimento (MEC/BID), visando reequipá-la “com um serviço completo de *off-set*” (UFRN, 1976, p. 142). Além de garantir atendimento à Universidade, em pleno crescimento, o “reaparelhamento da Editora Universitária” lhe daria um novo perfil, apontava-lhe novos rumos conforme as expectativas da época:

[...] uma nova estrutura de caráter empresarial, possibilitará, igualmente, a extensão dos seus serviços à comunidade local, transformando-a em fonte de recursos extraordinários que virão aumentar a receita interna da Instituição (UFRN, 1976, p. 142).

Depois de 13 anos no mercado editorial potiguar, a Editora recebeu a sua primeira impressora *offset*: uma Solna 125, suficiente para melhorar a qualidade editorial das publicações. Rememorando essa passagem com Airton de Castro, ele exclama: “Você disse a palavra certa: uma revolução! Naquela época estava tudo muito antigo. Eu comprei guilhotina e a precursora da digitação [...] A composer. Montei o primeiro laboratório de gravação de filme e de chapas”.

De tão marcante, a chegada da modernidade gráfica ficou registrada para a posteridade numa placa apostada em local visível. Recentemente, devido a insensibilidade em relação ao passado, um dirigente mandou afixá-la em uma “parede escondida.” Ressentidos, os gráficos reclamam que “quem vem até a oficina não vê a placa.” Um fato inegável de quem quer esconder documentos históricos, na tentativa de se apagar memórias.

3.8.1 A inovação gráfica amplia o corpo de servidores

A *Composer*, adquirida na gestão de Airton de Castro, era a mais moderna máquina de digitação para a época e exigia a contratação ou o treinamento de profissionais para o manuseio correto. Foi o suficiente para a entrada de novos funcionários, a maioria deles escolhidos “a dedo,” conforme detalha Airton de Castro, quando lhes citamos as fichas de funcionários que tivemos em mãos:

A entrada dos funcionários não foi por concurso não. Eu ganhei a antipatia dos donos de gráficas da cidade porque eu fui atrás dos melhores gráficos de Natal. Eu tirei muita gente boa das gráficas e trouxe para a Universidade. Eu selecionei melhor que qualquer concurso porque esse pessoal foi escolhido pelo que sabia fazer [...] pela competência mesmo. Guilherme [...] Gilberto [...] Raimundo bucho-furado [...] Maria José [...] Mineirinho [...] Carioca. Era tudo gente que trabalhava bem na arte gráfica.

Eu também tinha a Ana Maria [não lembra o sobrenome e a gente informa: Coelho], uma moça muito boa que depois se tornou amiga da minha família; eu botei a que hoje é a minha mulher, Zâmia Maria Medeiros de Castro. Também veio o Galvão, transferido dos Correios para trabalhar conosco. Esses dois, Ana Maria e João Galvão treinaram muito na máquina nova [a composer] antes de começar a fazer o trabalho pra valer.

Nas três primeiras décadas da Editora, a formação do quadro funcional aparece como uma demanda permanente, tendo em vista a execução das funções gráficas exigirem, dentre outras coisas, criatividade, habilidade e talento. A partir de contratações e ou de remanejamento de pessoal dentro da própria Universidade (COSTA, 1992), o quadro funcional (foto 23) se organizou de modo que até 1980, esteve composto pelos servidores, conforme Quadro 4:

Foto 23 – Servidores da EDUFERN (1996)³⁴

³⁴ Da esquerda para direita: Alva de Medeiros Costa (sentada), Otaviana, Maria José Lima, José Antônio Aires Anselmo, Francisco Guilherme de Santana e os Jornalistas Armando José dos Prazeres e Franklin Jorge, esse último com o jornal na mão.



Fonte: Acervo particular de José Antônio Aires Anselmo

Quadro 4 - Servidores da Imprensa / EDUFRN (1962-1980)

Funcionário	Ano de contratação
Eliezer Alves de Oliveira	04/1961
Manoel Ribeiro da Silva	02/1962
Manoel Geraldo de Araújo	06/1962
Ismael Emereciano de Figueredo	06/1962
José Alves de Moura Sobrinho	04/1963
Pedro Ferreira Mendes	03/1967
Adércio Câmara	03/1967
Francisco Massena da Silva	03/1967
Onel Ferreira de Assis	05/1968
Antônio José Rufino	05/1968
José Calixto Torres	05/1968
Manoel Bráulio da Costa	08/1968
José Oliveira Monte	04/1970
Francisco Canindé da Silva	09/1973
Apeles do Carmo Rodrigues	10/1973
Francisco Guilherme de Santana	09/1974
Admilson Ferreira da Silva	04/1975
Manoel Gonçalo dos Santos	11/1976
Vera Lúcia Dutra de Lucena	03/1977
José Reinaldo Cordeiro da Silva	01/1978
Maria Lúcia Peres Batista	03/1978
Perciliano Batista da Rocha Júnior	04/1978
Ana Maria Coelho	09/1978
João de Araújo Galvão	10/1978
Durval Tolentino	10/1978
Dalva Maria Galvão	10/1978
Pedro Sinval de Lima	11/1978
Alva de Medeiros Costa	11 /1978
José Antônio Aires Anselmo	01/1979
Maria José Lima	01/1979
José Avelino da Silva	01/1979
José Evangelista de Queirzo	03/1979

Romualdo Luzia da Silva	09/1979
Manoel Valério Soares	09/1979
Omiro Batista da Silva	09/1979
Fátima Maria Dantas da Costa	09/1979

Fonte: Fichas manuais da Secretaria da EDUFRN (2011).

3.8.2 O gênero feminino nessa história

Desde o princípio, a Imprensa Universitária contou com a mão de obra feminina, seja nas funções de revisão ou na própria Oficina de impressão gráfica. Maria Zélia Lustosa, Zâmia Maria Medeiros de Castro, Vera Lúcia Dutra de Lucena e Risoleide Rosa Freire de Oliveira, na revisão de texto e ortográfica; Ana Maria Coelho, na digitação; Alva Medeiros e Fátima Maria Dantas da Costa, na editoração de texto; Dalva Maria Galvão e Maria José de Lima, na Oficina Gráfica. E, no intervalo dos dezoito anos iniciais computa quatro dirigentes. Geraldo Batista de Araújo, durante 14 anos (de 1962 a 1976); Airton de Castro, diretor em dois momentos distintos. A primeira vez no reitorado de Domingos Gomes de Lima. Na administração Diógenes da Cunha Lima, foram três diretores: Frederico Petrônio Pessoa Jofilly, Francisco Alves. No quadro a seguir, os dirigentes da Editora (foto 24), desde o período de fundação até 2012, ano das comemorações do cinquentenário.

Foto 24 – Dirigentes da EDUFERN (1996)³⁵



Fonte: Acervo particular de José Antônio Aires Anselmo

Quadro 5 – Dirigentes da UFRN (1962-2011)

Data da gestão	Diretor	Reitorado	Observação
1962-1976	Geraldo Batista de Araújo	1º, 2º e 3º reitorado de Onofre Lopes da Silva Reitorado do prof. Genálio Alves da Fonsêca	O primeiro diretor. Passou quatro mandatos, totalizando 14 anos na gestão da Imprensa Universitária
1976-	Airton de Castro	Reitorado de Domingos Gomes de Lima	
	Frederico Jofily	Reitorado de Diógenes da Cunha Lima	
	Francisco Alves	Reitorado de Diógenes da Cunha Lima	
	Airton de Castro	Reitorado de Diógenes da Cunha Lima	
1983-	José Pires	Reitorado de Genibaldo Barros	Principal realização: a foi a instalação da livraria do PIDL, no Centro de Convivência da UFRN
1989-1991	José Antônio Aires Anselmo	Reitorado de Daladier da Cunha Lima	Servidor do quadro da Editora Universitária. Nessa gestão foi inaugurado o prédio próprio da Editora.
1	Luís Lacerda Alves Felipe	Reitorado de Geraldo Queiroz	

³⁵ O descerramento da placa da Oficina gráfica da editora reuniu quatro dirigentes: da esquerda para direita: a Profª. Elisabeth Raulino, Francisca Sirleide Pereira, diretora à época, ao seu lado Francisco Alves e José Antônio Aires Anselmo, do lado direito da sala com camisa de manga comprida branca e detalhes na cor preta.

1991-1994	Elisabeth Raulino	Reitorado de Geraldo Queiroz	1ª mulher a dirigir a Editora da UFRN
1994-1996	Elisabeth Raulino	1º Reitorado de José Ivonildo Rego	
1996-1998	Francisca Sirleide Pereira	1º Reitorado de José Ivonildo Rego	
	Pedro Vicente Neto	1º Reitorado de José Ivonildo Rego	
	Hermano Machado	Reitorado de Othon Ancelmo	
	Pedro Vicente Neto		
2004-2008	Enilson Medeiros	2º Reitorado de José Ivonildo Rego	
2008-2011	Herculano Ricardo Campos	3º Reitorado de José Ivonildo Rego	
Setembro a novembro de 2011	Helton Rubiano		Servidor do quadro da Editora. Cumpriu um mandato tampão
Novembro de 2011-2015	Margarida Maria Dias de Oliveira	Reitorado de Ângela Paiva	

Fontes: Portarias do Arquivo do DP/UFRN. Natal, 2011. Costa Sobrinho (2003). Francisco Guilherme de Santana, Alva de Medeiros, Geraldo Batista de Araújo, Airton de Castro, José Pires, Luís Lacerda Alves Felipe, José Antônio Aires Anselmo.

O ex-diretor, Airton de Castro, nos dá uma ideia de como ocorreram algumas das mudanças na Direção da Editora:

Quando Diógenes da Cunha Lima sucedeu Domingos Gomes de Lima, na Reitoria da UFRN, pediu a minha demissão do cargo e designou Frederico Petrônio Pessoa Jofily o novo diretor da Editora. Esse rapaz, uma pessoa boa, era cunhado do Reitor, mas com pouca afinidade com a área editorial e gráfica, Fred, como é conhecido, não agüentou aquilo e foi sucedido, pouco tempo depois, por Francisco Alves, um comerciante de produtos e equipamentos gráficos, conhecido no meio por Chico Alves. Esse também demorou pouco.

Diógenes da Cunha Lima reconduziu Airton de Castro ao cargo e é da segunda gestão que Airton guarda as lembranças que mais lhe emocionam:

Eu nunca contei isso para ninguém. Mas houve um fato que se passou ali e que tem um valor emocional muito grande para mim. Teve um desembargador aqui em Natal, Dr. Carlos Augusto, do Tribunal da Justiça do RN [TJ/RN] [...] [Silêncio] Ele era muito respeitado. Eu até ajudei a colocar o nome dele na rua em que fui morar, em Roselândia.

Eu estava para deixar a Editora quando uma senhora veio com uns rascunhos na mão. Encontrou-me numa espécie de corredor, perto da

porta. Ela me disse assim: Doutor, eu escrevi a vida do meu marido nesse livrinho fininho, mas aqui está a minha vida também. Eu queria que o senhor fizesse o levantamento para saber quanto vai gastar.

[Pausa para um longo trago] Eu editei o livrinho dela sem pedir permissão a ninguém. E ela se emocionou quando foi recebê-lo e eu me emociono quando lembro essa história. Sabe porquê? A cidade inteira sabia que o desembargador ia às seções de cinema só para pegar nas pernas das moças. Só ela, a mulher dele, não sabia. Eu me emocionei com o desejo daquela mulher publicar as memórias do homem que ela amava. E ele, o marido, tinha acabado de falecer.

Conferindo os documentos com os pioneiros na gestão da IU/EDUFRN, Geraldo Batista de Araújo e Airton de Castro, descobrimos que os dois se conheciam desde quando Airton “batia a folha de pagamento” no setor administrativo da Reitoria. Sobre Airton, Araújo (2006, p. 106) tem a seguinte imagem:

Redator, secretário, chefe de gabinete. Executivo e artesão para ninguém botar defeito. [...] A Universidade sempre o subestimou. Nem a convivência de tantos anos ensinou aos ‘donos’ da Universidade reconhecer todo o seu potencial. Felizmente, a iniciativa privada o descobriu a tempo. Lamentavelmente, um glaucoma mal cuidado o afastou da publicidade, atividade que exercia antes de se aposentar definitivamente. Mesmo assim, continua o mesmo gozador de sempre de bem com a vida, vivendo e achando tudo bom.

De fato. Sempre com um sorriso largo durante o nosso primeiro encontro, ele pondera antes de fazer a seguinte declaração: Eu passei 32 anos na Universidade, redigindo. Aposentei-me em 1991. Estava trabalhando na FUNPEC [Fundação Norte-rio-grandense de Pesquisa]. Fui para a publicidade. Mas você não pode imaginar o amor que eu tinha pela arte gráfica.

4 EDUFRN (1962-1980): DEZOITO ANOS PUBLICANDO LIVROS, PRODUZINDO SENTIDOS

[...] as datas são para o esquecimento, mas fixam o homem no tempo e trazem múltiplas conotações (BORGES, 1995).

Num país de dimensão continental, como o Brasil, onde a cultura de massas foi substituída pela “cultura das mídias” (SANTAELLA, 2003, p. 11), o livro e a revista científica se tornaram fundamentais para a difusão científica e tecnológica nacional. A autora justifica que mesmo o homem tendo vivido seis ciclos culturais - oral, escrito, impresso, de massas, midiático e digital - não houve a extinção ou desaparecimento de alguma dessas culturas. Logo, esse processo cultural humano tornou-se cumulativo e o “casamento entre as linguagens e mídias” geraram, no entender de Santaella (2003), sistemas comunicativos que constituem a cultura das mídias, e essas, segundo Thompson (2009, p. 106), de uma maneira ou de outra ajudam a controlar o fluxo dos acontecimentos.

Portanto, não estranhamos quando descobrimos que dois anos depois de criada, a IU era considerada “[...] um dos setores mais dinâmicos da vida universitária” (BOLETIM..., 1965, p. 43). O argumento é que ela [...] confeccionou com grande presteza e notável perfeição gráfica [...] tudo quanto em matéria de arte tipográfica é exigido pela complexidade da burocracia e da organização administrativa, conforme a mesma fonte. Tal euforia advém da quantidade de títulos apresentados no seguinte relato:

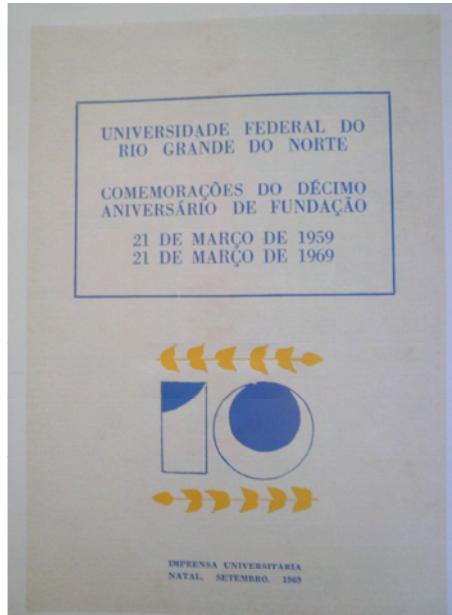
Nada menos de vinte publicações saíram das oficinas da Imprensa em 1964, destacando-se o livro de Poesias, “Voz Geral”, do estudante Ney Leandro de Castro; “Rumos,” revista do D.A. da Faculdade de Direito; números do Boletim Universitário, dos Arquivos do Instituto de Antropologia e do Boletim do Instituto de Biologia Marinha; o primeiro volume da Coleção “Documentos da URN”, inaugurada pelo Departamento de Educação e Cultura com uma série de discursos comemorativos do prof. José Tavares da Silva; o Album alusivo ao Cinquentenário da Escola Doméstica e o Estatuto do mesmo estabelecimento; três números do Boletim da Divisão do Pessoal; um livro de “Exercícios de Português do CIAT”; discurso de Paraninfo do Des. Floriano Cavalcanti, da Faculdade de Direito; aula inaugural dos cursos de 1964, proferida pelo Prof. Nilo Pereira; um

número da Revista da Faculdade de Farmácia e o Calendário Escolar da mesma Faculdade para o ano de 1964; o Currículo da Faculdade de Direito e, por último, o livro “Nomenclatura Prostodôntica”, do Prof. Solon Galvão Filho, da Faculdade de Odontologia (BOLETIM..., 1965, p. 42-43).

Essa pode ser considerada o primeiro registro documental da produção editorial do início da IU/Editora. Com algumas traduções dos títulos para o inglês, a segunda listagem circulou em 1966, no Boletim Universitário ano IV, n. 1, (1966, p. 44-45), nominando 27 obras entre livros, revistas científicas, boletins, calendários, plaquetes de discursos, registros de aulas inaugurais e relatórios.

Anos depois, o documento *Comemorações do Décimo Aniversário de Fundação da UFRN* (foto 25), publicado em 1969, registra nas páginas 25 e 26 outra relação. Dessa vez, anunciando que 100 publicações foram impressas nos primeiros sete anos da IU.

Foto 25 - Capa da plaquete Universidade Federal do Rio Grande do Norte:
Comemorações do Décimo Aniversário de Fundação: 1959-1969



Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Não há, porém, nenhuma alusão aos títulos das obras e aos nomes dos autores. Os dois primeiros diretores, Geraldo Batista de Araújo e Airton de Castro, também não guardam, na memória, informações ou qualquer registro a respeito das primeiras obras publicadas. Um deles se justifica:

No meu primeiro mandato na Editora eu editei muita gente, mas não lembro os nomes, não. Nem das obras, nem quem eram os autores. Voce acredita que não tenho nada guardado, quero dizer, nenhum papel, nenhum recorte de jornal, nenhuma fotografia daquele tempo? (AIRTON DE CASTRO).

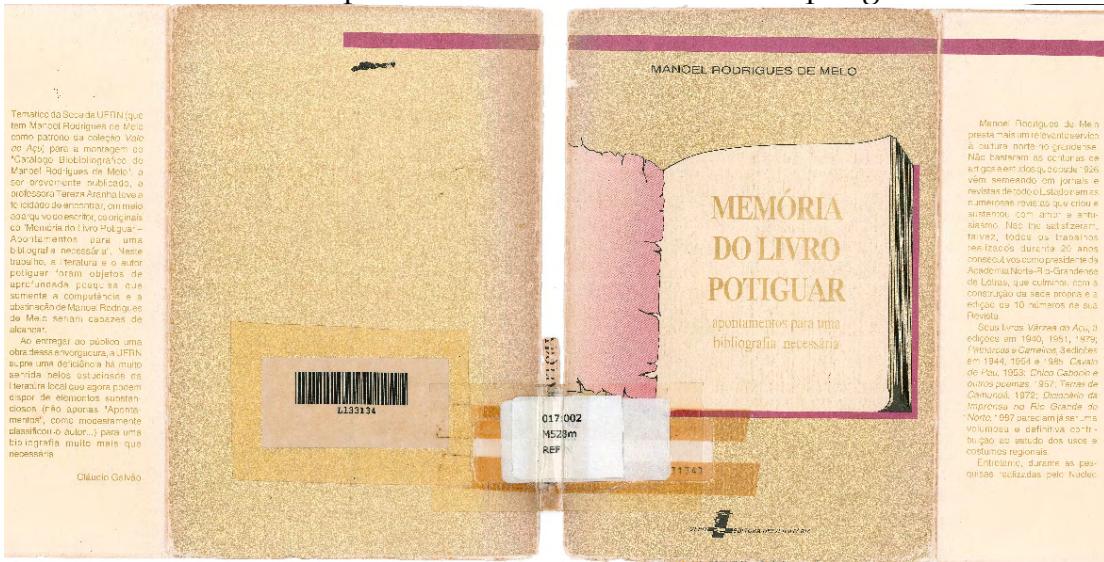
Cellard (2008, p. 295) nos ajuda a entendermos esses lapsos de memória. Diz o autor que um documento acrescenta “[...] a dimensão do tempo à compreensão do social [porque] as capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo”. Compreendemos, então, porque na sociedade informacional o homem se vale muito, quando pode, dos registros, dos documentos, de anotações, seja em que suportes estejam.

Recorremos, portanto, às nossas fontes primárias, ou seja, aos relatórios, aos discursos de lançamentos de livros, às notas dos boletins de notícias para reconstituirmos parte dessa memória, pois, como dizem os seguidores da Escola dos *Anallis*, “[...] tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado documento ou ‘fonte’ de informação” (CELLARD, 2008, p. 296).³⁶ O historiador Le Goff (1996, p. 536) sinaliza que os documentos são um entre os materiais onde reside a memória coletiva (HALBWACHS, 2006), ou seja, aquela memória partilhada socialmente. Para a Ciência da Informação, segundo Lara e Ortega (2011) documento é todo objeto com capacidade informativa. Trata-se de uma noção que vem desde 1934, com o *Traité de Documentation*, publicado por Paul Otlet, na Bélgica (1996).

Memória do livro potiguar (foto 26), obra escrita por Manoel Rodrigues de Melo para a Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL) e publicado em 1994, pela Editora Universitária da UFRN, foi um farol nessa busca.

³⁶ Movimento historiográfico que surgiu na França, por volta de 1929, a partir de Lucien Febvre e Marc Bloch, em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale*. O propósito dos *Annales* era ultrapassar a visão positivista da história, fazendo com que essa passasse a ser vista como acontecimento de longa duração. O movimento ganhou destaque ao incorporar os métodos das Ciências Sociais à História. Para saber mais ver Burke (1991).

Foto 26 – Capa da obra “A memoria do livro potiguar”



Fonte: Arquivo escaneado, pertencente ao acervo de coleções especiais da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM/UFRN, 2011).

Ao resumir quase um século do que fora impresso no Rio Grande do Norte, o autor advertira que o mesmo tinha a finalidade de “[...] arrolar a bibliografia norte-rio-grandense dispersa, muitas vezes perdida, torná-la conhecida de leigos e especialistas, e fixá-la para sempre num compêndio de fácil manuseio pelos interessados na matéria” (MELO, 1994, p. 5). Para o Prof. Geraldo dos Santos Queiroz (1994, p. 5), reitor à época da UFRN, trata-se de “um apanhado exaustivo de produção impressa no Rio Grande do Norte”. A “Nota explicativa” indica a obra para consulta por aqueles que querem saber de publicações no RN (GURGEL, 1994, p. 6).

Nesse repertório de informações bibliográficas garimpamos alguns dos títulos publicados nos primeiros 18 anos da Editora Universitária da UFRN. Nas páginas 142 e 143 do Relatório da Administração do reitor Domingos Gomes de Lima, consta que no ano 1975 a EDUFRN publicou “15 mil e 600 volumes técnicos-culturais”. Mais uma vez, dados, como título, autor, ano, tiragem e outros não aparecem. Com base nas duas primeiras listas citadas nos boletins universitários e a partir da obra Memória do livro potiguar (1994), levantamos 96 obras publicadas entre 1963 até 1980 (quadro 6).

Quadro 6 – Produção editorial (1962-1980)

ANO	TÍTULO/ASSUNTO	AUTOR	CATEGORIA	ESTOQUE
1963	Boletim Universitário V. 1, N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1963	Boletim Universitário V. 1, N. 2	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1963	Relatório de atividades do exercício 1962	Onofre Lopes da Silva	Documento	Esgotado
1964	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1964	Relatório de atividades do exercício 1963	Onofre Lopes da Silva	Documento	Esgotado
1964	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1964	Discurso de Paraninfo	Floriano Cavalcanti de Albuquerque	Discurso	Esgotado
1964	Álbum Cinquentenário da Escola Doméstica de Natal		Obra memorialística	Esgotado
1964	Exercícios de Português do CIAT		Literatura científica	
1964	Discursos	José Tavares da Silva	Discurso	
	Antônio Marinho: um esboço biográfico	Floriano Cavalcanti de Albuquerque	Discurso	Esgotado
1964	Aula inaugural dos cursos de 1964	Nilo Pereira	Discurso	
1964	Nomenclatura Prostodôntica	Solon Galvão Filho	Literatura científica	
1964	Folk-música natalense	Veríssimo Pinheiro de de Mélo	Literatura científica	
	Grupo isolado de Caraúbas: Os caboclos	José Nunes Cabral de Carvalho, Terezinha Wanderley de Sá Leitão e José Crispim	Literatura científica	
	Devoção popular	Veríssimo Pinheiro de Mélo	Literatura científica	
	O período quaternário no Rio Grande do Norte	Antônio Campos e	Literatura científica	

		Silva e et all		
1965	Relatório de atividades do exercício 1964	Onofre Lopes da Silva	Documento	Esgotado
1965	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1965	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1965	Dois ensaios de História	Luís da Câmara Cascudo	Literatura científica	
1965	Bénção da paraninfo		Discurso	
1965	Centro Rural Universitário de Treinamento de Pessoal de Nível Superior: Projeto do Reitor Onofre Lopes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Ed. de outubro	Onofre Lopes da Silva	Documento	Esgotado
1965	Centro Rural Universitário de Treinamento de Pessoal de Nível Superior: Projeto do Reitor Onofre Lopes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Ed. de dezembro - inglês e português	Onofre Lopes da Silva	Documento	Esgotado
1966	Imagens do tempo	Edgar Barbosa	Obra memorialística	
1966	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1966	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1966	Martins – sua terra, sua gente – Co-edição com o DEI/RN	Manoel Onofre Jr.		
1967	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1967	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1967	Quinteto de cordas	Jaime dos G. Wanderley	Documento	
1967	O Verdadeiro Cabo de São Roque	Geraldo Fernandes de Oliveira	Literatura científica	
1967	CRUTAC: Nova dimensão da Universidade	Fernando Mota	Documento administrativo	
1967	CRUTAC e o estágio das cadeiras científicas	Genálio Alves da Fonsêca	Literatura científica	

1967	CRUTAC – Uma edificação na mente e nos corações humanos	Veríssimo Pinheiro de Mélo	Documento administrativo	
1967	Pensamento em férias	Ascendino Henriques de Almeida Júnior	Literatura de ficção	
1967	CRUTAC (4ª Ed. da plaquette)		Documento administrativo	
1967	Dentro do século	Ivanaldo Lopes	Literatura e obra memorialística	
1967	Estudo sedimentológico e paleontológico das minas de gipsita de Mossoró		Literatura científica	
1967	Economia e promoção	João Wilson Mendes de Melo	Literatura científica	
1967	Notas avulsas sobre o CRUTAC	Nilo Pereira	Obra memorialística	
1967	Oração aos jovens	D. Jerônimo de Sá Cavalcanti, Heriberto Bezerra e Geniberto Paiva Campos	Literatura de ficção	
1967	Aditivos químicos em alimentos		Literatura científica	
1967	Humorismo e sátira na tradição oral e escrita	Mariano Coêlho	Literatura científica	
1967	Gregos e latinos	Esmeraldo Siqueira	Literatura científica	
1967	Contribuição para o estudo bromatológico da fruta pão	Genário Alves Fonsêca	Literatura científica	
1967	Discurso de Paraninfo do Dr. Aleixo Prates	Aleixo Prates	Discurso	
1967	O Chefe de Infantaria	Gal. Augusto de Oliveira Pereira	Literatura de ficção	
1967	Alfar, a que está só	Maria Eugênia Monte Negro	Literatura de poesia	
1967	Senadores do Rio Grande do Norte na 1ª e na 2ª república	José Augusto Bezerra de Medeiros	Obra memorialística	
1967	Aula inaugural no NPOR	Onofre Lopes da Silva	Discurso	
1968	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1968	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1968	Sentido de uma homenagem	Edgar Ferreira Barbosa	Discurso	

1968	Fala a Universidade		Discurso	
1968	Considerations on the pleistocene fauna of "Lajedo de Escada"	José Nunes Cabral de Carvalho	Literatura científica	
1968	Xarias e canguleiros	Veríssimo Pinheiro de Melo	Literatura científica	
1968	Lua 4 vêzes sol	Diógenes da Cunha Lima	Literatura de poesia	
1968	Os minerais de Urânio no Rio Grande do Norte	Antônio Campos e Silva e Sheila Garcia de Carvalho	Literatura científica	
1968	Crônicas, contos e poesias	Minervino W. de Si Queira	Literatura de poesia	
1968	Curso de preparação aos Exames de Madureza: Ginásio pelo rádio. História	Geraldo Batista de Araújo	Didática	
1968	Novas técnicas educativas através dos satélites: UFRN	Onofre Lopes da Silva	Didática	
1968	Atividades cívicas na Universidade		Didática	
1968	José Leite & outros cantos			
1968	O ensino através de satélites	Onofre Lopes da Silva	Didática	
1969	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1969	Boletim Universitário V. 1. N. 1	Edgar Barbosa (Editor)	Veículo de divulgação da UFRN	Esgotado
1969	Comemorações do décimo aniversário de fundação da UFRN.	Onofre Lopes da Silva e et all	Obra memorialística	
1969	Letras de França (150)	Esmervaldo Siqueira	Literatura de ficção	
1969	O tempo e eu	Luís da Câmara Cascudo	Obra memorialística	
1969	Pequeno manual do docente aprendiz	Luís da Câmara Cascudo	Obra memorialistica	
1969	Imagens do Ceará-Mirim	Nilo Pereira	Obra memorialística	
1970	Le vocabulaire français	Bernard Allégueude	Didática	
1970	Poesias	Veríssimo de Mélo (Prefácio)	Literatura de poesia	
1970	Fumaça	Mariano Coelho	Literatura de poesia	
1971	Lira de Poti	Antônio Soares de Araújo Filho	Literatura de poesia	
1971	Na ronda do tempo	Luís da Câmara Cascudo	Obra memorialística	

1971	Natal que eu vi	Lauro Pinto	Obra memorialística	
1972	Ontem: maginação e notas de um professor de província	Luís da Câmara Cascudo	Obra memorialística	
1973	O algodão e seu papel na economia norte-riograndense	Geraldo Bezerra de Melo	Literatura científica	
1973	Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte	Tarcísio da Natividade Medeiros	Literatura científica	
1974	História da aviação do Rio Grande do Norte	Paulo Viveiros	Obra memorialística	
1974	Bert Hinkler e o Atlântico Sul	Tarcísio Medeiros	Literatura científica	
1974	Bernardo Vieira de Melo e a guerra dos Bárbaros	Tarcísio Medeiros	Literatura científica	
1975	Doze temas	Antônio Soares de Araújo Filho	Ensaios	
1978	Antídio de Azevedo: Poeta e trovador	Antônio Soares de Araújo Filho	Obra memorialística	
1978	Engajamento da Ciência e da tecnologia no deseolvimento regional	José Dion de Melo Teles	Literatura científica	
1978	Lembrança de Edgar Barbosa	Nilo Pereira		
1979	Antologia do Padre Monte (314)	Jurandyr Navarro	Obra memorialística	
1979	Sertaria	Nivaldete F. Xavier	Literatura de poesia	
1980	Berilo Wanderley: depoimentos, poemas e crônicas	Luís Carlos Guimarães e outros	Literatura de poesia	Esgotado
1980	Os Deserdados da Chuva	Eulício Farias de Lacerda	Literatura de conto	Esgotado
1980	História da Cidade do Natal - 2ª ed.	Luís da Câmara Cascudo	Literatura científica	
1980	História da Base Aérea de Natal	Fernando Hipólito da Costa	Ciência	

Fontes: Boletins Universitários publicados entre 1963 e 1968; Coleções especiais da BCZM; Biblioteca do Museu Câmara Cascudo; Acervo de escritores norte-rio-grandenses do Laboratório de Documentação do Departamento de História da UFRN; acervo particular do editor e colecionador, Wandyr Villar; ONOFRE JR. Manoel. Literatura & Província. Natal: EDUFRN, 1997.

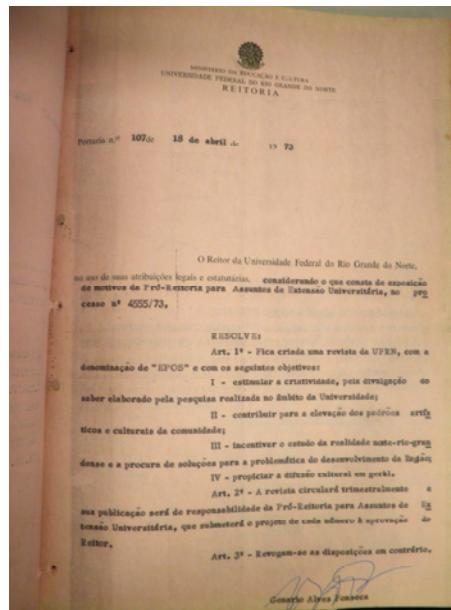
O espírito de renovação de Airton de Castro nos leva a crer que na sua gestão a Editora aproximou-se mais da pesquisa da UFRN, dinamizou os produtos editoriais e instalou, na UFRN, o hábito de se comunicar ciência por meio de

periódicos científicos. Isso marcou a trajetória da Editora, pois em sua permanência foram lançadas revistas literárias, como *Tempo Universitário*, a *Revista Epos* e a *Revista Ciência*.

4.1 NOVOS PRODUTOS EDITORIAIS

Destinada à divulgação científica, até que apareça algo em contrário a Revista Epos se apresenta como um periódico histórico na UFRN, pois surgiu com a vocação de divulgar a cultura norte-riograndense e o conhecimento gerado na instituição, privilegiando os problemas do RN. O art. 1º da Portaria n. 107, de 18 de abril de 1973 (foto 27), que estabelece a sua criação, define como objetivos da Epos: “divulgar o conhecimento produzido no âmbito da Universidade, alavancar a produção cultural local, além de incentivar os estudos sobre os problemas do Rio Grande do Norte”.

Foto 27 – Portaria n. 107 de 18 de abril de 1973



Fonte: Arquivo do Departamento de Pessoal da UFRN

Já a Revista *Tempo Universitário* circulou, pela primeira vez, em janeiro de 1976, tendo o Prof. Edgar Ferreira Barbosa como Presidente do Conselho de Redação.

Tal informação está presente na Síntese Cronológica da UFRN: 1958-1988 (MELO, 1991). Segundo a fonte, a edição histórica, o volume 1, n. 1, compreendia o

período janeiro a junho de 1976, ou seja, tinha periodicidade semestral, e o formato do periódico era 14x21, usado tradicionalmente para livros. Composta na impressora linotipo³⁷, como lembra Francisco Guilherme de Santana, talvez, por isso, “considerada, por todos nós, como o primeiro livro da Editora”.

Dessa revista circularam seis números, dois deles no ano de 1976, dois números no ano de 1977, um número no ano de 1979 e um número em 1980, esse sendo o último e comemorativo ao primeiro aniversário do reitorado Diógenes da Cunha Lima (UFRN, 1991). Em decorrência do falecimento do Presidente do Conselho de Redação, Prof. Edgar Ferreira Barbosa, em 1976, o Prof. João Batista Ferreira da Silva o substituiu no Conselho de Redação. Quatro anos depois, quando o último número foi lançado, o Conselho Editorial estava sob o comando do Prof. Veríssimo de Melo, Assessor Especial do Reitor (MÉLO, 1991).

Paradoxalmente, as expectativas do número 1, do sexto ano de circulação da Revista Tempo Universitário foram frustradas. Destacava o Prof. Diógenes da Cunha Lima, reitor, à época, na apresentação, o esforço da comunidade universitária em fazer do veículo um “instrumento de renovação, um agente organizador do pensamento acadêmico”. Anunciava, inclusive, o início de intercâmbio com outros periódicos (REVISTA..., 1980, p. 7-8). Curiosamente, a revista deixava de circular justamente a partir daquele número.

Três décadas se passaram quando Airton de Castro, o homem que ajudou a criar a Revista Tempo Universitário, ao ser reapresentado a alguns exemplares do periódico, tentou recordar, entre um olhar vago e os tragos de um cigarro, alguma coisa sobre esse periódico:

Reuni o meu pessoal e promovi o lançamento da revista. Era meu orgulho. A capa encomendei a um diretor de arte, no Rio de Janeiro. [Lembra-se quem?] Posso até me lembrar [...] depois eu lhe digo.

Lancei a Tempo Universitário, mas não houve solenidade não. A de número um, se não me engano, era a capa rosa. Depois vieram outras cores. Azul [...] verde [...] laranja. Foram oito números.

³⁷ Máquina de composição a quente, cuja matéria-prima é o chumbo. Esse sistema foi usado pela Editora para suas publicações até o início da década de 70 do século XX, quando trocou-o pela *Composer IBM*, atualmente sucedida pelo computador.

Ah! Eu pedi a Ney Leandro de Castro, meu irmão que trabalhava com publicidade no Rio de Janeiro, para arranjar um bom diretor de arte e fazer uma capa bonita para a revista *Tempo Universitário*. Tenho dúvidas, mas parece que foi Joaquim Pêssego, diretor muito conceituado no meio publicitário nacional. E ficou bonita, simples, elegante. Só tem letras, palavras.

O que ele não sabia era que esse lançamento ficou na memória de quem trabalhava, na época, como Francisco Guilherme de Santana (foto 28).

Foto 28 - Francisco Guilherme de Santana



Fonte: Acervo do próprio depoente (1996)

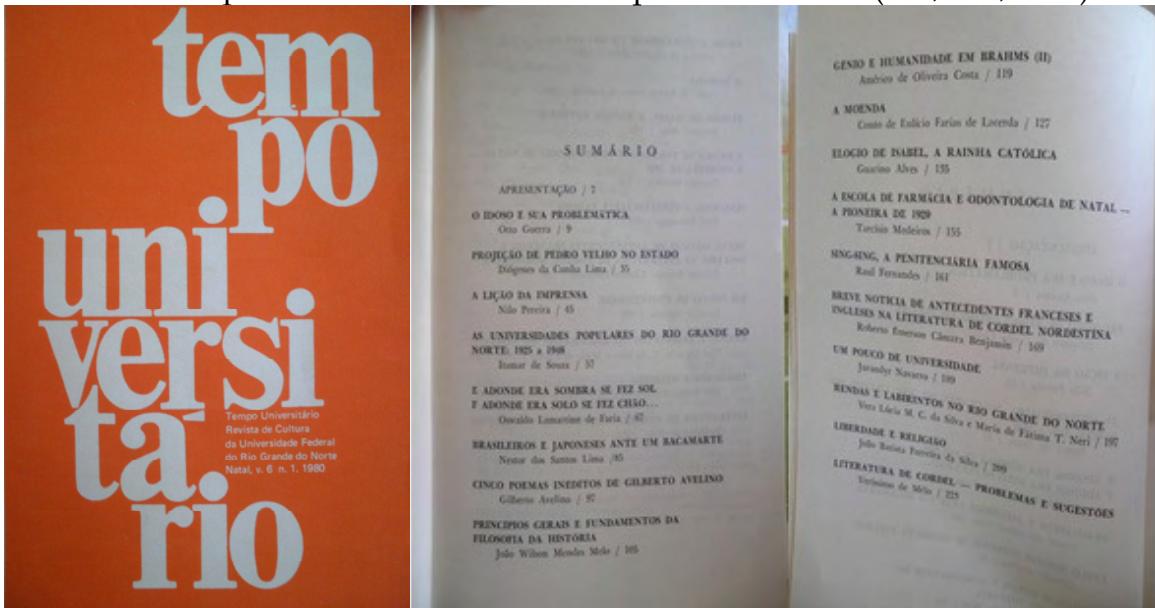
Gesticulando como se estivesse revivendo aquele momento, ele detalhou com precisão o que se passou há 38 anos:

Lembro como se fosse hoje [...] Ao meio dia, ansioso, mas empolgado com o fato histórico, pois já tinha bebido algumas doses de whisky para comemorar, o diretor reuniu todos que trabalhavam e disse as seguintes palavras: 'vamos lançar o livro'. Literalmente arremessou o volume que estava em suas mãos. O objeto bateu lá no rosto de Canindé, nosso Chefe da Gráfica, na época. Todos nós comemoramos nesse dia, junto com Airton (FRANCISCO GUILHERME DE SANTANA).

Com um Conselho de Redação composto por intelectuais e docentes de prestígio na academia, e uma linha editorial notadamente cultural, literária,

identificamos no sumário do último número da Revista Tempo Universitário (foto 29) a divulgação de dez textos científicos entre os 18 publicados.

Foto 29 - Capa e sumário da Revista Tempo Universitário (v. 6, n. 1, 1980)



Fonte: Acervo particular do Colecionador Vandyr Villar

Observamos, também, equívocos em relação a essa edição. Enquanto a capa espelha o ano de 1980 e a apresentação é assinada pelo reitor, Prof. Diógenes da Cunha Lima, cujo mandato ocorreu na década de 80, do século XX, a ficha catalográfica trazia, entre os dados, o ano de 1976, v. 1, n. 1., período em que o cargo era exercido pelo Prof. Domingos Gomes de Lima. Diante desses esclarecimentos, tendemos a confirmar os dados da capa como corretos e a desconsiderar as informações da ficha catalográfica.

Em 1977 surge uma nova revista. A Resolução n. 022/77-CONSUNI criou a *Revista Ciência*, lançada no dia 16 de dezembro de 1978 (MELO, 1991). Airton de Castro detalha que a linha editorial desse periódico era voltada, também, para a divulgação de textos acadêmicos provenientes de estudos técnicos e pesquisas, conforme atesta Airton de Castro. Mas, pelo que apuramos, esse periódico ficou um tempo fora de circulação, voltando em 1987, conforme justificativa do Prof. Liacir dos Santos Lucena, Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação (PPPG/UFRN). Ao saudar o retorno da *Revista Ciência*, o Pró-reitor reconhecia a carência de periódicos científicos em nosso país, especialmente na Região Nordeste e registrara: "[...] isso tem

contribuído para dificultar ou inibir a publicação de trabalhos dos nossos docentes e pesquisadores, gerando uma imagem da UFRN que não condiz com suas reais dimensões e potencialidades" (LUCENA, 1986, p. 5). O editorial publicado no v. 3, n. 1-2, correspondente ao período jan./dez., 1986, explica esse retorno:

A Revista CIÊNCIA volta à circulação após prolongado período de inatividade. O objetivo continua o mesmo: divulgar aquilo que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte produz no campo da pesquisa, além de se constituir num forum de debates para as questões da Ciência, Cultura e Tecnologia. Esse renascimento responde a uma reivindicação quase generalizada da comunidade universitária, desejosa de ampliar os espaços para difusão do seu esforço intelectual (LUCENA, 1987, p. 5).

Acreditamos que nessa nova fase CIÊNCIA tem um importante papel a desempenhar, como veículo de comunicação e intercâmbio de ideias, entre os que participam da vida universitária, garantido que bons trabalhos não fiquem inéditos, incentivando pesquisadores emergentes e, também, permitindo que a UFRN conheça a si própria e tenha suas atividades conhecidas em outros centros (LUCENA, 1986, p. 5-6).

Nessa época, o Prof. José Lacerda Alves Felipe dirigia a Editora e o corpo editorial da Revista Ciência era constituído pelos seguintes professores: Aldo Barbosa da Silva, Deílio Gurgel, João Maurício F. de Miranda, João Wilson de Paiva Macedo, Juarez Pascoal de Azevedo, Maria das Dores Costa, Paulo César Formiga Ramos e Veríssimo Pinheiro de Melo. Os editores associados eram os professores Aldo da Cunha Medeiros, Nássaro Nasser e Vitória dos Santos Costa. O volume 3, n. 1-2, correspondente ao período jan./dez., 1986, editado pelo Prof. Leão Pereira Pinto, saiu com 63 páginas, tendo como revisora Zélia Maria Santiago Lustosa. Circulou com artigos das áreas de Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde e Ciências Sociais aplicadas. A jornalista Enoleide Farias, do quadro técnico da UFRN, secretariava a Revista e o Prof. João Maurício é o responsável pelo projeto gráfico.

Além das revistas *Tempo Universitário* e *Ciência*, a Editora publicou, ainda, entre 1962 e 1980, os seguintes periódicos: Arquivos do Instituto de Antropologia da UFRN (AIA); Rumos (Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, incorporada à UFRN); Boletim do Instituto de Biologia Marinha/UFRN, o qual divulgava os trabalhos científicos; a Coleção Documentos da Universidade do Rio

Grande do Norte e a Revista da Faculdade de Farmácia/UFRN (BOLETIM..., 1966, p. 44-45).

4.1.1 As coleções

Quando o alto custo das publicações era empecilho para o trabalho intelectual chegar, na maioria das vezes, ao grande público, as coleções, enquanto meios e/ou suportes de mediação, tornaram-se uma saída para o compartilhamento dos resultados com a sociedade em geral. Na EDUFRN, editar coleções foi um caminho trilhado depois do estabelecimento das revistas.

A primeira surgiu em 1980. Denominada *Coleção Autores Potiguares*, era uma iniciativa do Programa de Difusão Cultural, da UFRN, realizado no reitorado do Prof. Diógenes da Cunha Lima. Desenvolvida na gestão de Airton de Castro, essa Coleção integrou o “Projeto Memória,” da UFRN e abarcou a *Série Literatura*, de natureza didática. A pesquisa mapeou 17 coleções (quadro 7).

Quadro 7- Coleções da EDUFRN

Criação	Nome da coleção	Organizador	Títulos publicados	Finalidade
1981	Coleção Autores Potiguares	Francisco das Chagas e Socorro Trindade	8	Literatura
1985	Coleção Memória Viva	Carlos Lyra Martins	11	Memória
1985	Coleção Resgate	Joaquim Ignácio de Carvalho Filho	3	Memória
1985	Coleção Mossoroense - Livro das Secas	Vint-un Rosado e América Rosado	4 (em coedição)	Ciência
1997	Coleção Saber & Ciência	Vários	4	Ciência
1997	Coleção EPEN	Vários	19	Ciência
1999	Coleção Nordestina	José David Fernandes	4 (em coedição)	Cultura regional
2000	Coleção Pedagógica	Maria Doninha de Almeida e Vilma Queiroz Sampaio F. de Oliveira	9	Ciência
2000	Coleção Teses e Pesquisas	Vários	13	Ciência
2005	Coleção Estudos Norte-rio-grandenses	Humberto Hermenegildo de Araújo e outros	3	Ciência

2006	Coleção Metafísica	Juan Adolfo Bonaccini	3	Ciência
2008	Coleção Câmara Cascudo: Memórias e Biografias	Tarcísio Gurgel	5	Memória
2008	Coleção História Potiguar	Tarcísio Gurgel	5	Ciência
2008	Coleção Talento & Polêmica	Tarcísio Gurgel	5	Ensaios
2008	Coleção Globalização e Marginalidade	Márcio Moraes Valença	3	Ciência
2008	Coleção Pesquisa Auto(biográfica) & Educação	Christine Delory-Momberger, Maria da Conceição Passegi e Elizeu Clementino de Souza	16	Ciência
2008	Cadernos do LINC - Grupo de Pesquisa Linguagens da Cena	Alex Beigui	2	Ciência

Fonte: Setor de Estoque da EDUFRN. Anotações manuscritas de Francisco Guilherme de Santana. Natal, mai., 2012.

Observando a finalidade das coleções mapeadas, exceto duas, as coleções *Autores Potiguares* e *Talento & Polêmica*, as demais classificamos como meios de divulgação científica. Para chegarmos a essa compreensão adotamos a concepção de Bueno (2009). O autor considera que a tarefa de divulgar a informação científica não se restringe à difusão da informação por meio da imprensa. Trata-se de uma ação, segundo ele, que extrapola o território da mídia, abarcando outros campos ou atividades, conforme explicita:

Na prática, a divulgação científica não está restrita aos meios de comunicação de massa. Evidentemente, a expressão inclui não só os jornais, revistas, rádio, TV ou mesmo o jornalismo *online*, mas também os livros didáticos, as palestras de ciências [...] abertas ao público leigo, o uso de histórias em quadrinhos ou folhetos para veiculação de informações científicas (encontráveis com facilidade na área da saúde/medicina), determinadas campanhas publicitárias ou de educação, espetáculos de teatro com a temática da ciência e tecnologia (relatando a vida de cientistas ilustres) e mesmo a literatura de cordel, amplamente difundida no Nordeste brasileiro (BUENO, 2009, p. 162).

Como a divulgação científica difere do jornalismo científico, achamos por bem recuperar o pensamento de Sousa, nesse aspecto:

Cabe ao jornalismo científico, fazer o tratamento dessa informação, para que a sociedade tenha conhecimento do que se está produzindo em termos de conhecimento científico, acerca de uma determinada área de concentração (SOUSA, 2003 p. 15).

[...] o jornalista em sua atividade de divulgação científica é responsável, pelo que é produzido pela ciência e a tecnologia, através dos veículos de comunicação, tornando público essas informações (SOUZA, 2003, p. 16).

Ainda a respeito, Bueno (1984) reitera:

Jornalismo científico é um caso particular de divulgação científica e refere-se a processos, estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia. Desempenha funções econômicas, político-ideológicas e sócio-culturais importantes e viabiliza-se, na prática de um conjunto diversificado de gêneros jornalísticos (BUENO, 1984, p. 11).

Corroborando a nossa classificação, veja-se o que as coleções registram sobre os seus propósitos:

Coleção Autores Potiguares e a Série Literatura - visava valorizar autores norte-rio-grandenses, tornando-os acessíveis ao estudante do sistema estadual de ensino. Os textos veiculados por meio da Série Literatura da Coleção Autores Potiguares eram literários ou ensaios sobre a realidade política e socioeconômica do povo norte-rio-grandense. Tinha uma linguagem acessível aos leitores e as publicações continham recursos gráficos simples, de baixo custo, favorecendo a aquisição pelo público alvo.

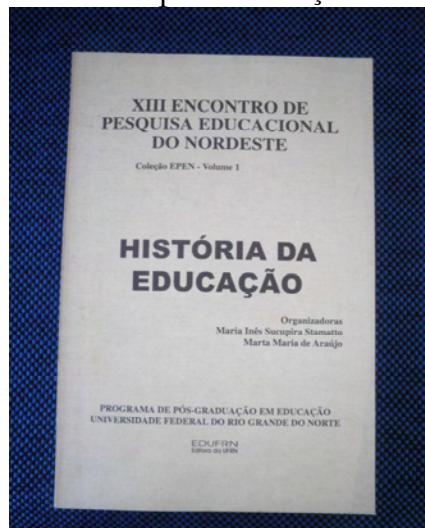
Sob o formato de “seletas” (para facilitar o manuseio) foram veiculados textos literários acompanhados de exercícios. Cada número apresentava os dados biográficos do autor da publicação. A Coleção Autores Potiguares publicou os seguintes títulos: Ferreira Itajubá (1982), de poesia, o primeiro a abrir a série, seguido de Eloy de Souza: textos regionalistas (1982) e Othoniel Meneses (1985). A coordenação editorial esteve a cargo da Profª. Socorro Trindad e a revisão foi coordenada por Zélia Maria Santiago Lustosa.

A Série Literatura dessa Coleção era publicada em coedição com a GESTETNER – Duplicadores Ltda, e pretendia [...] cultivar nesse segmento estudantil o gosto pela leitura, apoiando-o na sua formação cultural. Cada volume abordava um autor que contribuiu para a produção literária e a cultura potiguar.

Coleção Mossoroense – Livro das Secas – Pertencente à Fundação Guimarães Duque, da ESAM, foi editada pelas Coleções e Editora Mossoroense. A partir de 1985, desde o número 8, passou a contar com a coedição com a EDUFRN, dirigida, à época, pelo Prof. José Lacerda Alves Felipe, natural de Mossoró. Ele considerou viável associá-la a esse projeto editorial, já que a coleção priorizava a divulgação da temática seca. Essa era uma das linhas de pesquisa do Departamento de Geografia da UFRN, ao qual José Lacerda Alves Felipe era vinculado como professor: “[...] Publicando o conhecimento gerado, era uma forma de a instituição contribuir para a busca de soluções para a convivência com esse fenômeno natural e, ao mesmo tempo, problema para a região”, justifica Felipe, em conversa com os editores³⁸. A coleção era editada pelos professores Rosado e Rosado (1993), e a experiência da coedição vigorou nos números 8, 9, 10, 11 e 12 da Coleção Livro das Secas.

Coleção EPEN – Dados do Catálogo da EDUFRN 2003-2004 a apresenta como uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN), para divulgar os anais dos Encontros de Pesquisa em Educação do Nordeste (EPEN) (UFRN, 2003). Esse fórum reúne programas, pesquisadores e pós-graduandos da região em torno do tema educação, para socializar a produção científica e trocar experiências. A coleção começou a circular no ano 2000 e, até o ano de 2003, publicou 19 volumes (Foto 30).

Foto 30 - Capa da Coleção EPEN



Fonte: Dados da Pesquisa (2012)

³⁸ Entrevista concedida em julho de 2011.

Coleção Pedagógica - Iniciativa, também, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN), organizada pelas professoras Almeida e Oliveira (2002). Circulou no meio acadêmico até 2007. Nove publicações da temática da área de pedagogia foram editadas, totalizando 506 páginas impressas.

Coleção Teses e Pesquisas - Segundo dados do Catálogo da EDUFRN 2003-2004, essa coleção publicou títulos referentes aos temas saúde, humanidades e tecnologia. Foram 13 títulos de 2000 a 2002.

*Coleção Saber & Ciência*³⁹ - Criada pelo Conselho Editorial da EDUFRN, em 1997, a partir de uma proposta do então reitor, Prof. José Ivonildo do Rêgo, na gestão de Francisca Sirleide Pereira. Publicou resultados de pesquisas e textos literários. Surgiu com a pretensão de democratizar o saber e a ciência, partilhando-os com a maioria. A coleção entrou em circulação em 1997 e publicou os seguintes títulos: Modelos de Regressão Linear, de Azevedo (1997); Imaginário Político e Território: o imaginário nacional desenvolvimentista no Rio Grande do Norte, de Felipe (1997); Dias Climáticos Típicos para o Projeto Térmico de Edificações em Natal, de Araújo, Martins e Araújo (1998); e Modelo Conceitual de Informações Gerenciais para Instituições Federais de Ensino Superior, de Silva (1999). Entre os quatro títulos foram impressas 230 páginas.

Coleção Estudos Norte-rio-grandenses - Especialistas que se debruçam sobre a realidade potiguar tinham espaço para publicar as suas pesquisas nessa coleção. Seu aparecimento veio fortalecer as linhas de pesquisa e o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses (NCCEN). De acordo com o organizador, Araújo (2005), o objetivo da coleção era abrir novos espaços para a circulação de obras que tenham caído no domínio público; obras que são referências para as pesquisas sobre o Rio Grande do Norte; estudos que são resultados de pesquisas nas áreas afins ao NCCEN e, também, obras representantes da tradição artística, cultural e literária local.

³⁹ Informações da quarta capa da coleção, que circulou com um texto igual em todos os volumes.

Esse Núcleo funciona nas dependências do Museu Câmara Cascudo (MCC), e a equipe editorial do primeiro título da Coleção Estudos Norte-rio-grandenses foi constituída pelos Prof. Luiz Seixas das Neves, Humberto Hermenegildo de Araújo, Renata Passos Filgueira de Carvalho, Diva Maria Cunha Pereira de Macedo, Julie Antoinette Cavignac, Raimundo Pereira Alencar Arrais, Rilda Antônia Chacon Martins e Vilma Vitor Cruz, além do técnico em assuntos educacionais, Agnaldo Lopes Tavares.

Coleção Metafísica - É fruto do intercâmbio científico entre os pesquisadores que participaram do I Colóquio Internacional de Metafísica, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRN, no ano de 2006, em Natal. Publicou quatro volumes: Metafísica: história e problemas, organizado por Bonaccini (2006), com 330 páginas; Estudos de Neoplatonismo, em 2007, organizado por Macedo e Bauchwitz (2007); O pote e a rodilha: tempo e imaginação como história por fazer segundo o pensamento de Paul Ricoeur, de Abrahão Costa Andrade (2008); e Metafísica: ontologia e história, em 2009, organizado por Oscar Federico Bauchwitz, Juan Adolfo Bonaccini, Daniel Durante Pereira Alves e Markus Figueira da Silva. No total, foram 464 páginas.

Coleção História Potiguar - Contendo cinco títulos, a Coleção História Potiguar foi criada na gestão do Prof. Herculano Ricardo Campos à frente da EDUFRN e do Prof. Cipriano de Vasconcelos Maia Pró-reitor de Extensão da UFRN (PROEX). O objetivo era homenagear o cinquentenário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no reitorado do Prof. José Ivonildo do Rêgo. A coleção abordada os fatos da história, da economia e da política do Estado, numa determinada época. As obras são reedições de publicações esgotadas, mas nem todas tiveram as primeiras edições com a marca da EDUFRN.

Ao apresentá-la, em nome da parceria com a Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte (COSERN), Medeiros (2008, p. 13) assinala que “[...] todos esses lançamentos representam um feito editorial de grande significado para o Rio Grande do Norte, tanto pela qualidade dos autores como pela relevância dos temas abordados.” Esse projeto editorial teve a supervisão editorial de Alva Medeiros da Costa, ex-vice diretora da EDUFRN (Portaria de designação n. 017/97-DAP, de 25 de

março de 1997, ANEXO D), revisão da Profa. Risoleide Rosa Freire de Oliveira, coordenadora do setor e supervisão gráfica de Francisco Guilherme de Santana. Todos pertencentes ao quadro técnico da Editora.

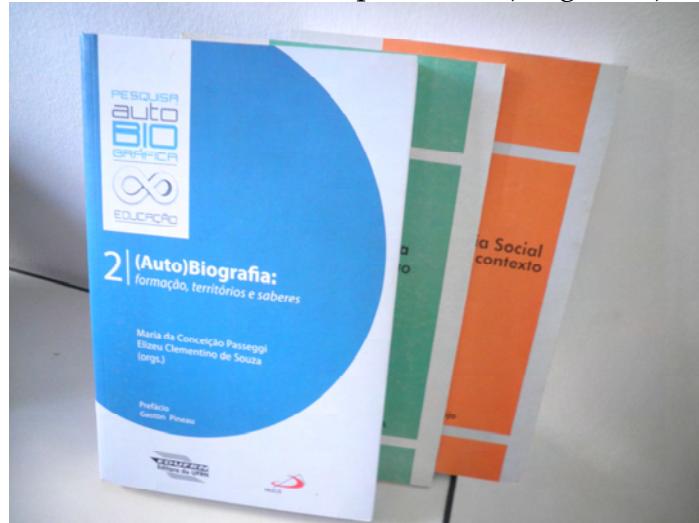
Coleção Globalização e Marginalidade – Criada pelos professores Valença e Cavalcanti (2008), do Departamento de Geografia da UFRN, foi lançada em 2008 e publicou três volumes. O primeiro é intitulado “Transformações Urbanas” e tem 39 capítulos; o segundo tem o título de “O Rio Grande do Norte em foco” e é composto por 29 capítulos; e o terceiro volume é denominado “Desenvolvimento na teoria e na prática” e possui 18 capítulos. Sua produção editorial e gráfica demorou dois anos para publicar 124 trabalhos de professores e alunos de doutorado, mestrado e iniciação científica das áreas de humanidades, ciências sociais e ciências econômicas. Os autores pertencem aos quadros de 34 universidades e centros de pesquisa de 17 estados do Brasil e de países como Uruguai e Portugal.

Coleção Pesquisa Auto(biográfica) & Educação – Criada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN), em parceria com a coleção francesa *Auto(biographie) et Éducation*. A coleção é constituída por três séries: Educação; Escritas de Si; e Clássicos das Histórias de Vida. Os trabalhos foram publicados pelas editoras *Téraèdre* (Paris), na França, e *Paulus* (São Paulo) e *EDUFRN* (Natal), no Brasil. A sua linha editorial tem uma “perspectiva intercultural”, ou seja, a coleção publica textos de diversos gêneros, como ensaios, relatos e resultados de pesquisa, desde que ampliem a discussão a partir de abordagens e pontos de vista diferentes.

Segundo Delory-Momberger (2008), Coordenada do projeto na França, a série “Educação” publica as experiências educacionais a partir das histórias individuais. A série “Escritas de Si” publica textos autobiográficos de caráter e/ou interesse acadêmico, com o objetivo de divulgar as trajetórias intelectuais e valorizar a relevância histórico-cultural. Já a Série “Clássicos das Histórias de Vida” reúne obras das Ciências Humanas e Sociais, a partir das diferenças nos olhares sobre os fundamentos teóricos dessas ciências. No Brasil, a Coleção é coordenada pelos professores Maria da Conceição Passegi e Elizeu Clementino de Souza, ambos do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFRN). A série foi publicada na

gestão do Prof. Herculano Ricardo Campos na EDUFRN. O editor foi Francisco Alves da Costa Sobrinho e juntas, as três séries publicaram 16 títulos dentro da coleção (foto 31).

Foto 31 - Volumes da Coleção Pesquisa Auto(biográfica) & Educação



Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Cadernos do LINC – Coleção criada pelo Grupo de Pesquisa Linguagens da Cena (LINC), do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Sua linha editorial sinaliza para divulgar textos acadêmicos e ensaios sobre a área de artes. Nasceu com pretensões de circular semestralmente e prioriza as temáticas imagem, cultura e representação. Ao assinar a apresentação do primeiro número da Coleção, Beigui (2008, p. 7), o Coordenador do LINC, assinala que os textos discutem a teoria e a prática dessa área de conhecimento. A coleção acolhe, também, a produção dos discentes. O número 2, da LINC, divulgou sete artigos e uma entrevista.

4.2 PUBLICAÇÕES E AUTORES PIONEIROS

Mapear o passado editorial da EDUFRN nos levou a crer que chegaríamos à primeira obra publicada pela Imprensa Universitária. Entretanto, nessa pesquisa ainda nos contentamos com os “indícios.” Conforme documentos e lembranças de quem trabalhou na IU, os primeiros impressos da Editora foram o Relatório do reitor Onofre Lopes da Silva, relativo ao exercício 1962 e o Boletim Universitário v. 1, n. 1,

editado pelo Diretor de Educação e Cultura, Prof. Edgar Ferreira Barbosa, ambos no ano de 1963. Órgão de divulgação da Universidade, o Boletim Universitário foi criado por meio da Resolução n. 14/63-CONSUNI.

Depois disso, talvez a primeira obra publicada pela Imprensa Universitária tenha sido o “Discurso de Paraninfo”, de Floriano Cavalcanti de Albuquerque, saudando os conluientes da 5^a Turma de bacharéis da Faculdade de Direito da UFRN. Pelo conteúdo, “Discurso de Paraninfo” se tornou uma obra didática adotada, durante algum tempo, pelo curso. Contendo 30 páginas, o discurso foi proferido para a “Turma da Paz,” no dia 07 de março de 1964 (MELO, 1994, p. 27). Na época, era habitual em Natal a publicação de textos classificados como “discursos”, “saudações”, “relatórios”, “peças teatrais”, “cartas” e “diários de viagem”. Justificava-se, alegando-se a destinação pública do conteúdo, além da facilidade em imprimir as obras mediante a presença de muitas gráficas na cidade.

Contentamo-nos com esses dados indiciários, principalmente por não haver na Editora e nem na BCZM uma prova sequer da primeira obra publicada pela Imprensa Universitária. O único registro mais abrangente, Catálogo EDUFRN 2002-2004, produzido na gestão do Prof. Enilson Medeiros dos Santos, também não faz alusão a essas informações, pois se atem a produção editorial a partir de 1980. Outro documento que nos subsidiou nessa garimpagem, foi “Memória do livro potiguar”, do pesquisador Manoel Rodrigues de Melo (1994). Seu conteúdo acabou se tornando uma publicação memorialística da produção editorial do Rio Grande do Norte.

4.3 OLHARES E SENTIDOS PARA ESSA PRODUÇÃO

J.L. Borges (2008, p. 22) é bastante preciso quando indaga os sentidos que o livro possa vir a ter: “[...] ? *Qué son las palabras acostadas en un libro? ? Qué son esos símbolos muertos?* Ele mesmo responde: “[...] *Nada absolutamente.?* *Qué es un libro si no lo abrimos? Es simplemente um cubo de papel y cuero, con hojas, pero si lo leemos ocurre algo raro [...]*”.

Por isso, tirar essa produção editorial da obscuridade ou simplesmente trazê-la à tona não nos basta. É preciso entendê-la como uma ação do homem e, como tal,

os significados que possa ter. Inicialmente, debruçamo-nos sobre o conjunto de publicações que emergiu de nossa investigação, na perspectiva analítica documental, de Gil (2006), escolhendo, como orienta Franco (2008, p. 51), documentos que mais nos ajudassem a atingir os nossos objetivos. Elegemos as notas jornalísticas, os registros e ou resenhas dos Boletins Universitários, Jornais Universitários que encontramos, publicados entre 1963 a 1980.

Mapeada a produção categorizamo-la, considerando a objetividade com que se constrói as explicações científicas. Aristóteles (2010) sinaliza que o pensamento objetivo, científico, se organiza em categorias reais e distintas, a partir de parâmetros, como objeto, espaço, tempo, número e causalidade. Para Bardin (1977, p. 117), categorizar nada mais é que “[classificar] elementos constitutivos de um mesmo conjunto, por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento”. As categorias, segundo a autora,

[...] são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1977, p. 117).

A categorização foi, pois, o caminho para construirmos uma representação quantitativa do que mapeamos como publicação científica relativa aos primeiros 18 anos da EDUFRN. Usando o critério da semântica (BARDIN, 1997, p. 117-118), fixamo-nos, apenas, na análise dos conteúdos dos enunciados dos títulos e temas que diferenciam essa literatura publicada pela Editora. Aplicamos, então, a categorização por gênero literário, a mesma adotada por Costa (1992) posto que

[...] o critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que signifiquem ansiedade ficam agrupados na categoria ‘duplas ansiedade’, enquanto que os que signifiquem a descontração, fiquem agrupados ficam agrupados sob o título conceitual ‘descontração’), sintático [...], o léxico [...] e expressivo (BARDIN, 1977, p. 117-118).

Vale salientar que essa categorização nada mais é do que a “representação do que foi mapeado pela pesquisa, repassando ao leitor / observador / usuário o máximo de informação quantitativa, para que sobre ela possam ser aplicadas

pertinências qualitativas" (BARDIN, 1977, p. 45). Daí ter sido necessário acrescentar-lhes mais um critério, (a categoria 6, conforme Quadro 8), denominada, por nós, obra memorialística. Trabalhamos, por conseguinte, com as seguintes categorias (quadro 8):

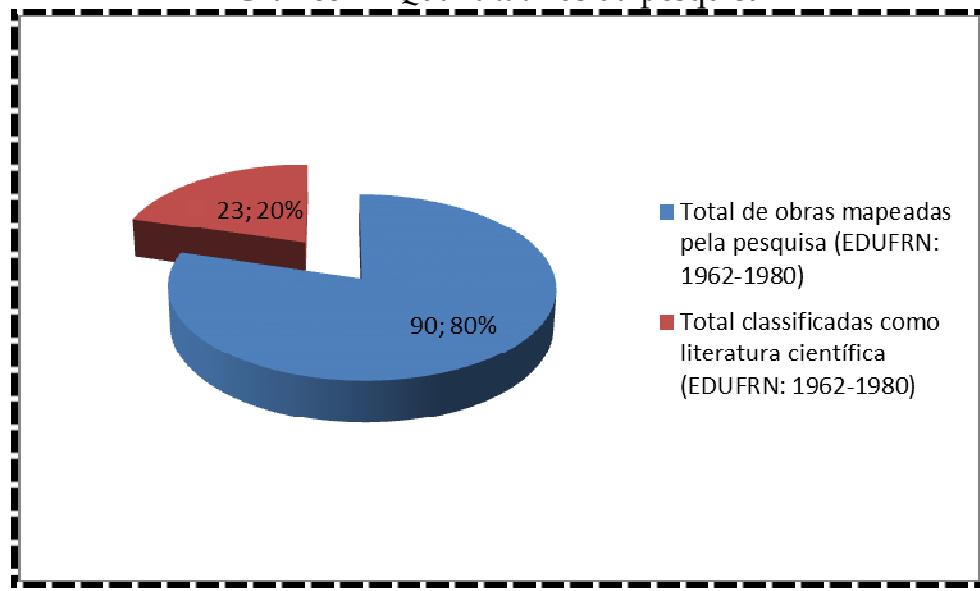
Quadro 8 - Categorias adotadas pela pesquisa para análise do documento livro da EDUFRN

Representação das categorias criadas pela pesquisa	Denominação das categorias
1	Discursos
2	Documentos
3	Biografias
4	Literatura de ficção e poesia
5	Literatura científica
6	Obra memorialística

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

Com base nessas categorias aplicadas na coluna 2 do quadro acima, interpretamos os dados quantitativos referentes aos resultados conquistados com a análise documental, de Gil (2006) e chegamos ao seguinte resultado:

Gráfico 1 - Quantitativos da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa (2012)

Uma breve leitura qualitativa sobre esses números nos leva a inferir que a menor parte do que foi publicado se enquadra como divulgação da informação a qual Kuramoto (2006, p. 91) considera "[...] o insumo básico para o desenvolvimento

científico e tecnológico de um país". Isso significa que apenas 20%, ou seja, $\frac{1}{5}$ dos conteúdos que circulam no livro publicado pela IU/EDUFRN, nos primeiros 18 anos da Editora, provém de pesquisa científica. Logo, podemos afirmar que a Imprensa / EDUFRN manteve-se num permanente duelo em exercer a função para a qual foi criada - editar livros científicos e produtos culturais - pois atendia muito mais a demanda de serviços gráficos da Universidade.

Trata-se de uma leitura adversa aquela que o Prof. Edgar Ferreira Barbosa alimentava o noticiário informativo institucional. O discurso informativo e opinativo do meio de comunicação institucional transmitia sempre posição afirmativa a respeito do que era publicado e sobre os resultados editoriais. Aliás, não se sabe se 'propositadamente ou não' não fazia parte do discurso textual do Prof. Edgar os dados e os detalhes da produção editorial da época. Não havia distinção entre a publicação científica e a cultural dos demais impressos, como documentos, relatórios e outros. O Boletim Universitário de 1965 reflete esse entendimento, vez que os resultados destacam a quantidade e não a classificação dos produtos publicados:

[...] no decorrer de 1964 e já nos primeiros dias de 1965 a Imprensa Universitária, não obstante a exquidez do espaço em que se acha instalada, tem se destacado pela sua incessante atividade tanto na confecção do material de expediente necessário a todas as unidades da URN, como também na edição de livros, jornais, boletins e revistas. Nada menos de 20 publicações saíram das oficinas da Imprensa em 1964 [...] (BOLETIM..., 1965, p. 43).

Entretanto, construir dados a respeito de nosso objeto exigiu clareza, de nossa parte, sobre o que é literatura científica. Para Targino (1999), é aquela cujo conteúdo resulta de pesquisa científica ou as informações são provenientes de um processo de pesquisa. Nos dois casos, trata-se de um conhecimento que envolve o uso de teorias e a aplicação de métodos científicos. O livro científico é, portanto, um meio, suporte ou veículo para difusão exclusiva da informação científica.

Analizando, ainda, amiúde os números do relatório da edição n. 1, do Boletim de 1965, verificamos que 1964 fora um ano mais produtivo no aspecto gráfico do que no editorial, porque o saldo editorial é de três livros científicos publicados: Exercícios de Português do CIAT, sem autor, Nomenclatura Prostodôntica, de Solon Galvão

Filho, e Folk-música natalense, de Veríssimo de Melo (1964). Os conteúdos dessas obras tratam de estudos ou resultam de pesquisas, ou seja, são informações científicas, conforme Barreto (1996, p. 57), “[...] um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo social”.

Em 1967, quando a IU apresentou um saldo de 23 publicações, apenas oito são classificadas, por nós, como obras científicas. Todavia, extrapolando a análise da semântica dos títulos, Bardin (1977), nos fez acreditar que houve uma ‘alta produtividade’ da Imprensa Universitária. Para tanto, consideramos outros elementos do contexto em que ocorreu o trabalho. Vimos que o modo operacional da época, o que inclui a composição de originais, diagramação do texto, montagem da arte-final do livro e a fotolitagem da arte, exigia mais tempo na preparação e impressão gráfica das obras. Entretanto, não se pode desconsiderar que em seus primeiros 18 anos, mesmo se destacando nos noticiários internos da UFRN e discursos institucionais, pela quantidade de materiais que produziu, o que menos a IU/Editora publicou foi produção científica.

Não obstante, algumas obras da literatura científica da Imprensa Universitária causaram forte impacto no meio acadêmico. É o caso de Nomenclatura Prostodôntica (GALVÃO FILHO, 1964), um dos primeiros trabalhos de pesquisa da área de Odontologia no Rio Grande do Norte. Os sentidos e significados atribuídos a essa obra nortearam a sua trajetória editorial.

Lançado no dia 24 de março de 1965, em solenidade no Gabinete do Reitor, o livro repercutiu dentro e fora do Estado. Publicado por solicitação da Acadêmica Brasileira de Prótese Dentária, foi considerado por especialistas estrangeiros, “[...] como uma das mais úteis e originais sobre o assunto,” conforme descreve o n. 2-3 do Boletim Universitário de 1965. Nomenclatura Prostodôntica (GALVÃO FILHO, 1964) foi adotada por diversas instituições superiores de ensino e somente a Faculdade de Odontologia da USP adquiriu 50 exemplares (BOLETIM..., 1965, p. 41). Registra o mesmo Boletim que as oficinas da Imprensa Universitária lhes dera “[...] bôa apresentação gráfica.”

São, portanto, exemplos de diferentes significados para uma mesma obra. O primeiro refere-se às informações veiculadas pelo livro e o segundo à tecnologia

aplicada para a confecção do suporte da informação. Destacamos isso porque a nossa pesquisa considerou igualmente importante a categorização objetiva e as especificidades editoriais técnicas das obras publicadas (formato, volume de páginas, design gráfico, criação da capa, ficha técnica, apresentação da obra) dentre outros, para dar um novo sentido ao livro publicado pela Imprensa / EDUFRN: o de artefato de memória. Como diria Capurro e Hjorland (2007), esses novos sentidos atribuídos pelo homem podem interferir, diretamente ou indiretamente, no ambiente social.

Dessas leituras a respeito do resultado alcançado pela pesquisa e dos mais variados sentidos que o livro científico publicado pela EDUFRN possa ter, ressaltamos que mesmo sabendo que “[...] os livros não mudam o mundo,” como adverte Caio Graco (2009), é dever das editoras públicas universitárias produzir meios, como livros e ou revistas científicas, para fazer circular o conhecimento gerado nas instituições públicas de ensino superior (IES) entre a comunidade de pesquisadores e a sociedade em geral.

Do ponto de vista do uso social da informação científica, as editoras públicas universitárias públicas devem ser, essencialmente, agentes de divulgação da C & T. Nessa perspectiva, Albagli (1996) e Targino (1999) advertem que socializar o conhecimento é importante porque aceita-se, *a priori*, que o conhecimento reformula conceitos, reconfigura espaços, desenvolve meios para a evolução humana e pode ressignificar o próprio homem. Nessa mesma linha, Cassirer (1986) e Caio Graco (2009) fazem coro ao modo de enxergar o livro como portador de algo que transforma: a informação: Os livros, diz Graco (2011), “[...] mudam as pessoas que transformam o mundo,” e Cassirer (1986, p. 11) complementa nessa mesma direção: “[...] é o saber que se propõe abarcar e esgotar o conjunto das coisas, satisfazendo essa pretensão pouco a pouco”.

Inferimos, então, que apesar da sua duplidade de funções nos primeiros dezoito anos de funcionamento, a IU/Editora Universitária da UFRN divulgou ciência; que as obras classificadas como ‘literatura científica’ veicularam informações que podem ser usadas para auxiliar o desenvolvimento econômico, político e social dos norte-rio-grandenses.

4.4 HÁ MEMÓRIAS NAS COLEÇÕES ?

Desencavar esse passado editorial da Editora Universitária da UFRN a partir das coleções publicadas exigiu-nos localizá-las e reler os registros informacionais como se fossem vestígios de memórias sobre o assunto. Na verdade, fez-se uma releitura de cada vestígio, um procedimento científico conforme Changeux (citado por LE GOFF, 1996, p. 424). Ele nos diz que “[...] o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”.

Entre as 17 coleções mapeadas nesta pesquisa elegemos reconstituir e recuperar registros referentes às Coleção Talento & Polêmica; Coleção Metafísica; Coleção História Potiguar e Coleção Pesquisa Auto(biográfica) & Educação. Os registros estudados aqui atêm-se ao aspecto da divulgação científica, papel central da Editora e objeto de nossa investigação.

Na Coleção Talento & Polêmica, José Bezerra Gomes (2008, p. 19) expressa os agradecimentos às suas fontes, a respeito do material que recebeu sobre a vida do poeta potiguar Ferreira Itajubá, ao narrar a tessitura desse volume, fornece subsídios para a própria re(consituição) desse fazer editorial e, assim, passa a ser fonte de informação sobre esse fazer editorial. O seu conteúdo traz minúcias sobre os procedimentos investigativos, registra fontes que não se encontram mais entre os vivos, narra o acesso aos arquivos públicos e pessoais e guarda a memória de quem cuidou do aspecto gráfico da edição. Na descrição, Gomes (2008) fez questão de registrar, por exemplo, que “o fotógrafo João Alves de Melo fez a reprodução e o serviço gráfico da E.F.C., fez a impressão dos retratos que ilustram o presente trabalho” (GOMES, 2008, p. 19). Nessa mesma página, Gomes dá os indícios de como adquiriu informações para escrever a obra:

Meus agradecimentos a Henrique Castriciano, Deolindo Lima, João Estevam, Luiz Thaumaturgo, Luiz Leopoldo e Dona Florêncio Ferreira de Medeiros, pelas informações que me deram sobre a vida do poeta, assim como a Clementino Câmara e Luís da Câmara

Cascudo, pondo à minha disposição, o primeiro, a conferência que, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, leu em torno da “vida accidentada, boêmia e pintoresca e artística do Poeta”, e, o último, a sua *História da Literatura Norte-Rio-Grandense*, inédita, sem me esquecer, ainda, da solicitude encontrada por parte da Associação de Praticagem, da Diretoria do Colégio Estadual e do Tabelião do 1º Cartório Judiciário, tudo nesta capital, facilitando-me os respectivos arquivos, para as buscas empreendidas na reconstrução da vida de Ferreira Itajubá. A viúva de Ponciano Barbosa me emprestou uma coleção do *Potiguar*, revista da Oficina Literária Lourival Açucena, da qual fez parte Itajubá. Francisco Apolônio Fernandes também me emprestou um exemplar da *Polianteia*, publicada em 30 de julho de 1916, em memória do poeta, “por um grupo de intelectuais, seus patrícios e admiradores no saudoso quatriênio de sua morte” (GOMES, 2008, p. 19, grifo do autor).

E documenta, ainda:

[...] Este volume reproduz fielmente o texto da edição de 1944, com a indispensável atualização ortográfica e a recolocação das Notas, originalmente agrupadas ao final de cada capítulo, visando a facilitar sua leitura (GOMES, 2008, p. 21).

As informações cunhadas por Macedo e Bauchwitz (2007, p. 7), organizadores da Coleção Metafísica, na apresentação do número *Estudos de Neoplatonismo* (EDUFRN, 2007), suscitam algumas inferências a respeito das coleções da EDUFRN. Delas, é possível vislumbrar como essa prática informacional atendeu à necessidade de expansão da divulgação científica e tecnológica na UFRN, num determinado período. Ao se testemunhar, por escrito, a publicação de conteúdos apresentados num encontro de pesquisadores da metafísica, realizado em outubro de 2004, na cidade de Salvador, Estado da Bahia (Brasil), vê-se que, para eles, a Coleção Metafísica contemplava os objetivos almejados pela divulgação científica da UFRN, praticada por sua editora: “[...] oferece-se ao estudioso da filosofia a possibilidade de se aproximar ao pensamento neoplatônico e ter conhecimento das pesquisas desenvolvidas nesse âmbito no Brasil” (MACEDO; BAUCHWITZ, 2007, p. 7).

Igualmente importante é o registro do sociólogo norte-rio-grandense Itamar de Souza (2008, p. 21-23), no título *A República Velha no Rio Grande do Norte*, pertencente à Coleção História Potiguar. Na introdução, ele traça um “amplo painel do Rio Grande do Norte”, e diz que precisou ler “[...] todas as Mensagens dos

Governadores, toda a legislação, a bibliografia local sobre o período, assim como os jornais da época".

Todavia, confere-se nos textos explicativos, nas apresentações, um objetivo comum à maioria das coleções: a preocupação em tornar o conhecimento algo circulante, cada vez mais acessível ao leitor, extrapolando, inclusive, os limites geográficos do leitor brasileiro. É o que se vê no prefácio da professora Conceição Passegi à edição em língua portuguesa, da Coleção Pesquisa Auto(biográfica) & Educação, número 1, produzida em parceria com a editora francesa Téraèdre:

Biografia e Educação, de Christine Delory-Momberger, abre a coleção brasileira Pesquisa Autobiográfica & Educação, lançada pela PAULUS e EDUFRN, simultaneamente ao lançamento pela Téraèdre, em Paris, da coleção francesa Biographie et Éducation. Essas duas coleções acompanham o movimento internacional de uma área consolidada, no Brasil, pelos Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto) Biográfica - I CIPA (PUCRS/2004), II CIPA (UNEB/2006), III CIPA (UFRN, 2008). Pesquisa, publicações, colaborações entre grupos de pesquisa, diversificação da investigação científica e congressos testemunham a vitalidade dessa área e o interesse que ela desperta. Biografia e Educação contribuirá decisivamente para a reflexão e o debate entre os pesquisadores atentos às escritas de si mesmos e às aprendizagens que nelas e a partir delas se realizam, em ambientes formais e à margem deles, nas quais se enlaçam histórias humanas ao longo da vida (PASSEGI, 2008, p. 20).

Por conseguinte, a reconstituição dessas memórias permite-nos vislumbrar fatos que ocorreram no passado editorial desses 31 anos de coleções da EDUFRN. Não há excesso nem pecado nisso, quando se sabe dos milagres que a memória faz, conforme atesta Dinarte Mariz, na Coleção Memória Viva (MARTINS, 1986, p. 9):

Sei dos milagres e das maravilhas que faz a memória na preservação e guarda do passado, através da tradição oral, das lendas, das histórias, dos versos, das cantorias, do folclore, das crônicas e dos livros. Li, certa vez, que aquele que recolhe e conta lembranças de uma longa vida deve, em primeiro lugar, perguntar a si mesmo: que me aconteceu de extraordinário? Mas nada que acontece é ordinário. Tudo é maravilha na vida, a começar pela própria vida.

4.5 ONDE ESTÃO AS MEMÓRIAS DOCUMENTADAS DA EDUFRN

Ao publicar centenas de títulos em 50 anos, mesmo sem comprovar, circunstancialmente, quantos e quais foram, a EDUFRN formou um patrimônio, no sentido jurídico de Abreu e Chagas (2003, p. 30), pois “reúne um complexo de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo mais que pertença a uma pessoa e ou empresa e seja susceptível de apreciação econômica”. Desse ponto de vista e no sentido de Nora (1993, p. 7), passamos a enxergá-la como mais “um lugar de memória,” ou um dos “palácios” de memórias, como nos fala Santo Agostinho (2008, p. 218), onde “[...] residem tesouros de imagens que podem vir à tona a partir de diversas percepções, desde que não tenham caído no esquecimento”.

Fustigando os exemplares dos livros publicados entre 1962 e 1980, observando as capas, folheando as páginas de alguns deles, a costura ou colagem das encadernações, vimos que muitos se encontram em condições ‘precárias’ de conservação, ou seja, naquele estado em que Bodei (2004, p. 36) chama de “sinais desbotados e indecifráveis” de memórias. Quando, em alguns momentos de nossa pesquisa foi inevitável pegarmos em documentos históricos, tivemos receio, algumas vezes, em desintegrá-los, dada as condições desses artefatos memorialísticos.

Porém, quando, em 1969, o Prof. Edgar Ferreira Barbosa saudou o primeiro lançamento coletivo de livros da Imprensa Universitária da UFRN, proferindo “esses documentos são testemunhos dos que viveram e sentiram muito de perto o fato histórico de origem, estruturação e desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Norte”, não presumira o que viria a acontecer com a memória documentada da IU/EDUFRN.

Escritos, alguns à mão, com caligrafia “caprichada”, outros já datilografados, aqueles documentos em papeis amarelado pelo tempo e se desmanchando em pedaços, são os preciosos registros que temos de uma atividade e de uma época que não voltarão, a não ser nas lembranças de quem os vê, manipula as “provas” desse passado e de quem se dispõe a recuperá-los e a interpretá-los, como fizemos nesse estudo, conforme Miranda e Simeão (2003, p. 199) nos aconselha: usando-os

efetivamente, subtraindo-lhes informações contidas, retirando dos documentos indícios para reconstituirmos parte das memórias da Editora.

O estado “de frangalhos” em que se encontra parte dos documentos encontrados no arquivo do DP/UFRN, deixou claro, para nós, ser comum numa investigação documental que nem tudo que você procura acha, nem tudo que tem valor está conservado. Mas, também nos força a lembrarmos que desde a revolução francesa, o Estado tem a incumbência de conservar documentos; que papéis do passado são importantes para essa sociedade que se organiza à base de informação.

Jardim (1995) nos diz que na sociedade informacional qualquer documento, se conservado e preservado, será sempre um suporte repleto de memórias e, uma vez que a memória está presente na ordem do dia, como sinaliza Meneses (1999, p. 12), ora como tema de estudo, ora como suporte para os “processos identitários,” alertamos, então, para a condição precária em que se encontram os documentos memorialísticos da Editora. Fazemos isso porque enxergamos que neles estão os sinais de quando, onde, como e porque essa história começou.

Como forma de contribuir para uma ação que venha a alterar esse estado em que os portadores de memória da EDUFRN se encontram, apresentamos a localização e a quantidade do que restou da produção editorial da EDUFRN, referente aos 18 anos iniciais da Editora (quadro 9).

Quadro 9 – Localização das obras e exemplares por acervo

Título /Assunto/Páginas	Autor	Acervo onde se encontra a obra	Quantidade de exemplares
Dois Ensaios de História	Luís da Câmara Cascudo	BCZM/UFRN, disponível para consulta e no acervo especial. Biblioteca do Centro Regional do Ensino Superior - CERES /UFRN/Caicó	05
Imagens do tempo	Edgar Barbosa	BCZM/UFRN	07
O Verdadeiro Cabo de São Roque	Geraldo Fernandes de Oliveira	BCZM/UFRN	04
CRUTAC – Uma edificação na mente e nos corações humanos	Veríssimo de Mélo	BCZM/UFRN	01
Pensamento em férias	Ascendino Henriques de Almeida Júnior	BCZM/UFRN	04

Dentro do século	Ivanaldo Lopes	BCZM/UFRN	04
Economia e promoção	João Wilson Mendes d de Melo	BCZM/UFRN	03
Notas avulsas sobre o CRUTAC	Nilo Pereira	BCZM/UFRN	01 Não disponível para empréstimo
Gregos e latinos	Esmeraldo Siqueira	BCZM/UFRN	03
Contribuição para o estudo bromatológico da fruta pão	Genário Alves Fonsêca	BCZM/UFRN	04
O tempo e eu	Luís da Câmara Cascudo	BCZM/UFRN	10
Xarias e canguleiros	Veríssimo Pinheiro de Melo	BCZM/UFRN	06
Lua 4 vêzes sol (60 p)	Diógenes da Cunha Lima	BCZM/UFRN	05
Letras de França (150)	Esmeraldo Siqueira	BCZM/UFRN	02
Comemorações do décimo aniversário de Fundação da UFRN.	Onofre Lopes da Silva e et al.	BCZM/UFRN, na Coleção Especial	01
Pequeno Manual do Docente Aprendiz	Manual. Autor: Luís da Câmara Cascudo;	BCZM/UFRN	04
Imagens do Ceará-Mirim	Nilo Pereira	BCZM/UFRN	03
Lira de Poti (140)	Antônio Soares de Araújo Filho	BCZM/UFRN	03
Na ronda do tempo	Luís da Câmara Cascudo	BCZM/UFRN	04
Ontem: maginação e Notas de um professor de província	Luís da Câmara Cascudo	BCZM/UFRN, na Biblioteca do Centro Regional de Ensino Superior - CERES /UFRN/Caicó e na Biblioteca da Escola Agrícola de Jundiaí	12
Bernardo Vieira de Melo e a guerra dos Bárbaros	Tarcísio Medeiros	Centro Regional do Ensino Superior - CERES /UFRN/Caicó	01 Não disponível para empréstimo
Antídio de Azevedo: Poeta e trovador (56)	Antônio Soares de Araújo Filho	BCZM/UFRN	02
Engajamento da Ciência e da tecnologia no desenvolvimento regional	José Dion de Melo Teles	BCZM/UFRN	03
Antologia do Padre Monte (314)	Jurandyr Navarro	BCZM/UFRN e em outras bibliotecas da UFRN	11 Disponíveis de várias edições
Sertaria	Nivaldete F. Xavier	BCZM/UFRN	04 Apenas dois disponíveis para empréstimo
Berilo Wanderley	Luís Carlos Guimarães e outros	BCZM/UFRN	04 Apenas um disponível para empréstimo

Fonte: Dados da Pesquisa (2012).

A partir das condições em que se encontram os documentos históricos da EDUFRN somos levados a constatar a fragilidade da gestão de documentos e de gestão da informação na instituição⁴⁰.

A grosso modo, nos atrevemos a dizer que as condições de tais provas documentais da atividade editorial científica ferem os conceitos e padrões do que se conhece por arquivo, no país, e está fora de qualquer propósito do que seja “gestão da informação”. Transmitido pelos gregos para as civilizações de língua latina, *archivum* significava poder, comando e autoridade. Para o Arquivo Nacional (BRASIL, 2006, p. 100), a gestão da informação é algo mais amplo do que a gestão de arquivos, porque abarca a “[...] administração do uso e circulação da informação, com base na teoria ou ciência da informação.” A partir de princípios, os processos e procedimentos relativos à aquisição, organização, controle, disseminação e uso da informação passam a facilitar a vida das organizações de todos os tipos e, assim, subsidiam tomadas de decisão e garantem a salvaguarda da memória.

A mantenedora dessa massa documental pesquisada, ou seja, a própria UFRN, poderia justificar que os documentos são “pouco usados e utilizados”. Entretanto, tal argumento não se sustenta, pois o valor desses papéis/documentos reside no conteúdo que eles carregam e, de certa forma, aprisionam. Nora (1993) nos mostra, por exemplo, a dimensão de preservá-los: “[...] a memória verdadeira se transforma em uma memória arquivística, devido ao volume gigante do estoque material que nos é impossível de lembrar”. Associamo-nos, então, a Azevedo Netto e Oliveira (2007, p. 28) quando proclamam que “[...] mesmo ocorrendo transformações, é possível trabalhar na contemporaneidade os artefatos, uma vez que esse olhar se dirige, imediatamente, para o objeto recuperado, ou seja, algo que tem sua materialidade definida dentro do presente”.

⁴⁰ Traduzido do inglês “records management”, “gestão de documentos”, “administração de documentos” ou “gestão documental” é, na tradução de Santos, Innareli e Sousa (2009, p. 190) da definição da ISSO 15489-1:2001, para o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (BRASIL, 2005): [...] Campo da Administração, responsável pelo controle eficiente e sistemático da criação, recepção, manutenção, uso e destinação de documentos, incluindo processos para capturar e preservar evidência de e informação sobre atividades e transações registradas.

Diante da falta de zelo, de conservação e de preservação do material memorialístico, procedimentos que afetam a permanência do patrimônio público e da memória social, chamamos a atenção dos gestores dessa instituição pública universitária, quanto à guarda desses artefatos.

4.6 UM NOVO SENTIDO PARA O LIVRO CIENTÍFICO DA EDUFRN

Na perspectiva da Ciência da Informação (CI), o livro é visto como um suporte informacional que se apresenta sob formatos diferentes e porta vários códigos linguísticos que, interpretados, fomentam significados a ponto de impactarem o meio social e provocarem mudanças (CAPURRO; HJORLAND, 2007).

Foto 32 – Letras de França (1969)



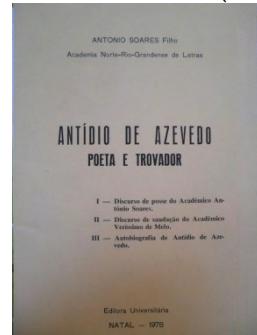
Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Foto 33 – O tempo e Eu (1969)



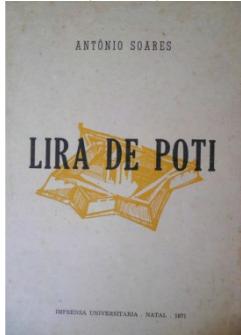
Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Foto 34 – Antídio de Azevedo: poeta e trovador (1978)



Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Foto 35 – Lira de Poti (1971)



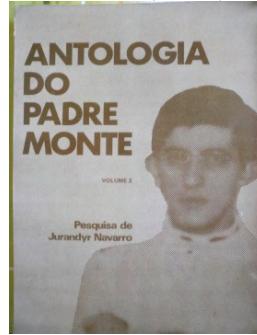
Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Foto 36 – Lua 4 vêzes Sol (1968)



Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Foto 37 – Antologia do Padre Monte (1979)



Fonte: Dados da Pesquisa (2011).

Portanto, tenha ele o formato e o conteúdo que tiver, é um objeto físico portador de informações que fazem o homem ressignificar o seu meio. Porém, ao tratar-se do livro científico publicado pela EDUFRN, um produto editorial custeado, na maioria das vezes em sua totalidade, por recursos públicos, ou seja, um bem cultural impregnado de informações, entendemos que além de suporte de informação é um artefato material constituído impregnado de memórias pertencente à sociedade.

Fundamentamos essa visão em autores, como González de Goméz (2009), para quem a informação (os enunciados) e os objetos informacionais (os enunciadores) se transformam em saberes, ações e, por isso, se instauram enquanto objetos/artefatos informacionais. A autora nos mostra, também, que qualquer artefato está amparado no tempo e no espaço e isso nos leva a inferir que o objeto do nosso estudo, a produção científica publicada pela EDUFRN, num determinado intervalo de tempo, mantém uma ação relacional com a fase ou período em que fora publicada e, também, com o local e o lugar onde foi produzida.

Embasamo-nos, também, em Azevedo Netto e Oliveira (2007, p. 28), os quais veem “[...] os artefatos como elementos de memória e de identidade da cultura popular carregados em si mesmos de informações fortes, capazes de uma decifração”. Tais autores reconhecem que “esses objetos trazem em si mesmos a capacidade de caracterizar uma existência social, documentando esse fazer” (AZEVEDO NETTO; OLIVEIRA, 2007, p. 30).

Como Higounet (2003, p. 10) chama a atenção para o fato de que mesmo vivendo “os séculos da civilização escrita” ainda são raros os estudos sobre o objeto livro; como constatamos a ausência de estudos relativos à produção científica da Editora Universitária da UFRN, buscamos, então, pelas informações contidas nas páginas amareladas, nas capas semirrasgadas, nos dorsos enrugados, nos colofões das obras mapeadas. Os livros-documentos mapeados, aqui inclusas as revistas e as coleções científicas, “serviram para reforçar, enfraquecer [...] completar o que sabíamos”, por meio das notícias dos boletins, das decisões das resoluções, das determinações das portarias, enfim, de quaisquer fontes que nos remetessem aos fragmentos de memória dessa produção editorial (HALBWACHS, 2006, p. 29-14).

Assim, descobrimos que a obra Voz Geral, do estudante, à época, Ney Leandro de Castro, não foi publicada pela IU, como noticiara Edgar Ferreira Barbosa no Boletim ano IV, n. 1, 1966. Manuseando um exemplar no acervo Coleções Especiais Autores do RN, na BCZM/UFRN, constatamos que a mesma é uma edição da Rumos Editorial, conforme consta da capa. Por isso, dissemos que nessa investigação, eles, os livros-documentos se apresentaram, por si mesmo, como uma prova histórica, afirmaram-se como um testemunho “*escrito*” dessa sua história editorial.

Um levantamento de datas de impressão, locais e quantidade de páginas e autores, do conteúdo informacional impresso, enfim, dos elementos pré-textuais e textuais presentes em cada obra publicada, como ficha técnica, ficha catalográfica, colofão, nos possibilitaram construir novas informações a respeito desse objeto. Elaboramos, por exemplo, um quadro sobre as publicações de um determinado período, recuperando outras informações até então escondidas, esquecidas ou afastadas do presente. Dessa forma, o próprio suporte (objeto físico livro) porta/transporta registros da atividade editorial científica de uma época da IU/EDUFRN. Virou, nessa pesquisa vestígios e suportes dessa memória. Tornou-se, então, documento histórico, passou a ser, segundo Fragoso (2009, p. 17) entende, “registros de memória que fazem a história”.

Enxergando, assim, podemos dizer que cada obra da EDUFRN guarda um presente-passado do que já foi publicado e que o passado, ao ser reconstituído por meio das lembranças, das informações e dos registros, passará a ter, novamente, o que Santo Agostinho (2008, p. 273) considera um “tempo presente,” ou seja, um valor até então desconhecido.

Dessa forma e por acreditarmos, como Borges (2008, p. 22), que “[...] los libros estan cargados de pasado,” [e esse passado pode nos revelar o que esses objetos já foram e o que poderão vir a ser] grifo nosso, passamos a tê-lo como artefato da memória da produção editorial científica da Editora.

5 CONSIDERAÇÕES

O memorialismo - que é a história de cada um – será um itinerário das lutas do espírito à procura de alguma coisa que muitas vezes não está ao alcance das nossas mãos ou da nossa precária filosofia que se rende, tímida, diante das estrélas, até onde não chegamos senão pela força do sonho igual à do amor (PEREIRA, 1978, p. 131).

Historicamente, a Editora Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN) surgiu no Estado, em 1962, ante a explosão da informação. Criada para divulgar a produção científica e a cultura da Universidade, há meio século vive o conflito em atender às necessidades gráficas da Universidade e publicar obras científicas e culturais. Formou um patrimônio editorial sem, no entanto, organizar um memorial sobre sua trajetória.

Ausente das historiografias oficiais da Universidade, o seu cinquentenário, em 2012, chamou a atenção da instituição. A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), *Memória da produção editorial científica da EDUFRN: 1962-1980*, subsidiou uma releitura sobre essa unidade editorial e abriu uma perspectiva para se debater o assunto. Afinal, 40 anos depois do professor e memorialista, Edgar Ferreira Barbosa, divulgar duas listas com a produção da Editora, somente agora voltam à cena informações sobre as obras publicadas nos primeiros 18 anos.

Passamos a olhar para a memória do que foi publicado no passado, pela Editora, e colocamos no lugar das perguntas iniciais de nossa investigação as nossas descobertas. Mas, a poeira do tempo que se assenta sobre as obras publicadas 50 anos atrás somente foi levantada graças a presença de alguns documentos em arquivos da UFRN e em acervos particulares. Assim, atos administrativos e decisões políticas ressurgiram de dentro de arquivos, foram desengavetados. Papéis amarelados, mal conservados, ganharam a função de testemunhos históricos. O primeiro lançamento de livro da Imprensa/Editora Universitária, os primeiros equipamentos gráficos, a composição do quadro técnico, as duas primeiras listagens de obras publicadas, a repercussão nacional de uma obra científica, tudo passou a ter um novo sentido depois dessa investigação.

A massa documental que desencavamos trouxe com a sua cor, o seu cheiro, a sua densidade, protagonistas desse passado, como Geraldo Batista de Araújo, Airton de Castro e Francisco Guilherme de Santana, até então esquecidos, para o presente.

Nesse percurso, foi inexorável partilharmos dos esconderijos das memórias documentadas, adentrarmos nos sentidos subjacentes do que fora registrado, como forma de reavivarmos as lembranças, de obtermos provas dessa epopéia editorial pública científica. Tudo, sem perder de vista os ensinamentos do filósofo espanhol, Baltasar Gracián (2011, p. 34),: “[...] as verdades mais importantes se exprimem sempre por meias palavras”.

Sem a pretensão da soberba, demos o significado de **artefato memorialístico da produção editorial da EDUFRN** ao livro científico publicado pela Editora, vez que ele expressa parte do pensamento, da tecnologia e da criatividade de um grupo social de uma determinada época. Daqui por diante não mais o veremos da mesma forma, e sim como prova de uma realidade que o cercou, a síntese de um tempo no qual ele foi projetado, incluindo as motivações para ser elaborado e um modo específico de fazê-lo.

Gratificou-nos saber que no conflito diário entre imprimir papelaria e editar livro científico, a Editora ainda pode apresentar um resultado relativo a obras científicas. Entendemos, a partir desse estudo, que o livro científico da EDUFRN, a difusão da informação científica, a Editora Universitária da UFRN e a Universidade têm um imbricamento histórico e uma relação contextual permanente; que o acesso à informação e o direito à memória social das instituições públicas também é um direito social.

Vimos, a partir das (re) significações e da produção de sentido, pela ótica do discurso publicado, que a EDUFRN é mais que uma produtora de um suporte informacional. É, também, produtora de texto (discurso) o qual guarda, sobretudo, a memória de outros textos que ficariam na prateleira se não fossem publicados. Mais que isso: descobrimos que a Editora Universitária da UFRN tornou-se, sobretudo, um espaço de salvaguarda da memória da ciência produzida na UFRN, posto ter sido publicada.

Inegavelmente, os resultados dessa pesquisa nos colocam diante de novas problemáticas, como: - Não seria, também, papel das editoras públicas universitárias pensarem e criarem instrumentos para preservação dessa memória, no sentido de salvaguardar essa produção científica, já que o livro publicado por essas editoras é veículo mediador de informações científicas advindas das pesquisas? E, assim, salvaguardar a memória da produção (publicação) editorial científica?

Outra sugestão diz respeito ao tratamento adequado aos livros científicos da EDUFRN, enquanto artefatos de memória. O fato de serem custeados, na maioria das vezes ou em sua totalidade, por recursos públicos transforma – os, também, em patrimônio cultural público e isso cria a possibilidade de mais visibilidade e novos espaços e reconfiguração a eles, incluindo a do diálogo deles com o presente. Em suma, a constituição de uma reserva técnica das obras da EDUFRN dentro dos padrões técnicos vigentes da Arquivologia e da Documentação, mas com acesso aberto ao público, para visitação e fonte de pesquisa.

Enxergamos, também, que o conteúdo informacional aqui apresentado sob a forma dissertativa, advindo das evocações de memórias e re-interpretações de informações, propicia um amplo inventário dessa atividade editorial, desde temas / assuntos e áreas de conhecimento editadas; gêneros de autores e pesquisadores publicados; tiragens, edições, reimpressão e esgotamento de obras. Isso pode gerar a confecção de um novo produto editorial, com caráter memorialístico: um catálogo dos 50 anos da produção editorial da EDUFRN. Esse novo artefato memorialístico deverá constar, também, de um futuro Centro de Memória Social, em implantação na UFRN.

Essas são as contribuições de nossa pesquisa: suscitar outras questões que ensejem novos projetos. Nossa desejo é que as informações da pesquisa sirvam para redirecionar o tratamento dos artefatos memorialísticos da Editora, estimulem um novo olhar sobre o passado da EDUFRN, vendo-o, inclusive, como um aliado valioso na construção do que a atividade editorial científica da EDUFRN poderá vir a ser daqui por diante.

Particularmente, sentimos a sensação do dever cumprido, visto termos partido de uma problemática para a qual apresentamos, agora, um conhecimento a respeito

do assunto estudado. Tomamos contato com passado editorial longínquo e passamos a dar-lhe um novo uso no presente, um novo destino. Recriando-o, passamos a interferir no futuro desse artefato.

Estamos conscientes de que as respostas aqui apresentadas ainda vão ser vistas com outros olhos, pelos inquietos, porque o homem, no mais profundo sentido da palavra *homos*, é assim. Não está satisfeito com o que vê a sua frente, com aquilo que há diante de si. Ele quer além, criar e ultrapassar os objetos criados por ele como se ele, o homem, fosse um feixe de luz. A mesma luz que o guia e o ilumina a querer ver tudo em todas as dimensões.

Mesmo assim, cremos ter contribuído para que a sociedade saiba o que foi feito há muito pela Editora, e assim sobre ela debruçar um novo olhar. Afinal, o conjunto da produção livresca da EDUFRN nada mais é que um patrimônio cultural da sociedade norte-rio-grandense. Por fim, nada mais fizemos que re(consituirmos) memórias e construímos novas memórias dessa produção editorial científica, como o fez o professor, jurista e jornalista potiguar, Edgar Ferreira Barbosa, há 47 anos.

Fazemos fé que dessa atitude aflorem outras pesquisas nessa temática e se concretizem os avanços científicos sonhados pela Ciência da Informação (CI) em prol da sociedade, como a guarda dessa memória para a garantia da transmissão dessa herança cultural às gerações que estão por vir. Se não o fizéssemos correríamos o risco de sermos acometidos pela desagradável sensação descrita por Bodei (2004, p. 35-36): “[...] a melancolia que se apodera de quem contempla as ruínas das memórias e dos afetos alheios ou o acúmulo de símbolos repudiados que permanecem para testemunhar vidas, fés e situações passadas”. E, sem duvidarmos de Silva (2011, p. 15), para quem [...] pesquisar é fazer vir à tona o que se encontra, muitas vezes, praticamente na superfície do vivido.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Ci. Inf.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez. 1996.

ALMEIDA, Maria Doninha de; OLIVEIRA, Vilma Queiroz Sampaio F. de. **O sentido das competências no projeto político pedagógico**. Natal: EDUFRN, 2002. (Coleção Pedagógica).

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação**. Gênero, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2002.

ARAÚJO FILHO, Antônio Soares de. **Antídio de Azevedo**: poeta e trovador. Natal: Editora Universitária da UFRN, 1978.

_____. **Lira de Poti**. Natal: Imprensa Universitária da UFRN, 1971.

ARAÚJO, Eduardo Henrique Silveira de; MARTINS, Themis Lima Fernandes; ARAÚJO, Virgínia Maria Dantas de. **Dias climáticos típicos para o projeto térmico de edificações em Natal**. Natal: EDUFRN, 1998. (Coleção Saber & Ciência).

ARAÚJO, Geraldo Batista de. **Lembranças**. Natal: RN econômico, 2006.

_____. **Minhas memórias sobre a imprensa universitária**. In: MESA REDONDA: 50 ANOS DE EDUFRN. UFRN, 2011. Relato Oral.

ARISTÓTELES. **Categorias**. Tradução José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Martin Claret, 2010. (A obra prima de cada autor).

AROSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Florianópolis: EDUSC, 2006.

ASSIS, Machado. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: _____. **Obra completa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Minicurso Informação e patrimônio cultural. A representação através do patrimônio cultural material e imaterial. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÉNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, jul. 2010.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal de Freire. Artefato como elemento da história e identidade. In: FECHINE, Ingrid; SEVERO, Ione (Org.). **Cultura Popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

AZEVEDO, Paulo Roberto Medeiros. **Modelos de regressão linear**. Natal: EDUFRN, 1997. (Saber & Ciência).

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília: Liber Líder Editora, 2004.

BARBOSA, Edgar Ferreira. **Imagens do Tempo**. Natal: EDUFRN, 1966.

_____. Título da nota. **Boletim Universitário da UFRN**, Natal: Imprensa Universitária, ano I, n. 1, 1963.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos e serviços da informação. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewFile/466/425>> Acesso em: 01 fev. 2011.

_____. Uma história da ciência da Informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

BAUCHWITZ, Oscar Federico; BONACCINI, Juan Adolfo; ALVES, Daniel Durante Pereira; SILVA, Markus Figueira da. **Ontologia e história**. Coleção Metafísica. Natal: EDUFRN, 2009.

BEIGUI, Alex. Apresentação. **Cadernos do LINC**, Natal: EDUFRN, v. 2. 2008.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Da gênese à função: o documento de arquivo como informação e testemunho. In: FREITAS, Lídia Sílvia de; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Orgs.). **Documento: gênese e contextos de uso**. Niterói: EdUFF, 2010.

BODEI, Remo. **Livro da memória e da esperança**. Bauru: EDUSC, 2004.

BOLETIM UNIVERSITÁRIO DA UFRN. Natal: Imprensa Universitária, ano 1, n. 1, mar., 1963.

_____. Natal: Imprensa Universitária, ano 1, n. 2, set., 1963.

_____. Natal: Imprensa Universitária, ano 2, n. 1, mar., 1964a.

- _____. Natal: Imprensa Universitária, ano 2, n. 2, 1964b.
- _____. Natal: Imprensa Universitária, ano 3, n. 1, 1965.
- _____. Natal: Imprensa Universitária, ano 4, n. 1, mar., 1966.
- _____. Natal: Imprensa Universitária, ano 5, n. 1, mar., 1967.
- _____. Natal: Imprensa Universitária, ano 6, n. 1, jan./mar., 1968a.
- _____. Natal: Imprensa Universitária, ano 6, n. 3, jul./out., 1968b.
- _____. Natal: Imprensa Universitária, ano 1, n. 1, jul./out., 1969.
- BONACCINI, Juan Adolfo. **História e problemas**. Natal: EDUFRN, 2006. (Coleção Metafísica).
- BORGES, Jorge Luis. **Borges oral**. Madrid: Alianza editorial, 2008.
- BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: BATISTA, Sofia Galvão; MULLER, Suzana Pinheiro Machado (Orgs.). **Profissional da Informação**: o espaço de trabalho. Estudos avançados em Ciência da Informação, v. 3. Brasília: Thesaurus, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. **O poder simbólico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. Obras culturais e disposição culta. In: BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp/Zouk, 2003. p. 69-111.
- _____. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: 1996.
- BRANT, Leonardo. **Mercado cultural**. São Paulo: Escrituras Editoras, 2002.
- BRASIL. Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações Técnicas, 51).
- _____. **Modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos**. 2006. Disponível em: <http://www.CONARQ.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?info_id=174&sid=47> Acesso em: 23 maio 2011.

BRASIL. Presidência. Decreto n. 62.493, de 1º de Abril de 1968. Aprova o Plano de Reestruturação da Universidade Federal de Pernambuco. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 02 abr. 1968. Seção 1, p. 2658.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2011.

BRITTO, Paulo Henriques. Poesia e memória. In: PEDROSA, Célia. **Mais poesia hoje**. Rio de Janeiro. Editora 7 Letras, 2000.

BRONOWSKI, Jacob D. **As origens do conhecimento e da imaginação**. Brasília: UNB, 1997.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico no Brasil. Os desafios de uma longa trajetória. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (Org.). **Difusão e cultura científica: alguns recortes**. Salvador: EDUFBA, 2009.

_____. **Jornalismo científico no Brasil**: os compromissos de uma prática dependente. 1984. Tese (Doutorado)- Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. São Paulo: Edusp: Com-Arte; Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991.

_____. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**. 15. ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP; FAPESP, 1999.

CAMILO, Camila; NICOLIELO, Bruna. Relacionar cidades do passado e do presente. **Nova Escola**: a revista de quem educa, São Paulo: Fundação Vitor Civita, Ano XXVI, n. 248, dez. 2011.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARVALHO, Kátia de et al. **Travessia das letras.** Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O livro das velhas figuras.** Natal: EDUFRN, 2002. v. 7.

_____. **O Tempo e eu.** Natal: Imprensa Universitária, 1969.

CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. Em vez de trevas, luzes. **História viva:** especial Idade média, São Paulo: Ediouro Duetto, n. 32, 2011.

CASSIRER, Ernest. **El problema del conocimiento en la filosofía y en la ciencia modernas.** México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

_____. **La philosophie des formes symboliques.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1986. Tome 2.

CASTRO, Marize. **O silencioso exercício de semear bibliotecas.** Natal: Una, 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In: _____. **Pesquisa quantitativa epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. (Artes de fazer).

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente da. **Relatório sintético e diagnóstico dos 41 anos da editora universitária da UFRN.** Natal: Editora Universitária da UFRN, maio, 2003.

COSTA, Maria de Fátima Dantas da Costa. Produção universitária do livro, cultura de elite ou indústria cultural? 1992. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação Social)– Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves et al. **Les fondements de la discipline archivistique.** Québec: Presses de l'Université du Québec, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Apresentação. In: DELORY-MOMBERGER, Christine; PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa auto(biográfica) & educação:** figuras do indivíduo projeto. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, 2008. v. 1.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2006.

DESCARTES, René. **Discurso do método:** meditações. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2011.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica:** memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.

ESPÍNDOLA, Lucienne. **A entrevista:** um olhar argumentativo. João Pessoa: EDUFPB, 2004.

FARIAS, Fábio. **Areia, água e palavras:** Mossoró, um país feito de livros. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/rumos/webreportagem/index.htm>>. Acesso em: 01 set. 2011.

FAVIER, Jean. **Les archives.** Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)Invenção do Lugar:** os Rosados e o País de Mossoró. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Imaginário político e território:** o imaginário nacional desenvolvimentista no Rio Grande do Norte, Natal: EDUFRN, 1997.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FERNANDES, David. **UFPB 50 anos.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-memória:** modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise do conteúdo.** 3. ed. Brasília: Liber livro editora, 2008.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes.** Tradução Eric Nepomuceno. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GALVÃO FILHO, Solon. **Nomenclatura prostodôntica.** Natal: Imprensa Universitária da UFRN, 1964.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2006.

GOMES, José Bezerra. **Retrato de Ferreira Itajubá:** apresentação. Natal: EDUFRN, 2008. (Coleção Talento & Polêmica).

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A informação no pensamento contemporâneo: aproximações à teoria do agir comunicativo de Habermas. In: **Desafios do impresso ao digital:** questões contemporâneas de informação e conhecimento. BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vânia Ribiero (Orgs.). Brasília: IBICIT: UNESCO, 2009.

GONZÁLEZ, José Antônio Moreiro. **Conceptos introductorios al estudio de la información documental.** Salvador: EDUFBA; Lima (Peru): Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005.

GRACIÁN, Baltasar. **A arte da prudência.** Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2011.

GRACO, Caio. **Boletim eletrônico da Associação Brasileira das Editoras Universitárias.** Disponível em: <www.abeu.org.br>. Acesso em: set. 2009.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fábio Assis. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (O.R.C.). In: Comunicação apresentada no GT-2 do VII ENANCIB, Marília, São Paulo, 2006.

GURGEL, Tarcísio. **A memória viva de Onofre Lopes.** Natal: EDUFRN, 2007.

_____. Nota explicativa. In: MELO, Manoel Rodrigues de. **Memória do livro potiguar:** apontamentos para uma bibliografia necessária. Natal: EDUFRN, 1994.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total:** uma pedagogia dos meios de comunicação. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALLEWELL, Lourence. **O livro no Brasil:** sua história. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** 10. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário de filosofia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação,** v. 25, n. 2, 1995.

JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia e patrimônio cultural**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A Memória evanescente: documento e história. In: KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves de (Orgs.). **A escrita da memória: interpretações e análises documentais**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 2, maio/ago. 2006.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; ORTEGA, Cristina Dotta. Uma abordagem contemporânea do documento na Ciência da Informação. In: SALES, Rodrigo de; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. (Orgs.). **Cenários da organização do conhecimento: linguagens documentárias em cena**. Brasília: Thesaurus, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Edson Nascimento de. **Editora e comunidade universitária: proposta de integração através do marketing aplicado em organizações sem fins lucrativos**. 2011. Monografia (Especialização em Gestão Universitária)– Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora SENAC, 2011.

MACEDO, Monalisa Carrilho de; BAUCHWITZ, Oscar Frederico. Apresentação. In: _____ (Orgs.). **Estudos de neoplatonismo**. Natal: EDUFRN, 2007. (Coleção Metafísica).

MARQUES NETO, José Castilho. As editoras universitárias cumprem papel único. **Revista ABEU**, n. 7, p. 14-15, set. 2011.

MARTINS FILHO, Plínio. **Livros, editoras e projetos**. São Paulo: Atelier Editoria; Bartira Editora, 1997.

MARTINS, Carlos Lyra (Org.). **Memória viva de Dinarte Mariz**. Natal: EDUFRN, 1986.

_____. **Memória viva de Onofre Lopes**. Natal: Editora Universitária da UFRN, 1985.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

MATHIEU, Jacques; CARDIN, Martine. Jalons pour le positionnement de l'archivistique. In: **La place de l'archivistique dans la gestion de l'information: perspectives de recherche**. Montreal: Université de Montreal, 1990.

MEDEIROS, José Roberto Bezerra de. Apresentação. In: CAVALCANTI, Floriano. **Antônio Marinho: esboço biográfico e crítico**. Natal: EDUFRN, 2008. (Coleção Talento e Polêmica).

MELO, José Veríssimo de. **Folk-música natalense**. Natal: Imprensa Universitária, 1964.

_____. **Síntese Cronológica da UFRN -1958-1988**. Natal: Imprensa Universitária, 1991.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Memória do livro potiguar: apontamentos para uma bibliografia necessária**. Natal: EDUFRN, 1994.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 11-29.

MIGUEL, Salim. **Variações sobre o livro**. São Paulo, Editora da UFSCar, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: _____. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Métodos qualitativos e quantitativos: oposição ou complementaridade? **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo: Edusp; Companhia das Letras, 1997.

MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira (Org.). **Ciência da Informação: Teoria e Metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003.

MONDIN, Battista. **Os valores fundamentais**. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia. Bauru: EDUSC, 2005.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

MURGUÍA, Eduardo Ismael. Documento e instituição: produção, diversidade e verdade. In: FREITAS, Lídia Silva de; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Orgs.). **Documento:** gênese e contextos de uso. Estudos da Informação. Niterói: EdUFF, 2010. v. 1.

NAVARRO, Jurandyr. Um pouco de universidade. **Tempo Universitário:** Revista de Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 6, n. 1, jan./jun. Natal, 1980.

NEWTON JÚNIOR, Carlos (Org); TRIGUEIRO, Edja B. F.; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; MELO, Paulo de Tarso Correia de (Orgs.). **Portal da memória:** universidade federal do Rio Grande do Norte: 1958-1998, Brasília: Editora Senado Federal, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khouri. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História,** São Paulo: PUC, n. 10, dez., 1993.

OLIVEIRA, Andréa Carvalho. Direito à memória das comunidades tradicionais: organização de acervo nos terreiros de candomblé de Salvador, Bahia. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 2, maio/ago., 2010.

OLIVEIRA, Bernardina Juvenal Freire de. **José Simeão Leal:** escritos de uma trajetória. João Pessoa, 2009. Tese (Doutorado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal da Paraíba, 2009. 2 v.

_____. Minicurso patrimônio cultural bibliográfico. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, jul. 2010.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico.** São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães; SANTANA, Glessa Celestino de. A Coleção Mossoroense engendrando o registro de memória científica de uma região. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: IBICT, 2011.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Revisão de textos:** da prática à teoria. Natal: EDUFRN, 2010.

OTLET, Paul. **El Tratado de Documentation:** el libro sobre el libro: teoría y práctica. Traducción María Dolores Ayuso García. Murcia: Universidad de Murcia. 1996. Disponible en:
[<http://lib.ugent.be.fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_Documentation_ocr.pdf>](http://lib.ugent.be.fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_Documentation_ocr.pdf). Acesso em: 15 nov. 2011.

PAÍN, Sara. **Subjetividade e objetividade.** Relação entre desejo e conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

PASSEGI, Maria da Conceição. In: DELORY-MOMBERGER, Christine. **Pesquisa Auto(biográfica) e Educação:** figuras do indivíduo projeto. Prefácio à edição em língua portuguesa. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008. (Pesquisa Auto(biográfica) e Educação, 1).

PEDROZA, Sylvio. **Discurso de posse na acadêmica norte-riograndense de letras.** Natal, 1966.

PENA-RUIZ, Henri. **Grandes lendas do pensamento.** Tradução Marcelo Rouanet. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

PEREIRA, Francisca Sirleide. **Um olhar sobre a editora:** relatório. Natal, 1996.

PEREIRA, Nilo. **Lembranças de Edgar Barbosa.** Natal: Editora Universitária da UFRN, 1978.

PIRES, Meira. **Alberto Maranhão e o seu tempo (1872-1944):** ensaio. Natal: Divisão de Cultura da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1963.

PLATÃO. **O banquete Platão.** Tradução Albertino Pinheiro. 3. ed. Bauru: Edipro, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PUGLIESE, Gabriel. A aurora de uma antropologia moderna. **Ciências Sociais:** ler e saber, Bauru: Alto astral editora, ano 1, n. 1, abr./mai., 2012.

QUEIROZ, Geraldo dos Santos. Apresentação. In: MELO, Manoel Rodrigues de. **Memória do livro potiguar:** apontamentos para uma bibliografia necessária. Natal: EDUFRN, 1994.

RÊGO, José Ivonildo do. UFRN 50 ANOS: comemoração e resgate editorial. In: CAVALCANTI, Floriano. **Antônio Marinho:** esboço biográfico e crítico. Coleção Talento e Polêmica. Natal: EDUFRN, 2008.

REVISTA HISTÓRIA VIVA. São Paulo: Ediouro Duetto Editorial. Especial Idade Média, n. 32, 2011.

REVISTA TEMPO UNIVERSITÁRIO. Natal: Imprensa Universitária, v. 6, n. 1, 1980,

REZENDE, Antônio Paulo; DENIS, Antônio de Mendonça Bernardes; ARAÚJO, Gilda Maria Lins de. **EDUFPE 50 ANOS: históricas e perspectivas.** Recife: Editora da UFPE, Coleção Vozes da UFPE, 2006. v. 4.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RIO GRANDE DO NORTE. Lei estadual n. 145, de 06.08.1900. In: PIRES, Meira.

Alberto Maranhão e seu tempo (1872-1944). Natal: Edição da Divisão de Cultura da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1963.

ROSADO, América; ROSADO, Vint-un. **Dicionário do pioneirismo de Vint-un.** Mossoró: Coleção Mossoroense, 1993. (Coleção Mossoroense, 826).

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura Souza. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados,** São Paulo, v. 2, n. 2, mai./ago., 1988.

SANTOS, Vanderlei Batista dos; INNARELLI, Humberto Celeste; SOUSA, Renato Tarçiso Barbosa de (Orgs.). **Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento.** 3. ed. Distrito Federal: SENAC, 2009.

SARACEVIC, Tefko. Interdisciplinay nature of information science. **Ciência da Informação,** v. 24, n. 1, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SILVA, José Dionísio. **Modelo conceitual de informações gerenciais para instituições federais de ensino superior.** Natal: EDUFRN, 1999. (Coleção Saber & Ciência).

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer:** como fazer textos acadêmicos sem ter medo da ABNT e da CAPES. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

SOUZA, Aluísio Viana de. **Os jornalistas e a divulgação da produção do conhecimento científico:** análise da prática da atividade do jornalismo científico, a partir dos processos da ciência. 2003. 93 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)- Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SOUZA, Itamar de. **A república velha no Rio Grande do Norte.** Coleção História Potiguar. Natal: EDUFRN, 2008.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica na sociedade tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 31, p. 71-98, jan./jun. 1999.

THIESEN, Icléia. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp., jan./jun., 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

UFC. **Editora da Universidade Federal do Ceará**. Disponível em:
<www.editora.ufc.br> Acesso em: 09 nov. 2011.

UFPE. **Catálogo de publicações da editora universitária da Universidade Federal de Pernambuco – 1955 a 2005**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

UFRN. **Catálogo 2003-2004**: editora universitária da UFRN. Natal: EDUFRN, 2003.

_____. **Comemorações do décimo aniversário de fundação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. Natal: Imprensa Universitária, 1969.

_____. Estatuto da UFRN 1968: presidência da república. **Boletim Universitário**, Natal: Imprensa Universitária, ano 6, n. 3, out. 1968.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2010-2019)**. Natal: Editora Universitária, 2010.

_____. **Portaria n. 107/Consuni-73**. Natal, 1973.

_____. **Portaria n. 24/r-61**. Natal, 1961.

_____. **Portaria n. 25/r-61**. Natal, 1961.

_____. **Portaria n. 296/r-63**. Natal, 1963.

_____. **Portaria n. 393/r-62**. Natal, 1962.

_____. **Portaria n. 403/r-62**. Natal, 1962.

_____. **Portaria n. 405/r-62**. Natal, 1962.

_____. **Portaria n. 63/r-66**. Natal, 1966.

_____. **Relatório da Administração 1975**. Reitor Domingos Gomes de Lima. Natal: Editora RN Econômico, 1976.

_____. **Resolução n. 034-consuni/81.** Natal, UFRN, 1981.

_____. **Resolução n. 104/consuni-83.** Natal, UFRN, 1983.

_____. **Resolução n. 19/consuni-73.** Natal, UFRN, 1973.

_____. **Resolução n. 63-u/66-u.** Natal, UFRN, 1966.

UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas.** 1994.

Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

VALENÇA, Márcio Moraes; CAVALCANTI, Gilene Moura (Orgs.). **Transformações Urbanas.** Natal: EDUFRN, 2008. (Coleção Globalização e Marginalidade, 1).

VALENTIM, Marta Lígia (Org.) **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação.** São Paulo: Polis, 2005.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosacnaiyf. 2010.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: CONH, G. (Org.). **Max Weber.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2010.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Org.). **Adorno:** o poder educativo do pensamento crítico. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ANEXOS

ANEXO A - Resolução n. 19/73 CONSUNI, de 18 de Abril de 1973 – Assunto: Cria o Conselho Editorial



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

REVOGADA PELA RESOLUÇÃO

Nº. 104/83 CONSUNI, DE 17/11/83.

RESOLUÇÃO N.º 19/73-CONSUNI, de 18 de abril de 1973.

O Conselho Universitário, no uso de suas atribuições legais e estatutárias,
 Considerando o que consta do processo nº
 004215/73;
 Considerando a boa política de produtividade que
 vem norteando o esforço administrativo da U-
 niversidade;
 Considerando a conveniência de se estabelecer
 uma adequada seleção de originais destinados
 à publicação pela Imprensa Universitária;
 Considerando o parecer favorável da Câmara de
 Legislação e Normas,

R E S O L V E

Art. 1º - Fica criado na UFRN um Conselho Editorial, com a atribuição de emitir parecer sobre o valor intelectual de originais, destinados à publicação pela Imprensa Universitária.

Art. 2º - O Conselho Editorial se comporá de 4 (quatro) membros, designados pelo Reitor, e do Diretor da Imprensa Universitária.

§ 1º - O CE se reunirá sob a presidência do Pró-Reitor para Assuntos de Extensão Universitária que será substituído, em suas faltas e impedimentos, pelo Diretor da Imprensa Universitária.

§ 2º - Caberá ao Presidente do CE o voto de desempate.

§ 3º - Os membros do CE serão designados pelo prazo de 2 (dois) anos.

Art. 3º - A presença às reuniões do CE será considerado serviço relevante, não dando direito à percepção de "jeton".

Art. 4º - O CE poderá solicitar o assessoramento de especia-

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

2.

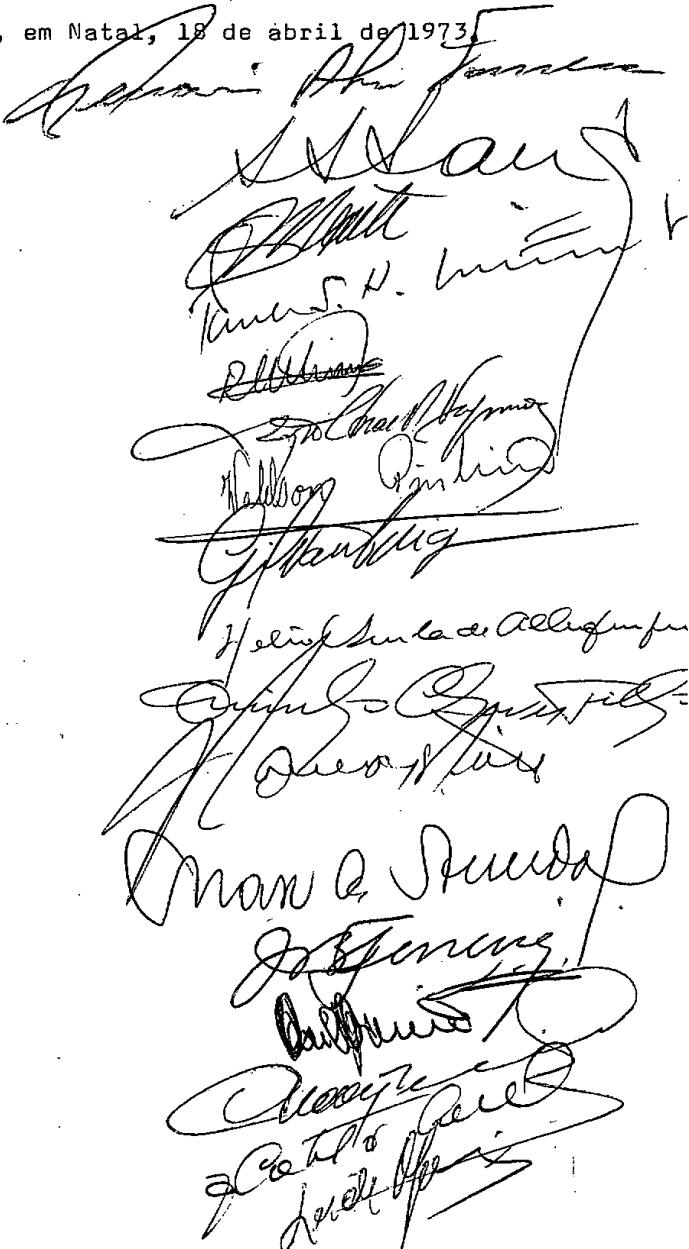
Resolução nº 19/73-CONSUNI, de 18/4/73.

lista, sempre que julgar necessário.

Art. 5º - Os pedidos de publicação serão dirigidos ao Pró-Reitor para Assuntos de Extensão Universitária, acompanhados de informações que possam justificar a publicação - o interesse científico, cultural ou artístico - e de uma previsão de custos.

Art. 6º - Após a audiência do CE, os processos serão submetidos ao Reitor para a decisão.

Sala das Sessões, em Natal, 18 de abril de 1973


/sns

**ANEXO B – Resolução n. 63/66-U, de 26 de Outubro 1966 – Assunto: Autoriza a IU.
a prestar serviços gráficos a terceiros**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO Nº. 63/66-U, de 26 de outubro de 1966.

O Conselho Universitário, no uso de suas atribuições legais e estatutárias,
considerando o que consta do Proc. nº 8964/66,

R E S O L V E

Permitir que a Imprensa Universitária desta Universidade preste serviços de clicheria a terceiros, mediante reembolso.

Sala das Sessões, em Natal, 26 de outubro de 1966.

Presidente do Conselho

Emrajd H. de Souza
Paulo Henrique Alves

ANEXO D – Portaria n. 017/97-DAP, de 25 de março de 1997



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE RECURSOS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL**

Portaria nº 017/97-DAP, de 25 de março de 1997.

**A DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
DE PESSOAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
NORTE**, usando da atribuição que lhe confere a Portaria nº 326-R, de
03.06.83, e considerando o que consta no processo nº 23077.003599/97-35,

R E S O L V E

Designar **ALVA MEDEIROS DA COSTA**, Técnico em Artes Gráficas, matrícula nº 5737-1, do Quadro de Pessoal da Universidade, para responder pela função de Coordenador Administrativo, FG-03, da Editora Universitária, a partir de 28 de janeiro de 1997, até a publicação em D.O.U. de sua designação como titular.

Reitoria, em Natal, 25 de março de 1997.

Alva Me
Lucimar Cortês de Arruda Carrizo
DIRETORA DO DAP

ANEXO E - Listagem da produção editorial da Editora Universitária da UFRN (1962 a março de 2012)



Títulos	Autor	Estoque (dados 2009)	Ano
Berilo Wanderley: depoimentos, poemas e crônicas	Luís Carlos Guimarães e outros	esgotado	1980
Alípio e Oscar Bandeira: uma informação biográfica	Jerônimo Vingt-un Rosado Maia	esgotado	1981
Estruturalismo desmistificado	Tom O. Miller Jr	esgotado	1981
Ferreira Itajubá	Francisco das Chagas Pereira	esgotado	1981
Quem protegerá a sociedade	Jurandyr Navarro	esgotado	1981
Eloy de Souza	Francisco das Chagas Pereira		1982
Natal, poemas e canções	Diógenes da Cunha Lima	esgotado	1982
Cartas de um sertanejo	Eloy de Sousa	10	1983
A evolução do setor agropecúario do RN entre 1950 e 1979	Dominique Simone Colombel		1985
Discografia da música popular brasileira	Grácio Barbalho	esgotado	1985
Othoniel Meneses	Águeda Mousinho Zerôncio	esgotado	1985
A estratégia do paternalismo na parceria	Maria do Nascimento Bezerra	esgotado	1987
Cultivo experimental de camarões penaeídeos	Natanael Rodrigues de Melo Filho		1987
Economia das secas	Otto de Brito Guerra e Terezinha de Queiroz Aranha	esgotado	1987
História política- administrativa da agricultura do RN	Hermano M. F. Lima e Denise M. Takeya	esgotado	1987
Homem de bem comum	Joaquim Ignácio de Carvalho Filho		1987
O maquinista de algodão e o capital comercial	Maria do Livramento Miranda Clementino	36	1987
Relações estruturais da oferta de produtos alimentares / RN		esgotado	1987
Diabetes e gravidez: interações metabólicas	Jorge Cavalcanti Boucinhas	esgotado	1988
Eros oprimido	Diva Cunha	esgotado	1989
História da evolução da psiquiatria do RN	Joaquim Elio Ferreira da Silva	esgotado	1989
Vida e morte do nordestino	Otto de Brito Guerra	esgotado	1989
Danças folclóricas	Deífilo Gurgel	esgotado	1990
A Música através dos tempos	Oriano de Almeida	esgotado	1991
Língua portuguesa: ensino e prática	M ^a José Fernandes Diniz e M ^a do Socorro Costa	esgotado	1991
Métodos e técnicas de pesquisa		esgotado	1991
História do ensino farmacêutico do RN	Maria Célia Ribeiro Dantas de Aguiar	esgotado	1992
O vôo do pássaro azul	Maria Carriço	esgotado	1992
A História que não foi contada	Paulo Rangel e Rubem Rocha Filho	34	1993
A primitologia no Brasil - Vol. 4	Org. M ^a Emilia Yamamoto e M ^a Bernardete Cordeiro de Souza	esgotado	1993
Almino Affonso, O Poeta	Dorian Gray Caldas	esgotado	1993
Memória da Escola de Serviço Social	Eliezer Camilo Gouveia	esgotado	1993

O Traço, a cor e o mito	Dorian Gray Caldas	esgotado	1993
Osvaldo Amorim: uma instituição e um cronista do Vale do Assu	Terezinha de Queiroz Aranha e outros	esgotado	1993
André e suas histórias	André Felipe	esgotado	1994
Folhetim cordial da guerra em Natal...	Paulo de Tarso Correia de Melo	esgotado	1994
Introdução ao xangô, umbanda e mestria Jurema	Raul Lody e Wani F. Pereira	esgotado	1994
Perfil do estudante adolescente potiguar	Dalvaci da Conceição Pinheiro Moraes	esgotado	1994
Revista da cidade	Berilo Wanderley		1994
Romanceiro de Alcaçus	Paulo de Tarso Correia de Melo	esgotado	1994
Roteiro ilustrado de parasitologia	Carlos Alberto Moreira Campos	400	1994
Sintaxe portuguesa e léxico básico de literatura	Eulicio Farias de Lacerda	353	1994
Construindo o seu lugar	Eunádia Silva Cavalcante e Verônica Maria Fernandes de Lima		1995
De Carlos Magno e outras histórias: cristãos e mouros no Brasil	Marlyse Meyer		1995
Diálogo de conflito	John Kinsella	250	1995
Encantados: lendas & mitos do Brasil	Dorian Gray Caldas	esgotado	1995
Europa, França e Ceará	Denise Monteiro Takeya	esgotado	1995
Grandes projetos hídricos do Nordeste	Norma Felicidade Valêncio	41	1995
Jorge Amado: romance em tempo de utopia	Eduardo de Assis Duarte		1995
Leitura, literatura e redação	Crisan Siminéia e outros.	124	1995
Manoel Rodrigues de Melo : biografia	Terezinha de Queiroz Aranha e Cláudio A. Pinto Galvão	esgotado	1995
Modernismo anos 20 no RN	Humberto Hermenegildo de Araújo	esgotado	1995
Nísia Floresta: vida e obra	Constância Lima Duarte	esgotado	1995
Tecnologia dos pós	Uílame Umbelino Gomes	68	1995
A Educação brasileira e a tradição marxista	Oswaldo Hajime Yamamoto	175	1996
A fronteira amazônica	Cristina Bonfiglioli Apuzzo e Beatriz Maria Soares Pontes	24	1996
A Geografia no espaço tempo	Maria Leda Lins Guimarães	esgotado	1996
A Ilha barataria e a ilha Brasil	Carlos Newton Júnior	esgotado	1996
As relações estéticas no cinema eletrônico	Pedro Nunes Filho	62	1996
Contracanto	Jarbas Martins		1996
Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar	José Antonio Spinelli	esgotado	1996
Poço. Festim. Mosaico	Marise Castro	esgotado	1996
A primitologia no Brasil Vol. 6	M. B. C. Souza e A.L.L. Menezes	esgotado	1997

Ensaio da complexidade	Edgar Morin e outros	esgotado	1997
Ensaio poético	Francisco Ivan	esgotado	1997
Estão mortas as fadas	Marly Amarilha	esgotado	1997
Extensão universitária	Maria das Graças Medeiros Tavares		1997
Fauna potiguar	Adalberto Varela Freire	esgotado	1997
La formación de conceptos científicos	Isauro Beltrán Nuñez e Otmara González Pacheco	48	1997
Literatura e província	Manoel Onofre Jr.	esgotado	1997
Madeiras nativas	José Elias de Paula e José Luiz de Hamburgo Alves	esgotado	1997
O boneco mamulengo	Lídia Brasileira	132	1997
Odontologia preventiva e social	Curso de Mestrado em Odontologia Social da UFRN	2	1997
Patologia básica	Leão Pereira Pinto e outros	esgotado	1997
Poemas, cajaranas e carambolas		esgotado	1997
Política educacional no Projeto Nordeste	Antonio Cabral Neto		1997
Regras de futvolei	Jair da Silva Santos Júnior	19	1997
Semi-árido	Gildete de Figueiredo e Terezinha Queiroz Aranha		1997
Tópicos em linguística de texto e análise de conversação	Ingedore V. koch e Kazue Saeto M. de Barros	esgotado	1997
A mata submersa	Peregrino Júnior		1998
A venda retirada	Francisco Sobreira	38	1998
Aids e representações sociais	Denise Jodelet e Margot Madeira		1998
Corpus, discurso e gramática	Organização: Maria Angélica Furtado da Cunha	esgotado	1998
Dramaturgia da cidade dos reis magos	Sônia Maria de Oliveira Othon	90	1998
Economia e promoção na história social	João Wilson Mendes Melo		1998
Fábula-fábula	Sanderson Negreiros		1998
Futebol: álbum	Newton Navarro	20	1998
Introdução ao estudo da História	João Wilson Mendes Melo	esgotado	1998
Lugar de estórias	Bartolomeu Correia de Melo	esgotado	1998
Na ronda do tempo	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	1998
O outro lado do aprender	Maria do Rosário de Fátima de Carvalho		1998
O tempo e eu	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	1998
Obras reunidas: romances	José Bezerra Gomes		1998
Ontem : memórias	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	1998
Pequeno manual do doente aprendiz	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	1998

Província 2 – Cascudo – 1968	Editora da UFRN / Fundação José Augusto Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte		
Psilinha cosmo de caramelos	Nivaldete Ferreira	esgotado	1998
Recife, cultura e confrontos	Raimundo Araaes	4	1998
Retratando a criança e o adolescente	Keila Brandão Cavalcanti e Maria das Graças de Menezes Venâncio Paiva		1998
Romances de Alcaçus	Paulo de Tarso Correia de Melo	esgotado	1998
Scriptoria 1	bMarcos Falchero Falleiros	14	1998
Teoria intuicionista	John A. Fossa	28	1998
A medicina popular	Iaperi Araújo	esgotado	1999
A Poesia maneirista Portuguesa	Zenóbia Collares Moreira	12	1999
A sexualidade do adolescente norte-rio-grandense	Dalvaci da Conceição Pinheiro Morais	62	1999
Adolescência e leitura	Maria do Socorro Azevedo Borba		1999
Ancoragens textuais de navegos	Beteizabete de Brito	51	1999
Caçador de um anjo perdido	Hérverton Duarte	esgotado	1999
De cidade a cidade	Giovana Paiva de Oliveira	esgotado	1999
Distribuição de renda no nordeste	Marconi Gomes da Silva		1999
Encontros e desencontros entre mães e professores	Isabel Cristina Miranda Pinheiro	esgotado	1999
Esteiras da vida	Joel Câmara de Carvalho	esgotado	1999
Historia de Santos Reis	José Melquíades	esgotado	1999
José Augusto Bezerra de Medeiros	Marta Maria de Araújo		1999
Jundiaí no seu cinqüentenário	Rivaldo D'Oliveira		1999
Luis da Câmara Cascudo: depoimentos	Carlos Lyra Martins	esgotado	1999
Malditas defesas morais	Cinara Dantas	esgotado	1999
Médicos de ontem por médicos de hoje	Paulo Davim	esgotado	1999
Metáfrase	Márcio de Lima Dantas	esgotado	1999
Produção textual	Kasue Saito Monteiro de Barros	26	1999
São Rafael	Jô Carvalho e Alexandre Lopes		1999
A construção social da cidade do prazer : Natal	Edmilson Lopes Júnior	esgotado	2000
A dialética em Kant e Hegel	Juan Adolfo Bonaccini	esgotado	2000
A modinha norte-rio-grandense	Cláudio Galvão	4	2000
Canto heróico	Dorian Gray Caldas		2000

Catálogo de documentos manuscritos do RN	Fátima Martins Lopes	16	2000
Cocos – alegria e devoção	Maria Ignez Novais Ayala e Marcos Ayala	115	2000
Complexidade e transdisciplinaridade	Edgar Morin	esgotado	2000
Corporeidade e sensibilidade	Edmilson Ferreira Pires	113	2000
Do meu caderno amarelo			2000
Do mito ao romance	Conceição Flores	esgotado	2000
Educação e leitura	Marly Amarilha		2000
História da maternidade Januário Cicco	Iaperi Araújo	esgotado	2000
Januário Cicco : um homem além do seu tempo	Iaperi Araújo		2000
Materiais cerâmicos: Ciência e Tecnologia	Wilson Acchar	2	2000
O cotidiano escolar e as práticas docentes	Adir Luiz Ferreira	24	2000
Prazer na literatura	João Wilson Mendes Melo		2000
Procedimentos discursivos na fala de Natal	Maria Angélica Furtado da Cunha	esgotado	2000
Responsabilidade intelectual e ensino universitário	Alípio de Sousa Filho	25	2000
Scriptoria 2 : ensaios de literatura	Marcos Falchero Falleiros	esgotado	2000
Yacala	Alberto da Cunha Melo	esgotado	2000
As ciências sociais	Vânia Gico, Antônio Spinelli e Pedro Vicente	esgotado	2001
Estudos filosóficos	Cláudio Ferreira Costa	120	2001
Guerreiros potiguares	Cleantho Homem de Siqueira	60	2001
Modelos de regressão linear	Paulo Roberto Medeiros de Azevedo	14	2001
Nitretação a plasma	Clodomiro Alves Júnior	135	2001
Nostalgia do eterno	Eduardo Cabral de Melo		2001
O cancioneiro de Auta de Souza	Cláudio A. Pinto Galvão	esgotado	2001
O spleen de Natal	Franklin Jorge	441	2001
Oficina pedagógica	Márcia Maria Gurgel Ribeiro e Maria Salomilde Ferreira	esgotado	2001
Permanência poética dos líricos gregos	Franco Maria Jasiello	90	2001
Referências documentárias / bibliográficas	Margareth Régia de Lára Menezes e Ediane Toscano Galdino de Carvalho	esgotado	2001
Um certo louro da pajeú	Alberto da Cunha Melo	28	2001
Vozes do nordeste	Pedro Vicente e Nelson Patriota	esgotado	2001

A Mulher em nove versões	Maria Arisnete Câmara de Moraes	esgotado	2002
Em tempos de contos	Pedro Coelho	esgotado	2002
Guia da cidade do Natal	Manoel Onofre Jr.		2002
Meditações sob os lajedos	Alberto da Cunha Melo	esgotado	2002
O livro das velhas figuras (vol. 8)	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	2002
O Recife revisitado	Edson Nery da Fonseca	152	2002
Obras reunidas: ensaios	José Bezerra Gomes	135	2002
A inclusão escolar do portador da Síndrome de Down	Lúcia de Araújo Ramos Martins	157	2003
Dicionário crítico Câmara Cascudo	Marcos Silva	7	2003
Na direção do relâmpago	Sanderson Negreiros	esgotado	2003
Navegos : a herança	Zila Mamede	esgotado	2003
Zila Mamede: se esse humano dos meus gestos	Ângela Almeida, Marize Castro e Vânia Marinho		2003
1964: aconteceu em abril	Mailde Pinto Galvão	430	2004
A História oficial omite, euuento: mulheres em luta no RN	Maria Rizólete Fernandes	109	2004
A reforma da previdência Social Brasileira	Odilia Sales de Araújo	31	2004
Café filosófico	Ilza Medias de Souza	esgotado	2004
Começou assim... narrações da reforma agrária no RN	Alessandro Augusto de Azevêdo	esgotado	2004
Contraponto atonal	Cleide Dorta Benjamim	232	2004
Havia uma sociologia no meio da escola	Adir Luiz Ferreira	129	2004
Manual do cidadão	Robson Carvalho	esgotado	2004
O Canto Sedutor de Chico Antônio	Gilmara Benevides Costa	74	2004
O psicólogo e a escola	Oswaldo H. Yamamoto e Antônio Cabral Neto	13	2004
Parcerias sociais para o desenvolvimento nacional	RESET - Rede de Estudos	195	2004
Política de educação a distância	Alda Maria Duarte Araújo Castro	esgotado	2004
Presenças matemáticas	John A. Fossa	69	2004
Representações sociais das atividades físicas para trabalhadores da indústria		291	2004
Transporte em tempos de reforma	Enilson Santos e Joaquim Aragão	110	2004
Usina brasileira	João Natal	250	2004
Variações	Francisco Ivan	esgotado	2004
Vingt-un : o Intelectual e o cidadão	José Lacerda A. Felipe	esgotado	2004
Viva a diferença com direitos iguais	Elizabeth Mafra Cabral Nasser		2004
A indagação filosófica	Cláudio F. Costa	260	2005
Assentamentos rurais	Severina Garcia de Araújo	8	2005

Bonecas gêmeas de fino trato	Plínio Faro	esgotado	2005
Chão das almas	Moacyr de Góes	esgotado	2005
Chiclete eu misturo com Banana	Flávia de Sá Pedreira	esgotado	2005
Crônicas de origem	Raimundo Arraes	42	2005
De Narciso a Édipo	José Ramos Coelho	15	2005
Dicionário de língua portuguesa arcaica	Zenóbia Collares Moreira	270	2005
Educação e modernização em Henrique Castriciano	Rosa Aparecida Pinheiro	86	2005
Espaço, cultura e representações	Márcio Moreira Valença e Maria Helena Braga e Vaz da Costa	98	2005
Espaço, políticas de turismo e competitividade	Maria Aparecida Pontes da Fonseca	23	2005
Gestão e financiamento da educação: o que mudou na escola?	Magna França		2005
História da matemática	Arlete de Jesus Brito, Antônio Miguel, Dione Lucchesi de Carvalho e Iran Abreu Mendes	16	2005
Introdução à estatística	Paulo Roberto Medeiros de Azevedo	89	2005
Lógica deôntica paraconsistente	Ângela Maria Paiva Cruz	190	2005
Memórias da campanha: de pé no chão também se aprende a ler	Margarida de Jesus Cortez	82	2005
O Aprender do fazer	Maria Célia Correia Nicolau	esgotado	2005
O arado	Zila Mamede	1570	2005
O Coronel de Macambira	Joaquim Cardoso	2000	2005
O Galo da Torre	Hildeberto Barbosa Filho	211	2005
O Livro das velhas figuras Vol. 9	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	2005
Os bruzundangas	Lima Barreto	1100	2005
Os profissionais de saúde e seu trabalho	Lívia de Oliveira Borges	25	2005
Políticas e gestão públicas	Dinah dos Santos Tinôco e outros	esgotado	2005
Saúde bucal coletiva	Maria Ângela Fernandes Ferreira e outros	17	2005
Zoneamento ecológico-econômico	Anelimo Francisco da Sila		2005
A câmara dos deputados de 1990 a 1998	Alan Daniel Freire de Lacerda	8	2006
A festa do Interior	Luciana Chianca	29	2006
After Thoughts	Glenn W. Erickson	6	2006
Batistas regulares	Francisco Jean Carlos da Silva		2006
Café Filosófico vol. 3	Markus Figueira da Silva	157	2006
Câmara Cascudo: O viajante da escrita e do pensamento nomade	Iza Matias de Sousa	20	2006
Clarões na tela	Marcos Silva e Bené Chaves	133	2006

Dança é educação	Karenine de Oliveira Porpino	160	2006
Decifra-me ou te devorarei	Marcelo Bolsham	160	2006
Esperado ouro	Marize Castro	esgotado	2006
Ética, bioética: dialogos interdisciplinares	Antônio Basílio Novaes Tomaz de Menezes	149	2006
Exercícios Comentados de análise combinatoria	André Gustavo C. Pereira	esgotado	2006
Filosofia e alegria da álgebra	Mary Everest Boole	92	2006
Herdanças de corpo brincantes	Teodora de Araújo Alves	77	2006
Imagens marginais	Bianca Freire Medeiros e Maria Helena Braga Vaz da Costa		2006
Intelectuais, estado e educação	Marta Maria de Araújo e outros	172	2006
Logos e poesis	Sandra S. F. Erickson e Glenn W. Erickson	141	2006
Luis da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal	Pedro de Lima	180	2006
Luiz, o santo ateu	Heloneida Studart	150	2006
Marx, Lukács	Celso Frederico	47	2006
Materiais cerâmicos: caracterização e aplicações	Wilson Acchar	142	2006
Metodologia do trabalho social	Ilza Araújo Leão de Andrade	177	2006
Número e razão	Glenn W. Erickson e John A. Fossa	43	2006
O Nordeste e a epopéia nacional	Alexei Bueno	425	2006
O propósito e a ação	João Wilson Mendes Melo	20	2006
O som do silêncio	Milena Carvalho Bezerra Freire	28	2006
Para sair do dia	Márcio de Lima Dantas	370	2006
Política de memória e informação	Maria Nélida González de Gómez e Evelyn Goyannes Dill Orrico	140	2006
Qualidade de vida urbana em Natal	Maísa Veloso e Gleice A. Elali	105	2006
Surge et ambula	Ângela Lúcia Ferreira e George Dantas	consertar	2006
Um panacum de paradoxos	Glenn W. Erickson e John A. Fossa	15	2006
Vida teatral e educativa da cidade dos Reis Magos - Natal	Sônia Othon	esgotado	2006
113 traições bem intencionadas	Luís Carlos Guimarães	139	2007
A revue des deux mondes	Katia Aily Franco de Camargo		2007
Ação pública, organizações e políticas públicas	Dinah dos Santos Tinôco e outros	5	2007
Além da notícia	Adriano Gomes	136	2007
Alimentos per capita	Maria Odete Dantas de Araújo e Thérzia Maria de Medeiros Guerra	esgotado	2007

Aspectos psicossociais do trabalho dos petroleiros	Lívia de Olivera Borges e Silvânia da Cruz Barbosa	268	2007
Azul grego	Francisco Ivan	216	2007
Câmara Cascudo: 20 anos de encantamento	Daliana Cascudo		2007
Câmara Cascudo, Dona Nazaré & cia	Marcos Silva	240	2007
Comportamento animal	Maria Emilia Yamamoto e Gilson Luiz Volpato	8	2007
Corpo de pedra	Bosco Lopes	358	2007
Em torno da mesa: nutrição de A a Z - cartilha I	Ana Emilia Leite Guedes, Clélia de Oliveira Lyra e Vera Lúcia Xavier Pinto		2007
Entre o carrossel e a lei	Nivaldete Ferreira		2007
Entre sertão e mar: caminhos	Maria José Mamede Galvão	10	2007
Funcionalismo e ensino de gramática	Maria Angélica Furtado da Cunha e Maria Alice Tavares		2007
Gestão da tecnologia da informação	Manoel Veras de Sousa Neto e André Mauricio Cunha Campos	261	2007
Introdução a história do Rio Grande do Norte	Denise Mattos Monteiro	27	2007
Livro de poemas	Jorge Fernandes		2007
No caminho do avião: notas de reportagem aérea (1922-1933)	Luis da Câmara Cascudo	esgotado	2007
O livro didático de história : política educacional, pesquisa e ensino	Margarida Maria Dias de Oliveira e Maria Inês Sucupira Stamatto		2007
Propedeutica neurológica fundamental	Ivanilton Galhardo e Eliedna A. Galhardo		2007
Realidades: direitos humanos, meio Ambiente e desenvolvimento	Rosenite Alves da Oliveira e outros	esgotado	2007
Tempo Físico - a construção de um conceito	André Ferrer P. Martins		2007
Virando a página	Ana Maria Cocentino Ramos	269	2007
12 composições para violão	Alexandre Atmarama	21	2008
A geometria de Euclides a Lobatschewski	Arlete de Jesus Brito		2008
A psicologia social e trabalho em saúde	Martha Traverso-Yepez		2008
As últimas reformas da Previdência Social no Brasil e em Portugal	Odília Sousa de Araújo		2008
Educando e produzindo conhecimento em enfermagem	Edilene Rodrigues da Silva e Rosalba Pessoa de Souza Timóteo	283	2008
Escolha e uso do livro didático - pesquisa interinstitucional	Maria Inês Sucupira Stamotto		2008
Folhas caídas	Marineide Furtado	266	2008
Folhetos de saudade	Antonio Cândido de Almeida		2008

História da Faculdade de Medicina (1955-2005)	laperi Araújo		2008
Lembranças	Vivência Dulce de Araújo Costa		2008
Manual de condutas nutricionais em oncologia			2008
Psicologia social comunitária: aportes teóricos e metodológicos	Magda Dimenstein		2008
Redes vinculares comunicativas	Ângela Chuvas Naschold		2008
Scriptoria 3		368	2008
As ações de nutrição na atenção à saúde - reflexões, desafios e perspectivas	Ana Emilia Leite Guedes		2009
Estado e educação no Brasil (1987-1996)	Tania Cristina Meira da Silva		2009
Geografia & cultura, marxismo, complexidade, ensino, planejamento, saúde	Aldo Dantas		2009
Políticas e práticas educacionais inclusivas	Lúcia de Araújo Ramos Martins, José Pires, Gláucia Nascimento da Luz Pires		2009
Natal: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade	Giovana Paiva de Oliveira e Ângela Lúcia de Araújo Ferreira		2006/08
Vôos de beija-flor	Maria de Fátima de Abrahão Tavares	esgotado	2007/08
A atuação do Estado no desenvolvimento recente do nordeste			
A história da Faculdade de Odontologia	Odilon de Amorim Garcia		
A onda do turismo na cidade do sol			
A terapia da excelência	José Ramos Coelho		
Abordagens em linguística aplicada	Luis Passeggi	esgotado	
Antologia de tradutores norte-rio-grandenses	Nelson Patriota		
Antologia do Padre Monte	Jurandyr Navarro	esgotado	
Artes plásticas do RN	Dorian Gray Caldas	esgotado	
As funções do administrador	Lúcio Teixeira dos Santos	esgotado	
Avaliação no processo de aprendizagem			
Ave Myriam	Celso da Silveira	esgotado	
Cabelos negros, olhos azuis	John A. Fossa		
Cartografias conceituais			
Colóquio barroco			
Cronicas natalenses	vários	esgotado	
Depoimento de Francisco Cabral da Silva sobre a Fundação da Cidade de São Pedro			
Desafios contemporâneos do Direito Internacional			

Desenhos de Jussier	Jussier Ribeiro de Magalhães	esgotado	
Desenvolvimento, segurança e direitos humanos			
Dias climáticos típicos pra o projeto térmico...			
Dinâmica e gestão do território potiguar			
Diretrizes metodológicas		esgotado	
Do Sonho a realidade: 50 anos da Escola de Enfermagem de Natal	Cleide Oliveira Gomes e outros		
Estatuto da criança e do adolescente			
Estórias de distâncias	Monalisa Carrilho de Macedo e Oscar Federico Bauchwitz	esgotado	
Ficcionistas do Rio Grande do Norte		esgotado	
Folhetos de amizade			
Garrancho: obra sertaneja	Aécio Cândido e Crispiniano Neto	esgotado	
Graciliano revisitado			
Gracioso ramalhete	Cláudio A. Pinto Galvão	esgotado	
Imaginário político e território V.2			
Integração: um antigo sonho latino-americano	José Evangelista Fagundes		
Janela aberta		esgotado	
Lagoa do Piató: fragmentos de uma história	Maria da Conceição Almeida e Wani Fernandes Pereira	25	
Letramentos múltiplos			
Linguagem e práticas sociais			
Literatura japonesa		esgotado	
Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada			
Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o...			
Materiais cerâmicos: o que são, para que servem	Wilson Acchar		
Memória do livro potiguar		esgotado	
Múltiplo Mário: ensaios	Maria Ignez Novais Ayala e Eduardo de Assis Duarte	esgotado	
O Corpo e a alma da Cidade: Natal entre 1900 e 1930			
O fim da educação			
O olhar da criança sobre a escola de educação infantil			
Ominho			
Os deserdados da chuva		esgotado	
Padronização de medicamentos			

Poema versus prelúdios			
Poesia Circular			
Política de educação superior			
Por uma razão tensa	Abrahão Costa Andrade		
Práticas inclusivas no sistema de ensino e em outros contextos			
Questões contemporâneas da dinâmica populacional do nordeste	Lára de Melo Barbosa		
Representações sociais e educação: algumas reflexões	Margot Campos Madeira	esgotado	
Ribeira: plano de reabilitação das áreas urbanas centrais	Marcelo Bezerra de Melo Tinôco, Maria D. Sobrinha e Edja Trigueiro		
Rio de sangue		esgotado	
Rito	Marize Castro	esgotado	
Segurança da informação			
Significado do estudo da seca para a UFRN	Terezinha de Queiroz Aranha		
Socialização e cultura política no meio escolar	Adir Luiz Ferreira e outros	esgotado	
Terra e trabalho na história	Denise Mattos Monteiro		
Totoró, berço de Currais Novos			
Trampolim para a vitória	Clyde Smith Junior	esgotado	
Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia	Nísia Floresta	esgotado	
Três ensaios	Edgar Barbosa		
Uma análise da dualidade do produtor salineiro do RN	Francisco das Chagas Paiva Filho	esgotado	
Versos	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	
Vivendo deliberadamente			
A prática e o desenvolvimento da docência na UFRN: perspectivas e dilemas			
Ensaio sobre história econômica do RN			
Recortes: momentos da educação norte-riograndense			
Relações sociais e gênero			
Tempos do vento			
Estrutura do trabalho científico	Maria Regina de Souza Carvalho, João Bosco de Medeiros e Rildeci Medeiros		2008
Livro das Secas Vol.10	Jerônimo Vingt-un Rosado e América Rosado	esgotado	1985
Livro das Secas Vol.11	Jerônimo Vingt-un Rosado e América Rosado	esgotado	1985
Livro das Secas Vol.12	Jerônimo Vingt-un Rosado e América Rosado	esgotado	1985
Livro das Secas Vol.8	Jerônimo Vingt-un Rosado e América Rosado	esgotado	1986

Livro das Secas Vol.13	Jerônimo Vingt-un Rosado e América Rosado	esgotado	1987
Livro das Secas Vol.15	Jerônimo Vingt-un Rosado e América Rosado	esgotado	1987
Coleção Nordestina			
Flor de romances trágicos	Luís da Câmara Cascudo	esgotado	1999
Horto	Auta de Souza	esgotado	2001
Macau	Aurélio Pinheiro	208	2000
A literatura de cordel no Nordeste do Brasil	Julie Cavignac	160	2006
Como melhorar a escravidão	Henry Koster	409	2003
Artigos e Crônicas de Edgar Barbosa Volume I (1927-1938)	Nelson Patriota		2010
Coleção Memória viva			
Memória viva de Dinarte Mariz	esgotado		
Memória viva de Jerônimo Dix-huit Rosado Maia	esgotado		
Memória viva de Luís da Câmara Cascudo	esgotado		
Memória viva de Zila Mamede	esgotado		
Memória viva de Aluízio Alves			1998
Memória viva de Américo de Oliveira Costa	Carlos Lyra Martins	14	1998
Memória viva de Dorian Gray	Carlos Lyra Martins		1998
Memória viva de Oriano de Almeida	Carlos Lyra Martins	81	1998
Memória viva de Tarcísio Maia	Carlos Lyra Martins	30	1998
Memória Viva de Chico Antônio	Carlos Lyra Martins	85	2004
A memória viva de Onofre lopes	Tarcísio Gurgel		2007
Memória viva de Ronaldo da Cunha Lima	Carlos Lyra Martins	163	2002
Coleção Pegagógica			
Coleção Pedagógica Vol. 1 - Projeto político-pedagógico	Maria Doninha de Almeida		2004
Coleção Pedagógica Vol. 2 - Currículo como artefato social	Maria Doninha de Almeida		2004
Coleção Pedagógica Vol. 3 - O sentido das competências no projeto político-pedagógico	Vilma Q. Sampaio F. de Oliveira		2004
Coleção Pedagógica Vol. 4 – Licenciatura	Maria Doninha de Almeida	esgotado	2004
Coleção Pedagógica Vol. 5 - Educação inclusiva: uma visão diferente	Markus Figueira da Silva		2004
Coleção Pedagógica Vol. 6 - Flexibilização curricular	Antônio Cabral Neto		2004

Coleção Pedagogica Vol. 7 - Estágio curricular	Maria Lúcia Santos F. da Silva		2005
Coleção Pedagógica Vol. 8 - Tecendo saberes...	Maria Carmozi de Souza Gomes		2006
Coleção Pedagógica Vol. 9 - A monitoria como espaço de iniciação...	Mirza Medeiros dos Santos		2007
Teatro nordestino Vol. 1	Associação dos Dramaturgos do Nordeste	27	2006
Teatro nordestino Vol. 2	Associação dos Dramaturgos do Nordeste		2007
Globalização e marginalidade Vol. 1			
Globalização e marginalidade Vol. 2			
Globalização e marginalidade Vol. 3			
Coleção História Potiguar			
A república velha no Rio Grande do Norte			
História da aviação no Rio Grande do Norte			
História do Rio Grande do Norte			
O Rio Grande do Norte no senado da República			
História de uma campanha	Edgar Barbosa		2008
Coleção Talento e Polêmica			
Antônio Marinho: esboço biográfico e crítico			
Aurélio Pinheiro: tentativa de estudo crítico e biográfico			
José da Penha: um romântico da República			
Retrato de Ferreira Itajubá			
Um boêmio inolvidável			
Coleção Câmara Cascudo			
Nosso amigo Castriciano			
Viagem ao universo de Luís da Câmara Cascudo			
Vida breve de Auta de Souza			
Vida de Pedro Velho			
O tempo e eu			
Coleção Pesquisa auto-biográfica			
Pesquisa auto Biográfica μ Educação Vol.1 Biografia e Educação – Figuras do indivíduo projeto	Christine Delory-Momberger		
Pesquisa auto Biográfica μ Educação Vol. 2 (Auto)Biografia: formação, territórios e saberes	Maria da Conceição Passeggi e Elizeu Clementino de Souza		
Pesquisa auto Biográfica μ Educação Vol. 3 Tendências da pesquisa (auto)biográfica	Maria da Conceição Passeggi		

Pesquisa auto Biográfica μ Educação Vol. 4 Pesquisa (auto)biográfica e práticas de formação	Elizeu Clementino de Souza, Maria da Conceição Passeggi e Maria Helena Menna B. Abrahão		
Pesquisa auto Biográfica μ Educação Vol. 5 Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente	Maria da Conceição Passeggi e Tatyana Mabel Nobre Barbosa		
Pesquisa auto Biográfica μ Educação Vol. 6 Narrativas de formação e saberes biográficos	Maria da Conceição Passeggi e Tatyana Mabel Nobre Barbosa		
Pesquisa auto Biográfica μ Educação Vol. 7 Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória	Elizeu Clementino de Souza e Maria da Conceição Passeggi		
Coleção Metafísica			
Metafísica: história e problemas	Juar Adolfo Bonaccini,Mara da Paz Nunes de Medeiros, Markus Figueira da Silva, Oscar Federico Bauchwitz	208	2006
O pote e a rodilha	Abrahão Costa Andrade	174	2006
Estudos de neoplatismo	Monalisa Carrilho de Macedo e Oscar Federico Bauchwitz	214	2007
Uma introdução à filosofia moral de Kant			
Coleção EPEN			
Educação Matemática	Atenilde Cunha	esgotado	1995
Formação de professores (1)	Betânia Leite Ramalho e Isauro Beltrán Nuñez	esgotado	
Formação de professores (2)	José Pires e Djanira Brasilino de Souza	esgotado	1998
Educação e comunicação	Marly Amarilha	esgotado	1998
Alfabetização, leitura e escrita		esgotado	
Curriculum	Maria Salomilde Ferreira, João Maria Valença de Andrade e Maria Tereza Moraes	esgotado	
Didática	Celina Maria Bezerra	esgotado	
Educação da criança de 0 a 6 anos		esgotado	
Educação fundamental	Márcia Maria Gurgel Ribeiro e Sandra Borba Pereira	esgotado	
Educação musical	Emília M. Trindade Prestes e Katarina Maria Câmara Martins	esgotado	
Educação popular	Emília M. Trindade Prestes e Katarina Maria Câmara Martins	esgotado	
Estado e política educacional	Antônio Cabral Neto e Maria Doninha de Almeida	esgotado	
Trabalho e educação	Regina Lúcia Freire Oliveira e Dalcy S. Cruz	esgotado	
História da educação	Maria Inês Sucupira Stamotto e Marta Maria Araújo	esgotado	

Coleção Teses e Pesquisa			
A construção social da cidade do prazer : Natal	Edmilson Lopes Júnior	esgotado	2000
Sem medo de dizer não	Alessandro Augusto de Azevêdo		2000
Tear de homens			2000
Natal Século XX: do urbanismo ao planejamento urbano	Pedro de Lima	esgotado	2001
Para a unificação em ciência da motricidade humana	Kátia Brandão Cavalcanti	5	2001
Parâmetros de conforto térmico para edificações escolares	Virgínia M. Dantas de Araújo	esgotado	2001
Representação da estrutura lógica da geometria da cubação	Ângela Maria Paiva Cruz	24	2001
Barra de tabatinga	Francisca de Souza Miller	128	2002
Visões de república	Almir de Carvalho bueno	esgotado	2002
Analise bioenergética	Djackson da Rocha Bezerra	300	2003
Corporeidade e educação física	Terezinha Petrúcia da Nóbrega	esgotado	2005
Traduções via teoria da prova: aplicações à lógica linear	Maria da Paz N. de Medeiros		
Anais, Revistas, Periódicos e outros			
Anais – Mulher e literatura	Constância Lima Duarte		1995
Anais – Educação e Inovação tecnológica	UFRN		1996
Anais – II colóquio Franco-Brasileiro	UFRN		1996
Anais: II Congresso Brasileiro de Etnomatemática (CBEm2)	Bernadete Morey		2004
I Coloquio Brasileiro de Matematica	John A. Fossa		2005
II Colóquio de Matemática			2005
Anais – O Papel da avaliação na gestão Universitária	Universidade de Quebec/UFRN		1993
Tempo Universitário (Revista – UFRN – 1980		esgotado	1980
Síntese cronológica da UFRN (1958-1988)	Verríssimo de Melo	esgotado	1991
Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI / UFRN)		esgotado	1999
Atividades de extensão Universitária vol.2	UFRN		1993
Banco de Dados-Guia de Fontes Científicas da UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte		2007
Aula magna V.2			
Revista do Ceres	UFRN	258	1997